



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

TECENDO NARRATIVAS:
vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar
(1964 a 1975)

LUCÉLIA NÁRJERA DE ARAÚJO

CAMPINA GRANDE/PB
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

TECENDO NARRATIVAS:
vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar
(1964 a 1975)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do grau de Mestre na área de História, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Regina Coelli Gomes do Nascimento.

CAMPINA GRANDE/PB
2013

A663t Araújo, Lucélia Nárjera de.

Tecendo narrativas : vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar (1964 a 1975) . / Lucélia Nárjera de Araújo. – Campina Grande - PB: [s.n], 2013.

156 f. : il.

Orientadora: Professora Dr^a Regina Coelli Gomes do Nascimento.

Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades; Programa de Pós-Graduação em História.

1. História cultural. 2. Movimento estudantil. 3. Ditadura Militar. 4. Resistência estudantil – PI. 5. Juventude Universitária de Teresina – PI. I. Título.

CDU: 930.85(043)

LUCÉLIA NÁRJERA DE ARAÚJO

TECENDO NARRATIVAS: vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar (1964 a 1975)

Dissertação de Mestrado aprovada em defesa pública em 29 de abril de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Regina Coelli Gomes do Nascimento
Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Examinador (a) Externo

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinador Interno

Este trabalho é dedicado às minhas irmãs e irmãos pelo apoio e carinho que sempre me destinaram.

AGRADECIMENTOS

A escrita é uma atividade solitária, mas que envolve muitos sujeitos. São esses sujeitos envolvidos direta e indiretamente na trajetória desse trabalho a quem quero agradecer.

Agradeço a Deus, minha força maior em todos os momentos da vida, por me amparar nas horas de incertezas.

À minha família, irmãos e irmãs pelo apoio e incentivo. À minha mãe Maria Tomazia (in memoria), pois muito do que conquistei devo a seus esforços. A meu pai, José Batista de Araújo, pela transmissão dos seus ensinamentos e valores humanos. Agradeço, especialmente, às minhas irmãs, Deusa Helena e Maria Francisca, pelo amor e amparo às minhas necessidades afetivas e financeiras, sobretudo pela paciência e compreensão nas horas de estresse durante a escrita.

À minha amiga, Daniela Felix, pela amizade sincera e pelo incentivo ao longo dessa caminhada, que desde a graduação esteve sempre disponível nos momentos de angústia e de conquistas.

À amiga, Pollyana Dantas, pela companhia e amizade, que amenizou a solidão durante a estada em Campina Grande, pelas conversas frutíferas, pelas horas de estudo compartilhadas e sugestões de escrita. E à sua família pela acolhida afetuosa.

À minha orientadora, Professora Doutora Regina Coelli Gomes do Nascimento por ter aceitado me acompanhar nesta caminhada, de forma generosa, atenta e intelectualmente criativa. Agradeço pela dedicação e rigor nas leituras e por suas sugestões preciosas.

Aos membros da Banca de Qualificação, professor Doutor Jomar Ricardo da Silva e professor Doutor Iranilson Buriti, agradeço pela leitura crítica e sugestões, sobretudo pela oportunidade de crescimento intelectual.

Aos que me concederam entrevistas, espero ter conseguido absorver parte da riqueza da experiência vivida nos de 1960 e, através da escrita, contribuir minimamente para que gerações mais recentes conheçam um pouco daqueles anos de utopia e repressão.

Aos colegas do mestrado, pelo bom astral e companhia: a inteligência discreta de Gláucia e Muriel, a erudição de Roberg, a amizade de Kledna e Francimeire, o bom-humor de Alionália, Hilmária, Janailson e Gutemberg. Obrigada pela convivência agradável.

Ao amigo Benilton pelo companheirismo desde a seleção de mestrado à conclusão do trabalho, pelos empréstimos de livros, que me auxiliaram bastante na escrita.

À Evanilde, funcionária do Arquivo do Jornal O Dia, eficiente e solícita. Aos funcionários do Arquivo Público do Piauí pela disponibilidade em ajudar.

Aos amigos que me apoiaram e estiveram presentes, mesmo de forma indireta, na trajetória desse trabalho: Cláudio Melo, Edson André, Érica Lins, Evalda e Márcia Meireles.

À amiga Josélia Rocha, agradeço pela leitura atenta e revisão do trabalho.

Também agradeço à Secretaria de Educação e Cultura do Piauí pelo apoio financeiro que viabilizou a realização do mestrado e da pesquisa.

RESUMO

Neste trabalho analisamos as transformações socioculturais vivenciadas pelos estudantes da FAFI e UFPI em Teresina entre os anos de 1964 a 1975. O recorte temporal foi assim delimitando porque nesse período o Brasil estava vivenciando uma efervescência cultural e ao mesmo tempo um cenário político conturbado marcado pela ditadura militar, que favoreceu a emergência de uma militância estudantil no meio universitário. Desta forma problematizamos como a juventude universitária de Teresina experimentou esses anos e recepcionou novos saberes, práticas, valores e comportamentos diante do discurso disciplinar da ditadura militar e das mudanças culturais que emergiram no período. Para tanto fizemos uma análise da configuração do ensino superior em Teresina. Em seguida, analisamos as táticas de resistência empreendidas pelos jovens para contestar as estratégias dos militares e, por fim como os jovens se conectaram com as novidades que circulavam no Brasil. Metodologicamente utilizamos as fontes hemerográficas pesquisadas no Arquivo Público do Piauí, Arquivo do Jornal O Dia, Arquivo da Cúria Metropolitana. Usamos os jornais O Dia, O Estado e O Dominical, empregamos ainda a metodologia da história oral, coletamos entrevistas de sujeitos que estudaram na FAFI, visando perceber como eles significam sua vivência e experiência desse período. O trabalho está ambientado na História Cultural, tendo como aporte teórico-metodológico Michel de Certeau sua concepção de táticas e estratégias, Roger Chartier a noção de recepção, Halbwachs para pensarmos a questão da memória coletiva. Através desta pesquisa foi possível visualizar as especificidades da militância universitária em Teresina, as lutas e táticas empreendidas pelos estudantes para contestar a ordem estabelecida e os comportamentos juvenis configurados a partir da recepção das mudanças culturais vivenciadas no Brasil.

Palavras-chave: Juventude. Estudantes. Ditadura Militar. Comportamentos.

ABSTRACT

In this study we analyzed the socio-cultural transformations experienced by students at FAFI and UFPI in Teresina between the years 1964 and 1975. The time frame was thus outlining because in this period Brazil was experiencing a cultural effervescence and, at the same time, a troubled political scenario marked by the military dictatorship that favored the emergence of a student militancy at the universities. Thus it was discussed how the college youth in Teresina experienced these years and welcomed new knowledge, practices, values and behaviors before the disciplinary discourse of military dictatorship and the cultural changes that emerged in the period. Therefore we analyzed the configuration of higher education in Teresina. Then we analyzed the tactics of resistance undertaken by young people to challenge the strategies of the military and ultimately how young people have connected with the news circulating in Brazil. Methodologically we used sources surveyed in the Public Archives of Piauí, O Dia Newspaper Archive, Cúria Metropolitana Archive. We used the newspapers O Dia, O Estado and O Dominical, and also used the methodology of oral history, collected interviews from people who studied at FAFI, aiming to understand how they signify their living and experience of that period. The work is set in the Cultural History, with the theoretical and methodological contribution of Michel de Certeau with his conception of tactics and strategies, Roger Chartier's notion of reception, and Halbwachs to think through the issue of collective memory. Through this research it was able to see the specifics of the university militancy in Teresina, the struggles and tactics undertaken by students to challenge the established order and the juvenile behavior configured from receipt of the cultural changes experienced in Brazil.

Keywords: Youth. Students. Dictatorship. Behaviors.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI – Ato Institucional
ASA – Ação Social Arquidiocesana
CADES – Campanha Nacional de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CCEP - Centro Colegial dos Estudantes Piauienses
CELAM - Conferência Episcopal Latino-Americana
CNEC - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
COHAB – Companhia de Habitação Popular
DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social
DCE – Diretório Central dos Estudantes
DNE - Diretório Nacional dos Estudantes
FAFI- Faculdade de Filosofia do Piauí
GEG – Grupo de Estudos Gerais
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JAC – Juventude Agrária Católica
JEC - Juventude Estudantil Católica
JIC – Juventude Independente Católica
JOC – Juventude Operária Católica
JUC - Juventude Universitária Católica
MEC-USAID – Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for International Development (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional).
PET – Programa de Educação Tutorial
PC do B – Partido Comunista do Brasil
SNI – Sistema Nacional de Informação
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UNE – União Nacional dos Estudantes
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. “O PIAUÍ CLAMA POR SUA UNIVERSIDADE” : (re) construindo novas subjetividades estudantis em Teresina-PI.....	28
1.1. A configuração do ensino superior na década de 1960 e início de 1970 em Teresina. .	29
1.2. Consumindo espaços e tecendo valores: as vivências oportunizadas pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na memória dos seus ex-discentes.....	54
2. “A UNIVERSIDADE SE DESTINA AOS ESTUDANTES E NÃO A POLÍTICOS” : a juventude universitária configurando comportamentos e subvertendo valores na FAFI e UFPI.	68
2.1. Antidisciplina na FAFI: subversão e militância estudantil.	69
2.2. Espaço consentido: desarticulação estudantil nos primeiros anos da UFPI.	92
3. “MEU DEUS DO CÉU, MEUS NETOS VÃO ANDAR NUS” : comportamento e práticas da juventude universitária da FAFI e UFPI.	99
3.1. Dos fascículos semanais à TV Clube: a influência da mídia na juventude teresinense.	101
3.2. Experimentações culturais e subversão de valores: vivências jovens em Teresina nos anos 1960 e 1970.	126
Considerações Finais	143
REFERÊNCIAS	150

INTRODUÇÃO

Ao lançar um olhar curioso sobre a década de 1960 sou movida pelos discursos saudosistas ouvidos e lidos de sujeitos que o vivenciaram enquanto jovens, que ressaltam o entusiasmo diante uma realidade em processo de mudança, num período em que o novo foi o adjetivo que guiou o comportamento e os valores dos jovens desse período, ao tempo em que muitos deles se representam como uma geração distinta das demais. “Anos rebeldes”, definição que caracteriza uma geração¹ movida por sonhos, engajamento político, doação, militância estudantil, em que a mídia esteve voltada para as atitudes dos jovens urbanos para dar visibilidade a uma nova postura política, a uma nova forma de produzir e consumir a cultura, que se apresentaram como mutações comportamentais.

Então, guiada por estas representações de uma época, desde cedo fui seduzida por esse período pelos discursos que o nomeavam. Quando surgiu a necessidade da escolha de um tema para projeto de pesquisa no curso de especialização em História do Brasil, realizado na Universidade Federal do Piauí em 2005, o recorte temporal foi definido antes que a temática, e a opção por esta temática deveu-se à consciência do que mais me seduzia no período era o modo como imaginava que a juventude tinha vivenciado, das experiências conhecidas. E as imaginações sobre a época foram elaboradas também a partir da minissérie “Anos Rebeldes”,² apresentada pela Rede Globo, cujas tramas e utopias dos jovens estudantes me envolviam na adolescência e despertaram a empatia pelo período, devido à admiração pelo heroísmo com que eram representados os jovens daquela geração.

Ao entrar em contato com leituras sobre a década de 1960 algumas questões me inquietavam, entre elas, a maior era saber o que analisar de um período já bastante estudado, dito e discutido pela historiografia brasileira. O grande receio era direcionar o foco sobre palcos sociais, tantas vezes visualizados, e correr o risco de simplesmente reproduzir discursos cristalizados. Essas questões foram sendo diluídas no decorrer das leituras, pois, em meio à diversidade de discursos, percebi que a maioria deles estava direcionada para os acontecimentos das grandes cidades do Brasil. A partir dessa concepção, se configurou a ideia

¹ A noção de pertencimento a uma geração é pensada aqui a partir do que ressalta Maria Inés Mudrovic, que cita a concepção de Ricoeur de que a geração são indivíduos expostos às mesmas experiências e influenciados pelos mesmos acontecimentos. (MUDROVIC In: AZEVEDO, 2009. p.106).

² “Anos Rebeldes” foi uma minissérie escrita por Gilberto Braga e Sérgio Marques, apresentada pela Rede Globo no período de 14/07/1992 - 14/08/1992, que aborda a luta contra o regime militar brasileiro a partir do romance entre dois jovens com projetos de vida diferentes. A minissérie tem como cenário o Rio de Janeiro no conturbado período político vivido pelo Brasil durante a ditadura militar de 1964 a 1979.

de buscar entender, através das memórias dos que vivenciaram esse período, como a juventude estudantil vivenciou as mudanças políticas e culturais por que estava passando o Brasil num cenário social pouco iluminado pela mídia e pela escrita: Teresina. Um espaço cujos acontecimentos políticos e manifestações culturais não repercutiram com a mesma intensidade das grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, centros culturais que concentravam as maiores universidades nos anos 1960.

Parte da produção discursiva em torno da década de 1960, elaborada por estudiosos do período, a considera como singular na história do Brasil e do mundo ocidental, por ter ocorrido mudanças significativas advindas com a emergência das inovações tecnológicas, com transformações na percepção da economia, arte, cultura, valores e que refletiu na mudança de comportamento de uma geração. Desta forma, falar da década de 1960 e 1970 do século XX nos encaminha a pensar mudanças, revoluções que subjetivaram novos sujeitos e redirecionaram sociedades do mundo inteiro. Um período marcado por transformações culturais, comportamentais, por esperanças e entusiasmo dos jovens que habitavam as cidades grandes do Brasil, onde parcela deles experimentou situações inéditas que redefiniram seus valores diferenciando sua geração das anteriores. Segundo Carmo (2001, p.77), os anos de 1960 foram distintos por manifestações e contestações juvenis na forma de gerir a política, a economia, a família e a sexualidade de homens e mulheres. Os jovens levantaram a bandeira de luta contra o autoritarismo e as instituições em que ele mais se fez sentir: a família, escolas e universidades.

A rebeldia jovem foi um estilo que caracterizou essa geração de 1960. As modificações nos comportamentos e valores de muitos jovens em todo o mundo propiciaram sua denominação de “anos rebeldes”, e 1968 é representado como símbolo maior daquela década. Período em que, segundo Zuenir Ventura (1988), os jovens participaram dos acontecimentos com uma intensidade nunca vista antes na História; a juventude foi protagonista de revoluções nos costumes.

As mudanças experimentadas pelos jovens dessa geração contribuíram para o surgimento de uma juventude transgressora, que em muitas situações burlou as expressões e ações normativas no campo cultural, político, familiar; buscaram romper com as formas dominantes de pensamento e com os valores consagrados. Ao refletir acerca das mudanças nos costumes da juventude dos anos 1960, Maria Paula Araújo ressalta:

Ao longo dos anos 1960, a vida nas universidades e os movimentos estudantis propunham também uma revolução nos padrões de comportamento, na forma de viver e de amar. A pílula anticoncepcional deu às jovens da época uma liberdade

sexual até então desconhecida. O sexo e o prazer podiam ser praticados sem medo das consequências de uma gravidez não desejada. [...] A década de 1960 foi também a década dos hippies, das experiências comunitárias, do amor livre, das drogas. (ARAÚJO, 2007, p.197)

Um mundo novo se apresentou aos jovens urbanos, sobretudo aos que frequentaram universidades e se engajaram em movimentos estudantis, proporcionando novas percepções de vida a partir do surgimento de instrumentos que os ajudavam a transgredirem as normas sociais e a se rebelarem contra os padrões vigentes, como a pílula anticoncepcional que favorecia a prática do sexo antes do casamento, sem maiores riscos de uma gravidez. A disseminação do movimento hippie envolveu jovens do mundo inteiro e influenciou a adoção de um novo estilo de vida desligado das convenções sociais como a virgindade e o casamento. Os hippies foram guiados pelas palavras de ordem “paz e amor”, defenderam a busca do prazer e da liberdade, condenaram a guerra, a sociedade de consumo e os padrões familiares, tornaram-se a principal expressão da contracultura.

Contracultura foi a denominação utilizada pela imprensa norte-americana para designar as novas manifestações culturais surgidas no mundo que se opunham à cultura vigente e às instituições sociais (ZAPPA; SOTO, 2008). No Brasil, emerge como movimento contracultural o Tropicalismo, que é recepcionado pelos jovens de diferentes cidades e consumido em intensidades diferentes no final da década de 1960.

Nos anos 1960 os estudantes de vários países da Europa, da América Latina, dos Estados Unidos e do Japão “destacaram-se no cenário político contestando a sociedade, bem como seu sistema escolar universitário. Pôs em questão a cultura em seus variados aspectos: costumes, sexualidade, moral e estética” (CARMO, 2001, p. 77). Da mesma forma, Heloísa Buarque de Hollanda (1999) descreve a década de 1960 como um período de intensa mobilização social, marcada por clara militância política e cultural, uma sociedade que buscava através da produção cultural, da arte e da política alternativas para se localizar frente a um novo quadro conjuntural formado a partir do golpe militar de 1964. O golpe dá início a um novo regime político no Brasil marcado pela repressão e censura às liberdades de expressão, regime que se espalhou pela América Latina, na mesma década, que significou um ingrediente a mais para as contestações da juventude que se estenderam pelo mundo.

Zuenir Ventura vê a década de 1960, sobretudo o ano de 1968, como tempos de mutações e rupturas. Ele percebe aquela geração como utópica e romântica, “que buscava, sobretudo, a felicidade pela mágica da revolução” (VENTURA, 1988, p.14). Uma geração que não percebia limites em suas atitudes. Ele afirma em relação à geração de 1968 que

“poucas – certamente nenhuma depois dela lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia. Ela experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos” (VENTURA, 1988, p.14).

Maria Paula ao refletir sobre a ideia da expressão que dá título ao livro de Zuenir Ventura – “1968: o ano que não terminou”; concorda com a opinião de que o referido ano ficou inacabado no Brasil, “Sufocado nos anseios e nas energias liberadas, o ano de 1968 teria ficado, portanto, estranhamente inacabado” (ARAÚJO, 2007, p.161), pois segundo a autora ele começa com enormes motivações, grandes propostas e grandes esperanças, mas fora sufocada pelo Ato Institucional nº 5. O ano de 1968 se tornou sinônimo de uma rebelião estudantil mundial, de acordo com Maria Paula, o símbolo maior da rebelião estudantil foi o maio de 1968 na França – que marca o início de uma onda de manifestações estudantis que envolvem estudantes universitários, professores, intelectuais, artistas, estudantes secundaristas.

A afirmativa de Zuenir Ventura de que “a geração de 1968 experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais”, se a percebermos pelo viés generalizante que o termo geração implica é passível de contestação, por repassar a imagem de que todos os jovens do período vivenciaram o ano de 1968 de forma utópica e intensa. Certamente nem todos os jovens do período foram revolucionários, e nem perceberam e significaram as mudanças pelas quais a sociedade estava passando da mesma forma. Mas é difícil ignorar que, se houve uma característica que singulariza aquela geração, certamente ela está relacionada à sua explosão em “revolta contra o poder nas suas várias dimensões: revolta dentro de casa contra a geração dos pais; revolta contra as formas de cultura e artes dominantes; revolta contra os padrões de comportamento vigentes” (SIRKIS, 1999, p.111).

Essa onda de revolta contra os padrões sociais vigentes que banha o Brasil chega a Teresina e respinga nos estudantes das faculdades. E esse espírito contestador que se manifesta entre a juventude universitária também se fez presente no meio estudantil da Faculdade de Filosofia do Piauí na década de 1960, e em menor proporção entre os estudantes da recém-criada Universidade Federal do Piauí em 1971, que passam a organizar táticas para burlar as normas disciplinares e contestar a ordem vigente, timidamente e numa proporção menor das que ocorriam nos centros universitários das grandes capitais brasileiras.

As mudanças que ocorreram, sobretudo no ano de 1968, não isoladamente, direcionaram para a diversidade dessa geração. Pois, surgiram nesse período grupos que se individualizaram pelos seus ideais, pelo modo diferente de sentir e perceber a vida, momento

que coincide com a emergência dos movimentos sociais: feminismo, hippies, gays. Conforme destaca Hall, “constitui o nascimento da política de identidade onde cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores” (HALL, 2006, p. 45). Este autor em esboço acerca das teorias sociais e das ciências humanas, ocorrida na chamada modernidade tardia, destaca o feminismo como o quinto elemento que teve uma relação direta e que contribuiu para o descentramento do sujeito cartesiano. Assim enfatiza:

O feminismo faz parte daquele grupo de ‘novos movimentos sociais’ que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários de ‘Terceiro Mundo’, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com ‘1968’. (HALL, 2006, p. 44).

A década de 1960 foi palco para inúmeros movimentos sociais como os destacados por Stuart Hall (2006); revoltas estudantis, movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, alguns deles direcionaram a vida de muitos jovens pelo mundo. Esses movimentos chegaram a diversas partes do mundo e influenciou, com intensidade diferente, o modo de vida e lutas de uma geração de jovens. As mudanças do período possibilitaram a emergência de novos grupos sociais, referidos anteriormente, onde cada grupo lutava por seus interesses. Mas, houve pontos que congregaram os interesses de muitos jovens como a luta pela melhoria da educação através do aumento de vagas nas universidades, a mudança nas estruturas universitárias, o que propiciou a organização de um movimento estudantil numeroso. Havia, portanto, uma multiplicidade de conceitos e ideais à disposição dos jovens o que estimulava um ambiente de discussão sobre essa diversidade que chegou mesmo nos ambientes universitários controlados por um regime ditatorial como o caso das universidades brasileiras e se espalhou, em proporções diferentes, por todo o Brasil.

Em Teresina as opiniões antibelicistas, as lutas pelos direitos civis e pela paz que circularam o mundo esteve presente nas discussões da Faculdade de Filosofia do Piauí e suscitaram debates através das atividades de extensão organizadas nos finais de semana, que incluíam reuniões e debates com a comunidade sobre a realidade social do Brasil. Esses debates promovia na instituição um ambiente de reflexão e conscientização dos estudantes acerca dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

O ano de 1968 não é o foco da atenção do presente trabalho, as reflexões apresentadas acerca dele e sobre a década de 1960 se justificam pela intenção em mostrar a leitura que prevalece sobre o referido ano e traçar um quadro sintético sobre o período, que é marcado

por rupturas e mudanças significativas. Sua importância maior consiste em contribuir para contextualizarmos o nosso objeto de estudo, sem nos esquecermos das especificidades regionais e locais que marcam um país como o Brasil.

Os anos de 1960 é um momento histórico tido por Hall (2006) como o marco da modernidade tardia, tamanha foi a representatividade das mudanças subjetivadas pelos sujeitos que o vivenciaram. Devemos considerar que os acontecimentos desse ano foram reflexos dos anos anteriores e refletem até os dias atuais. Ele não existiu de forma isolada, foi o ponto culminante de uma década de movimentos juvenis que se espalharam por quase todo o planeta, provocando mudanças comportamentais entre jovens de diferentes partes do mundo (ARAÚJO, 2007). Desta forma, questionamos se os jovens de Teresina, por terem vivido uma realidade social e um cenário universitário diferente dos principais centros culturais do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, se integraram numa militância estudantil e questionaram a política repressiva do regime militar instaurado em 1964.

No Brasil, o ambiente da censura promovido pelo regime ditatorial então no poder “permitiu um engajamento dos jovens contra a repressão e limitação da liberdade imposta pelos militares, os estudantes tornaram-se o setor mais atuante de oposição à ditadura” (ZAPPA; SOTO, 2008, p. 228). Havia, portanto, um ingrediente a mais no Brasil para somar às contestações contra a ordem estabelecida. José Dirceu, militante estudantil no período, em depoimento à Folha de São Paulo destaca que o maior legado dos acontecimentos de 1968 é cultural. Acerca da atuação do movimento estudantil ele ressalta

A agitação estudantil foi um amplo movimento cultural que expressou as transformações que ocorriam, naquela época, no Brasil. O país atravessava um processo de modernização e urbanização, criando uma sociedade de consumo que ansiava por mudanças estruturais. Mas tudo isso era reprimido por uma onda conservadora. (DIRCEU, apud: ZAPPA; SOTO, 2008, p. 230).

José Dirceu participou ativamente do Movimento Estudantil no Brasil na década de 1960 e analisa a agitação estudantil como reflexo e expressão das transformações culturais que ocorriam pelo mundo, resultantes de inovações que promoveram a modernização e urbanização no Brasil. Tendo em vista que nesta década, principalmente a partir de 1968, emergiu algumas condições materiais como: o aumento e diversificação das classes médias; a crescente urbanização, consolidando o modo de vida e culturas típicos de metrópoles; o maior acesso ao ensino superior; a presença expressiva da juventude na composição etária da população, que criavam um ambiente propício as diversificadas ações culturais e políticas

transformadoras (RIDENTI, 2009, p. 83). E, aliado a esse cenário mundial, os projetos de caráter desenvolvimentistas implantados pelos militares promoveram crescimento econômico e urbanização em diversas cidades do Brasil. Segundo Marcelo Ridenti (2009) a sociedade brasileira saiu da condição predominantemente rural até 1950 e tornou-se urbana na década de 1970 e, viveu um dos processos de urbanização mais rápidos da história.

Mas a euforia desenvolvimentista que refletia no aumento de consumo dos brasileiros e despertou um novo estilo de vida, permitindo maior expressão de liberdade, também traria problemas sociais, econômicos e culturais e se contrapôs ao controle exercido pelos militares através da censura e perseguições políticas. Tal situação resultou em choques constantes com os estudantes, que direcionaram muitos jovens para ações clandestinas.

Os anos de 1960 são marcados também por feitos como a chegada do homem à lua e por profundas mutações e inovações no campo dos costumes, com avanços tecnológicos, rebeliões estudantis e emergência de novas linguagens artísticas que refletiu em transformações na vida e na percepção das pessoas, possibilitando mudanças no cotidiano dos sujeitos que viviam em cidades grandes e médias que tinham contato com essas inovações. Pois, conforme Edwar Castelo Branco (2005) o momento cultural mundial que se constituiu a partir de 1960 foi majoritariamente urbano. Sobretudo, tais mudanças foram perceptíveis entre alguns jovens que se destacaram nesse cenário ao contestar a sociedade disciplinar, os valores conservadores e lutar por transformações sociais, pondo em questão a cultura em seus variados aspectos: costumes, sexualidade, moral e estética. Foi um momento em que, segundo Teresinha Queiroz (2006, p. 274), “a juventude se torna protagonista principal de sua própria trajetória, fazendo ver e valer sua nova presença no mundo”.

Parcela dos jovens participou efetivamente do processo de resignificação da realidade frente às novas subjetividades que emergiram no cenário dos anos 1960, provocando mudanças efetivas de comportamento, sobretudo, na geração jovem que frequentava espaços de sociabilidades e de disseminação de conceitos como escolas e universidades. Então, a partir de uma leitura dos anos 1960 como um período singular da história no século XX, pela intensidade dos acontecimentos referidos anteriormente e comungando da percepção de que as universidades e faculdades por servirem de veículo de disseminação de ideias, por serem responsáveis pela formação cultural, foram também espaços e lugares que receberam com mais velocidade as mudanças comportamentais e favoreceram aos estudantes a adoção de uma postura crítica e contestadora frente ao novo cenário político, social e cultural que se configurou; problematizamos como os estudantes que vivenciaram a Faculdade Católica de Filosofia entre os anos de 1964 a 1970 e estudantes da Universidade Federal do Piauí entre os

anos de 1971 a 1975 se posicionaram frente às mudanças que estavam emergindo no Brasil, uma vez que a realidade acadêmica em Teresina se distanciava da vivida nos centros culturais das grandes capitais do país.

Como o foco do trabalho é questionar como os jovens estudantes das Faculdades de Filosofia e posteriormente Universidade Federal do Piauí vivenciaram as transformações culturais nas décadas de 1960 e início de 1970 é pertinente refletir sobre a concepção de cultura presente no trabalho. Em meio à complexidade e polissemia que o termo envolve, o considerarei de acordo com Maria Stella Bresciani, para quem, em meio às transformações da modernidade, a palavra cultura tem seu significado alterado para;

[...] finalmente, vir a significar toda uma forma de vida material, intelectual, e espiritual, onde se encontram propostas de mudanças e resistências a essas propostas, e mais, as alterações efetivamente produzidas. Em outros termos, abarca uma ampla gama de conteúdos que compõem o registro da experiência humana moderna. (BRESCIANI, In: PAIVA; MOREIRA, 1996, p.38).

É notório que a cultura de uma sociedade é evidenciada na vida material desta e, num estudo sobre a década de 1960 em que as condições materiais criaram um ambiente propício as diversificadas ações culturais, não podemos deixar de abordá-la por ela estar no centro das transformações ocorrentes naquele momento, com seus aportes materiais e intelectivos cujas marcas eram expressas pelo consumismo que se disseminou pelo mundo alterando as relações dos homens entre si, no âmbito da vida cotidiana e nas dimensões sócio-políticas. Nesse período conviveram propostas de mudanças e de oposição à cultura vigente, sugeridas em parte pela juventude universitária, propagada pela música, com o surgimento de outros estilos musicais que ajudaram a consolidar novos valores, influenciaram nas vestimentas, na estética, na forma de ser, sentir e pensar de jovens de uma geração.

Na década de 1960 emerge um embate no campo da cultura, de um lado as novas manifestações que se opunham a cultura vigente, num movimento denominado de contracultura, e do outro, resistências a essas propostas de mudanças apoiadas na sociedade conservadora e em meio a esses embates os jovens passaram a consumir uma cultura diversificada. Desta forma, a perspectiva de Bresciani de significar a cultura como forma de vida material, intelectual e espiritual em que comporta propostas de mudanças e resistências é pertinente a um trabalho que propõe refletir como as inovações inseridas na vida material de uma sociedade, a partir do surgimento de novas tecnologias e linguagens artísticas, provocam

alterações efetivas no modo de viver de uma geração de jovens de Teresina, alterando seus comportamentos e valores.

O interesse central do presente trabalho é problematizar a emergência de novos saberes, práticas, valores e comportamentos vivenciados pelos jovens universitários da FAFI e UFPI, frente ao discurso disciplinador, imposto pela ditadura militar no período de 1964 a 1975. Para responder tal propósito o trabalho será guiado pelos seguintes questionamentos: Como estava configurado o ensino superior em Teresina? Quais táticas de lutas e subversões foram elaboradas frente às estratégias de controle dos militares? Quais costumes emergiram entre os jovens a partir do consumo das novidades que chegavam até eles pelo cinema, pela televisão, pelo rádio, pelas revistas?

Os questionamentos supracitados encaminham a compreender como esse grupo de jovens incorporou e adaptou ao seu cotidiano essas mudanças culturais vivenciadas no Brasil. Eles nos conduzem a refletir sobre as táticas empreendidas por sujeitos que em contato com um mundo em transformação constituem-se a partir de novos sonhos, novas concepções de mundo em torno de si, de seus corpos, de seus desejos, elaborando em suas “artes de fazer” (CERTEAU, 1994, p. 31) formas de micro resistências às instancias irradiadoras de poder. Instâncias representadas pela família, pela Igreja, escola e sociedade pautadas em valores conservadores.

Para responder aos questionamentos foram utilizadas além das fontes orais, as fontes hemerográficas, consultadas no Arquivo Público do Piauí, Arquivos do Jornal O Dia, as edições digitalizadas do Estado Interessante, este um suplemento dominical do Jornal O Estado, cedidos pelo PET História da UFPI. Arquivos digitais da revista Veja, consultados da internet. Jornais que circularam em Teresina entre os anos 1964 a 1975; foram analisadas as edições dos jornais O Dia, O Estado do Piauí, O Dominical, O Estado Interessante. Além de pesquisas a dissertações consultadas na Biblioteca Central da UFPI. As fontes orais foram levantadas através de entrevistas temáticas a ex-discentes da Faculdade de Filosofia do Piauí que lá estudaram entre os anos de 1964 a 1970 e estudantes da Universidade Federal do Piauí entre os anos de 1971 a 1975. Foi utilizado ainda um livro dos Anais do Congresso: “Presente do Passado: a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na história da educação no Piauí”, em que consta depoimentos de muitos sujeitos que fizeram parte da Faculdade de Filosofia. Conforme Verena Alberti (2010) ouvir as fontes orais através de entrevistas temáticas se justificou pela necessidade de preencher lacunas sobre o problema proposto deixado pelas fontes documentais.

A realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado possibilita o conhecimento dos modos de vida de atores de uma geração e se constitui como fonte histórica que permite reconstituir a história de vários aspectos e momentos da vida cotidiana de pessoas e grupos sociais. O uso de relatos orais se justifica ainda por esses serem capazes, segundo Alberti (2010, p.163), de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social.

Analisamos que um dos aspectos da história oral é tornar visíveis experiências individuais e coletivas, por ela tratar, sobretudo, do registro de como uma pessoa analisa sua experiência. Avalio que o depoimento oral traz à tona lembranças carregadas de subjetividades, conforme expõe Maurice Halbwachs (1990, p.71) “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Deste modo, Halbwachs traz importantes contribuições para pensarmos a relação presente-passado instituída na memória e que interfere significativamente no curso da narrativa das lembranças, uma vez que essas são (re) tecidas pela memória no tempo presente. Já que se há contemporaneidade entre o testemunho e o historiador, existe por outro lado uma distância temporal entre a ação de testemunhar e a ação contada pela testemunha. Assim, consideramos o ato de lembrar não como um ato de reviver algo estático no passado, conservado em sua inteireza, mas como uma ressignificação das experiências do passado com imagens e percepções do presente. Portanto, o ofício da memória não é lembrar, recompor o que houve e, sim reconstruir, relembrar segundo uma criação. É nessa perspectiva que as memórias narradas pelos ex-discentes da Faculdade Católica de Filosofia e da Universidade Federal do Piauí foram vistas, como uma narrativa das experimentações juvenis vividas no passado e (re) significadas pelo olhar do presente.

Mais uma vez recorremos à percepção de Alberti (2010, p.170) quando esta informa que cabe ao historiador estar atento ao fato de significados atribuídos a ações e escolhas do passado serem determinados por uma visão retrospectiva, que confere sentido às experiências no momento em que são narradas. Ela ressalta ainda que para se trabalhar com a história oral é preciso reconhecer os paradigmas que estão na sua base, e um deles é ter claro que a entrevista não é um retrato do passado. Nesta perspectiva analisaremos que as memórias que nos chegam hoje dos sujeitos que vivenciaram os anos 1960 e 1970 do século XX, em Teresina, são filtradas por experiências presentes, carregadas de tensões, conflitos,

recordações que permanecem vivas na memória dos que experienciaram as mudanças comportamentais de um tempo repleto de novidades e ao mesmo tempo a repressão imposta por uma ditadura civil-militar que limitava e moldava a ação dos jovens. Tais memórias (re)significadas pelos narradores através dos relatos orais sobreviverão sobre o olhar de uma história reconstruída.

Assim, a metodologia da história oral pode ser útil para se analisar trajetórias de vida de indivíduos pertencentes a uma geração e para isso precisamos recorrer às memórias desses sujeitos. Para tal, torna-se fundamental a discussão em torno das relações entre história e memória. Nesse sentido dialogaremos com Pierre Nora (1998, p.9), para quem “a história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais [...] e a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”, sempre carregada por grupos vivos e, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Não devemos, portanto, nos esquecermos de que a memória sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.

Na construção da fonte oral há solicitação da memória do depoente, desta forma há ainda o trabalho com memórias, que, individuais e coletivas, não são somente conquista, mas um instrumento e um objeto de poder, segundo Le Goff (2003). No entanto, como observa este historiador, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p.469).

As palavras de Pierre Nora ressaltam a importância da memória para o conhecimento da identidade de um grupo, sobre isso ele coloca:

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. (NORA, 1981, p. 8)

A perspectiva de Nora sobre a multiplicidade da memória nos guiou na análise das memórias de estudantes universitários que vivenciaram a juventude em Teresina de meados dos anos 1964 a 1975, com vistas à construção de uma narrativa do período a partir de suas ressignificações do passado. Assim, considero que cada pessoa possui sua memória individual onde guardam aspectos próprios, impregnados de lembranças e de acontecimentos particularizados. Porém, essas memórias individuais se entrelaçam e se conciliam com as do grupo que convivem, surgindo memórias coletivas que ajudam a tecer a narrativa histórica de

um lugar experienciado por esses sujeitos que o viveram. Desta forma, trabalharemos com memória coletiva, plural e individualizada, que fora urdida na convivência em grupo na Faculdade e na Universidade, nas realizações de atividades de extensão, nas amizades construídas e pelas experiências vivenciadas por esses estudantes nas diversas situações oportunizadas pela vida acadêmica e universitária.

A aquisição das fontes orais foi direcionada por questionamentos que procuraram abordar os seguintes aspectos: as vivências na faculdade; as experiências enquanto jovens de um período marcado por uma revolução cultural, pela crença juvenil em mudanças e transformações sociais no mundo, influenciada pelas novidades que eles tinham acesso naquele período de 1960 e inícios de 1970 e, também, por uma ditadura que limitou as liberdades de expressão. A escolha dos depoentes teve como critério o período estudado na faculdade, com a preocupação de recolher depoimentos de pessoas que viveram a FAFI em diferentes momentos que a pesquisa contempla e alguns sujeitos que experienciaram os momentos iniciais da UFPI. Muitos dos depoentes foram encontrados na UFPI, pois alguns dos ex-alunos são atualmente professores dessa universidade, atuando nos departamentos de Filosofia e Fundamentos da Educação.

A escolha do recorte permitiu refletir sobre o impacto do golpe da ditadura e da efervescência cultural por que passava o Brasil nesse período na vivência e no cotidiano dessa juventude, ao tempo em que comportou abordar os anseios que nasceu entre a juventude teresinense com a fundação da Universidade Federal do Piauí. O período compreendido para análise figura aqui como um recurso analítico sintético de exposição, não aparece, portanto, como limites cronológicos fechados, uma vez que as mudanças ocorridas nas décadas de 1960, que refletiram em novas maneiras de perceber o mundo e de agir sobre ele extrapolam os anos 1960 e 1970, bem como encontram antecedentes nos anos anteriores, não sendo possível aprisioná-los em datas precisas.

Marcelo Ridenti (2009), um dos estudiosos dos acontecimentos da década de 1960, ao analisar a época de 1968, sua cultura e política, ressalta que para entender a época em que os acontecimentos desse ano se inserem devem-se considerar os limites cronológicos como relativamente móveis. Nesta perspectiva ele estabelece duas possibilidades de datar os anos rebeldes no Brasil, como anuncia:

No Brasil, pode-se datar os anos rebeldes do fim do governo Kubitschek – simbolizado pela inauguração de Brasília como nova capital federal, em 1960, expressando a rápida modernização em curso – até a promulgação do Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, que acabou o florescimento

político e cultural e deixou claro que estava no poder uma ditadura militar e civil que não teria clemência com seus inimigos. Outra alternativa seria “esticar” a época até 1974, ano do fim da guerrilha do Araguaia e da vitória nas eleições parlamentares do partido oposicionista legalizado, o Movimento Democrático Brasileiro.[...] De modo que seria legítimo apontar eventos históricos diferentes dos mencionados para estabelecer suas fronteiras com as épocas imediatamente anteriores e posteriores, cujos referenciais seriam outras visões de mundo e estruturas de sentimentos. (RIDENTI, 2009, p. 81-82)

Seguindo a concepção de Marcelo Ridenti, a escolha do recorte temporal para análise no presente trabalho estabelece suas fronteiras móveis a partir de 1964, com o intuito de analisarmos as repercussões no comportamento e táticas empreendidas pelos discentes da Faculdade de Filosofia até 1971, e pelos estudantes da Universidade Federal do Piauí de 1972 a 1975. Já que em Teresina o espírito universitário emerge na década de 1960, mas somente em 1971 a Universidade Federal do Piauí é inaugurada e recebe seu campus em 1973. Ao se propor ver as alterações de costumes que se configuraram sobre influência dos meios de comunicação fez-se pertinente abordarmos os anos iniciais da década de 1970, tendo em vista que a primeira emissora de TV é inaugurada em Teresina em 1972, quando o Governo Federal decretou a concessão do Canal 4 em benefício da TV Rádio Clube de Teresina, que entrou no ar em 03 de dezembro de 1972 (CARVALHO In: SANTANA, 2003, p. 140).

Essas reflexões aqui propostas se inserem na perspectiva de estudos da História Cultural, por ser esse enfoque historiográfico “como um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com a realidade social a ser decifrada” (BARROS, 2008, p. 59); e que toma o campo cultural como “o lugar central dos conflitos, lugar das contradições, núcleo de inteligibilidade de uma sociedade”. (DOSSE, 1992, p.17). Para Sandra Pesavento (2003, p. 71) a História Cultural “permite reconstruir o passado como objeto de pesquisa, tenta atingir a percepção dos indivíduos no tempo, quais são seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores”. A História Cultural é, pois, um campo de abordagem historiográfica que permite o estudo das percepções, valores, modelos de vivências e experimentações de um tempo por uma geração. Ainda sobre os objetos da História Cultural Barros comenta:

Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estuda-se os meios através dos quais se produz e transmite: as *práticas* e os *processos*. Por fim, a ‘matéria prima’ cultural propriamente dita (os *padrões* que estão por trás dos objetos culturais produzidos): as “visões de mundo”, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os ‘modos de vida’ relacionados aos vários grupos sociais, as ideias

disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos. (BARROS. 2008. p. 61).

Deste modo José D'Assunção Barros sintetiza os objetos de estudo da história cultural e traz uma reflexão relevante para a convicção de que é esse o campo de estudo que o trabalho se insere. Pois ao tomarmos como objeto o modo como a geração jovem de 1960 e 1970 consumiu a cultura do período e a partir desse consumo incorporaram e (re) significaram valores, culminando em mudanças de comportamentos, analisam-se também os meios pelos quais se produziu e se transmitiu a cultura no período, as visões de mundos dos estudantes da Faculdade de Filosofia e posteriormente os da Universidade Federal do Piauí, seus sistemas de valores e modos de vida.

Como o pressuposto do trabalho é compreender a vivência da juventude universitária de Teresina nas décadas de 1960 e 1970, integrada aos valores, experiências de luta, táticas de burlas; a partir de relatos da memória de sujeitos que vivenciaram essas mudanças, adoto como referência ainda o pensamento de Chartier para o qual uma abordagem pela história cultural deve-se tomar a noção de representação como uma forma de compreender o funcionamento da sociedade. Acerca disso ele ressalta:

Trabalhando sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um 'ser-apreendido' constitutivo da sua identidade. (CHARTIER, 1988, p. 23)

Dialogar com a concepção de Chartier acerca de representação se fez pertinente por entender que os jovens acadêmicos da Faculdade de Filosofia e os universitários da primeira metade da década de 1970 da Universidade Federal do Piauí configuraram novos valores e costumes a partir das alterações no modo de vivenciar seu cotidiano, seja individual ou em grupo, passando a representarem e modelarem uma nova identidade urbana e geracional, que se distinguem de gerações anteriores por sua atuação frente a uma nova realidade e pela concepção de que eram conscientes da realidade social e agiam diante dos problemas existentes.

Nossa problematização está imbricada aos aspectos cotidianos ou particularmente a uma história do cotidiano, refletindo sobre as táticas empreendidas por sujeitos que em

contato com um mundo repleto de novidades, elaboram em suas “artes de fazer” táticas para burlar as instâncias irradiadoras de poder como família, os militares, a igreja e procuram resistir às estratégias que se chocam com seus sonhos e concepções de mundo. Adotarei o cotidiano aqui a partir das considerações de Certeau, para quem este se revela nas *artes de fazer*, uma vez que “é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente” (CERTEAU, 2002, p. 31). Ou seja, é no cotidiano que este autor considera que os indivíduos inventam sua vida a partir das práticas cotidianas que através das estratégias que, por sua vez, pressupõe certo cálculo das relações de forças na sociedade e das táticas que se materializam nas permanências e continuidades de possibilidade de ganho, fabricam suas criações inventivas de forma artesanal e discursiva.

Na vertente de abordagem histórica do cotidiano, Agnes Heller nos indica que trabalhar o cotidiano é evidenciar as experiências carregadas de valores e de sonhos. Assim, para este autor;

O cotidiano está presente em todas as esferas do indivíduo, seja no trabalho, na vida familiar, na escola, no lazer e nas suas relações sociais. A vida cotidiana faz parte integrante do homem, homem participe no seu cotidiano, com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, etc. (HELLER, 1995, p. 17).

O que Agnes Heller denomina habilidades manipulativas assemelha-se a noção de táticas cotidianas de Certeau, por meio das quais os indivíduos colocam em prática suas capacidades intelectuais e fabricam suas invenções de forma criativa para burlar as dificuldades do cotidiano. Então, é a partir da análise das “táticas cotidianas” (CERTEAU) de fabricação de novas formas de consumir as expressões artístico-culturais, inventar novas vivências, praticar outras formas de sociabilidades entre uma geração de acadêmicos e a juventude universitária de Teresina no seu cotidiano escolar, no lazer e nas suas relações sociais que o trabalho se estrutura.

Para pensarmos as atitudes da juventude diante as transformações políticas e culturais ocorridas na década de 1960 faz-se pertinente ressaltar a concepção de juventude que norteia este trabalho. A juventude é um termo polissêmico, uma categoria de difícil definição que envolve estudiosos de áreas de conhecimentos como as ciências médicas que a define como puberdade – uma fase da vida em que os indivíduos estão se transformando biologicamente e de transição de crianças para adultos; já a psicologia e pedagogia a compreende como

adolescência, fase em que os indivíduos estão mudando seu comportamento e definindo sua personalidade.

A juventude é pensada também na perspectiva sociológica, nesta a definição do conceito de juventude enquanto categoria social envolve os critérios biológicos e/ou culturais. Neste sentido, vale ressaltar as reflexões de José Vieira (2003) acerca das definições de juventude. Ele analisa as contribuições de Marialice Forrachi (1972 apud CRUZ, 2003, p.26), e ressalta a observação desta de que as indefinições da categoria juventude devem ser compreendidas além da dimensão socioeconômica, na dimensão psicossocial de indivíduos em transição da adolescência para a juventude e da juventude para a idade adulta. José Vieira (2003) ressalta que esta ideia de juventude comporta características de uma categoria social determinada por critérios biológicos e características representativas de grupos e indivíduos que se identificam social e culturalmente.

Karl Mannheim (1982 apud CRUZ, 2003, p. 26) nas reflexões acerca da “unidade de geração”, sinaliza a dimensão social partilhada por indivíduos que possuem idades aproximadas, indicando que a juventude como outras fases institucionalizadas da vida humana não forma um grupo social coeso e singular. Portanto, juventude é um termo de difícil definição, uma vez que não podemos singularizá-la baseando-se em critérios rígidos como biológico ou etário que institucionaliza a partir de idades.

Embora o conceito de juventude transite entre critérios etários e o cultural, o presente trabalho adota a noção sociológica de juventude a partir do critério cultural, uma vez que a juventude universitária associa representações que envolvem indivíduos com idades nem sempre correspondentes às atribuídas biologicamente aos jovens, mas que compartilham socialmente experiências culturais que os identificam como juventude universitária. Percebe-se, deste modo, juventude universitária enquanto uma categoria social plural, sem delimitação de idades. O entendimento da juventude enquanto uma categoria social passa pelo que Groppo delimita como:

Não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que tem importante influência nas sociedades modernas. (GROPPO, 2000. p. 8).

Apoiado neste entendimento, que possibilita a construção de representações pluralizadas acerca da juventude e de seus movimentos, a configuração desta pesquisa está relacionada às experiências culturais dos estudantes universitários em Teresina, da Faculdade

de Filosofia do Piauí entre os anos de 1965 a 1970 e os da UFPI entre 1971 a 1975, estudantes identificados socialmente como juventude universitária.

Como a proposta da pesquisa é compreender a sua experiência cultural em meio aos movimentos juvenis dos anos de 1960, sua militância política e subversão as estratégias de controle do regime militar; tomo por referência as concepções de Marialice Forachi (1972 apud CRUZ, 2003. p.28) que define o termo juventude a partir da configuração dos planos: pessoal, institucional e societário. Para esta autora, a compreensão em torno dos movimentos juvenis deve considerar as relações institucionais em que o grupo de jovens encontra-se inserido ou se relacionando, a estrutura da sociedade e as atitudes relacionadas às suas escolhas pessoais. Desta forma, em não sendo possível uma delimitação etária para a juventude, ela coloca:

Representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa não de existência social. (FORACCHI, 1965, apud CRUZ, 2003. p.28).

Essa percepção define a categoria a partir de uma dimensão psicossocial presente nas escolhas dos jovens. Assim, traz contribuições para as reflexões em torno dos movimentos de contestação e militância estudantil vigente nos anos 1960. Essas reflexões nos ajudam a compreender a juventude em sua multiplicidade, como uma categoria plural, que mesmo entre os que frequentaram a FAFI e UFPI, no referido período, não comporta caracterização homogênea, pois os jovens tinham diferentes pertencimentos culturais que lhes permitiram diferentes construções identitárias.

O trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro procuramos refletir sobre as transformações socioculturais em Teresina, verificando como se configurou o ensino superior e como ocorreu a recepção de novos saberes e práticas pelos estudantes nos primeiros anos de instauração do Governo militar. No segundo capítulo, analisamos as táticas de lutas e subversão praticadas pela militância estudantil na Faculdade de Filosofia nos anos de 1960 e na UFPI no início da década de 1970 e as estratégias utilizadas pelos militares para controlar e disciplinar os estudantes. No terceiro capítulo discutimos a repercussão da mídia e das novas tecnologias da informação na disciplinarização das emoções, valores e comportamentos da juventude universitária de Teresina.

1. **“O PIAUÍ CLAMA POR SUA UNIVERSIDADE”**: (re) construindo novas subjetividades estudantis em Teresina-PI.

Nos anos 1960 as cidades emergiram como espaços privilegiados de contato com inovações no campo cultural e de confrontos políticos e ideológicos. Por isso foram anos propícios à subjetivação de valores que favorecia experimentações dos jovens de outros modos e modas, alterando assim a convivência entre os membros do grupo e entre familiares. Dessa forma, Edwar Castelo Branco expõe:

Olhar as novidades introduzidas nos anos sessenta nessas cidades – a pavimentação asfáltica, novas modalidades de transporte, a televisão, etc. – permite cartografar as metáforas que significavam o Brasil do período, cujo signo mais visível era o anúncio do novo, que se fazia especialmente através das manifestações artístico-culturais e dos movimentos da juventude. No âmbito da política, o Golpe Militar de 1964 é o marco mais original do processo de dismantelamento do dispositivo nacionalista e, principalmente, é o evento que coloca, para os diversos grupos políticos do país, a angustiada necessidade de se redefinir face à internacionalização da política e da economia. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 60).

Conforme as ressalvas do fragmento de texto, o cenário brasileiro dos anos 1960 foi marcado pelo anúncio do novo, que se revelou por meio dos movimentos da juventude e das manifestações artístico-culturais, que propôs mudanças no âmbito cultural e social, em que parcela dos jovens protagonizou mudanças políticas que os direcionaram ao engajamento político e em ações sociais. Uma parcela significativa desses atores sociais do período constituiu-se no meio universitário, por ser este um espaço privilegiado de debates e discussões acerca da realidade. Dessa forma, o presente capítulo analisa o ambiente acadêmico disponível aos jovens em Teresina, bem como a maneira com que a FAFI é representada pelos sujeitos que a vivenciaram e como seu espaço serviu para apropriação das mudanças culturais vividas no período.

Refletir sobre as transformações socioculturais e a configuração do ensino superior em Teresina verificando como ocorreu a recepção de novos saberes e práticas pelos jovens universitários nos primeiros anos da ditadura militar faz-se pertinente para compreendermos suas experiências e assim descortinarmos a partir do diálogo das suas memórias e das fontes a trajetória desses personagens que vivenciaram a Faculdade Católica de Filosofia entre os anos de 1964 a 1971 e a Universidade Federal do Piauí entre 1971 e 1975, visando entender a inserção e envolvimento deles no processo político conturbado durante a Ditadura Militar no Brasil no pós-1964. Considerando que a experiência desses sujeitos que estiveram inseridos

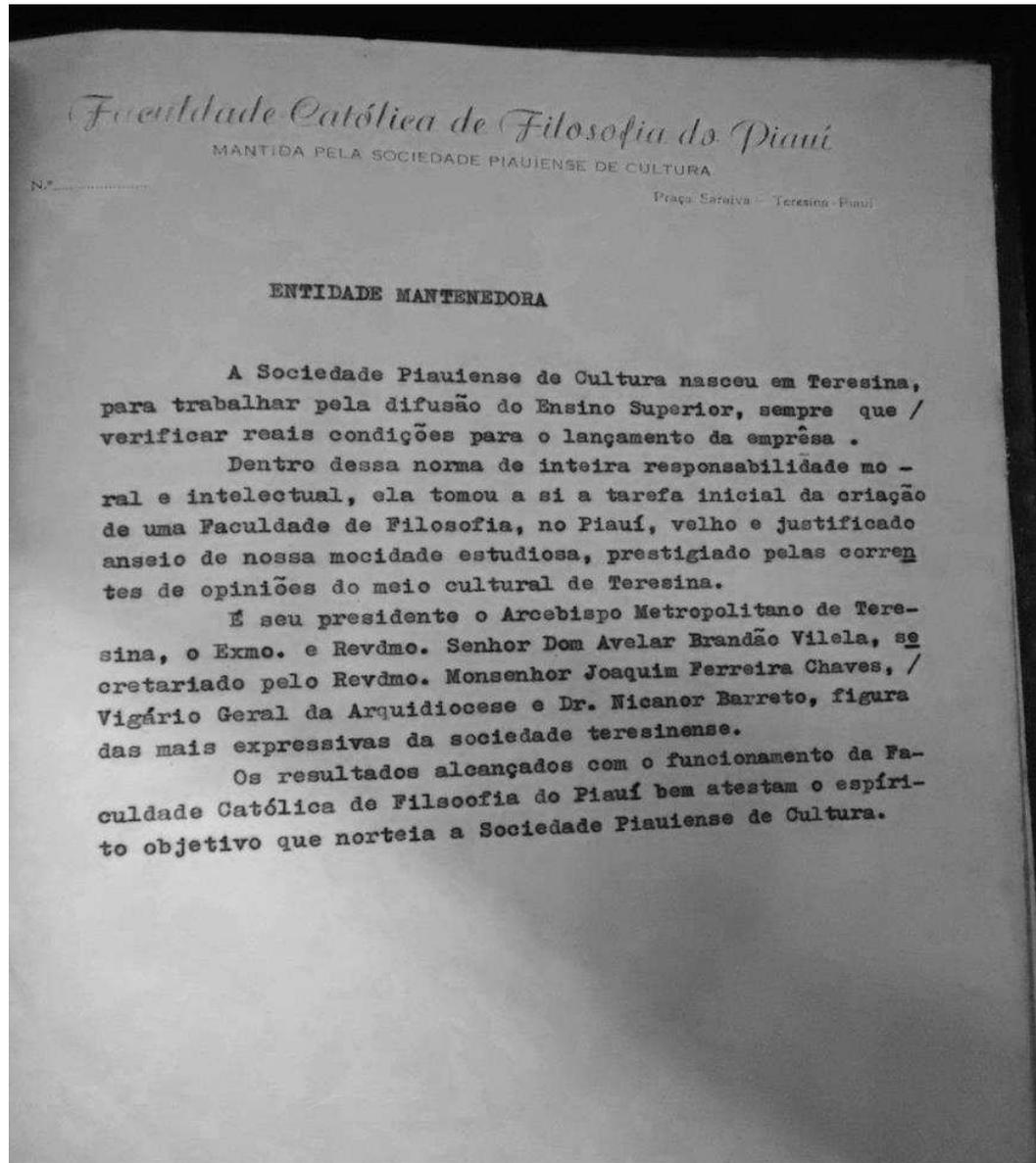
no processo de mudanças político e cultural em Teresina são fios que ajudam a tecer os cenários sócio-políticos e culturais configurados no Brasil, no período.

1.1. A configuração do ensino superior na década de 1960 e início de 1970 em Teresina.

Em Teresina a década de 1960 representa o momento em que ocorre o crescimento da oferta do ensino superior. Uma vez que este começa a ser configurado em 1931 com a fundação da primeira faculdade, a FADI - Faculdade de Direito, federalizada em 1950, seguida da FAFI - Faculdade Católica de Filosofia criada em 1958, a Faculdade de Odontologia em 1960 e a Faculdade de Medicina do Piauí em 1968, esta última pertencente ao Estado. E, nessa década se intensifica a luta pela criação da Universidade Federal do Piauí que será concretizada em 1971, após um longo processo de lutas e anseios que envolveram sociedade, políticos, Igreja, intelectuais e estudantes. Antes de 1950 o ensino superior no Piauí era privado, de 1931 a 1958 tinha acesso a ele somente os jovens filhos da elite. Com a criação da FAFI ampliou-se a oportunidade de acesso ao ensino superior de membros de outras classes sociais, sobretudo professores e professoras do ensino primário e secundário.

A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí começou a ser configurada em 1957 quando o então arcebispo de Teresina Dom Avelar Brandão Vilela³ reuniu esforços em torno da criação da Sociedade Piauiense de Cultura, entidade presidida por ele e integrada por políticos locais e intelectuais, que tinha como um dos seus objetivos “instituir, manter e dirigir estabelecimento de ensino superior, bem como outras organizações de natureza cultural” (SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.149). Tal propósito pode ser constatado no documento da instituição que registra os objetivos da entidade mantenedora:

³ Avelar Brandão Vilela nasceu em 13 de junho de 1912, natural de Viçosa no Estado de Alagoas. Exerceu o episcopado na Arquidiocese de Teresina de 1956 a 1970. Foi ordenado sacerdote em Aracajú no Estado de Sergipe. Em Sergipe, foi o primeiro Assistente Diocesano da Ação Católica e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi eleito Bispo de Petrolina em junho de 1946 pelo Papa Pio XII. Como Bispo da Diocese de Petrolina organizou vários setores especializados em Ação Católica e instalou a Campanha Nacional de Educação Rural. Projetou-se nacionalmente pelas funções que assumiu junto ao episcopado como Diretor Nacional do Movimento de Educação de Base; Vice- Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Presidente do Conselho Episcopal Latino Americano e coordenador da Conferência de Medellín em 1968. Ocupou cadeira como membro das Academias Alagoana e Piauiense de Letras. Participou da elaboração do primeiro Sínodo dos Bispos a convite do Papa Paulo VI.



(Acervo Biblioteca Setorial do CCHL – UFPI, 2013)

A Sociedade Piauiense de Cultura funcionou como mantenedora da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí agregando, a princípio, a intelectualidade local em torno do projeto de criar uma faculdade para a formação humanística de professores. Seguindo, assim, o propósito das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que visavam à formação e preparação de candidatos para atuar no magistério secundário e superior.

Conforme as fontes consultadas a existência da Faculdade de Filosofia do Piauí⁴ foi possível pela vontade da elite intelectual aliada a ação da Igreja representada por Dom Avelar,

⁴ A Faculdade de Filosofia do Piauí começou a funcionar efetivamente em 1958, com o concurso vestibular que classificou 46 alunos para os cursos de Letras Neolatinas, Geografia, História e Filosofia. Posteriormente, a

unido ao anseio da população por um ensino superior que preparasse profissionais para atuar na época no ensino secundário, que somaram esforços visando o desenvolvimento da educação e da cultura do Estado. Antes da existência da FAFI, a habilitação dos docentes para o Colegial⁵ era feita pela CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário), programa emergencial criado pelo Governo Federal para treinar docentes secundaristas e “funcionava através de cursos realizados anualmente em Teresina, e em outras cidades do Brasil, pela inspetoria seccional do Ensino Médio Secundário, às vezes com professores locais ou por docentes convidados de outros Estados” (FERRAZ apud SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.20).

Com a tarefa de formar docentes para atuar no ensino secundário, a FAFI congregava professores do primário e secundário não somente de Teresina, mas de todo o Piauí e parte do Maranhão. Desde o início a instituição foi considerada essencial para a educação do Piauí, tendo o reconhecimento dos intelectuais, políticos e jornalistas que expressavam nos jornais a gratidão a Dom Avelar pelo feito. Tal reconhecimento é evidenciado na reportagem divulgada pelo jornal O Dia em homenagem aos 11 anos da fundação da FAFI, transcrita a seguir:

Criada em 1957, a Sociedade Piauiense de Cultura, tendo como Presidente nato o Reverendíssimo Arcebispo Metropolitano de Teresina, Dom Avelar Brandao Vilela, já, desde a sua criação, teve em mira a fundação de uma Faculdade de Filosofia.

Congregando essa sociedade, a elite da cultura piauiense, conjugara esforços no sentido de tornar realidade a sonhada Escola.

Escolheu-se os professores que, se aprovados pelo Conselho Federal de Educação, prestariam seus serviços a Faculdade.

Com a doação de um acervo de livros especializados e, apresentado a arquidiocese garantia de funcionamento da Escola solicitou-se a necessária autorização para a instalação da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí.

Após as inspeções preliminares, veio, afinal, a autorização de funcionamento e um calendário especial para realização do primeiro concurso de habilitação, cujas provas foram realizadas no período de 28 de março a 2 de abril de 1958, sendo, a 7 subsequente, afinal, instalada oficialmente a Faculdade de Filosofia.

partir de 1969 oportunizou formação em Matemática e Física, em convênio com a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). A princípio, funcionou na sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus, conhecido como Colégio das Irmãs. Posteriormente, ocupou o prédio em frente à Praça Saraiva, no centro de Teresina. E lá ficou até sua dissolução quando da inauguração do Campus Ministro Petrônio Portela sede da UFPI, em 1973. Em 1971 foi incorporada à Fundação Universidade Federal do Piauí junto com as demais faculdades existentes em Teresina e a Faculdade de Administração de Parnaíba.

⁵ A partir da LDB lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 a denominação colegial é usado como modalidade de ensino definido no “Art. 34. O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginásial e colegial, e abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e préprimário”. Cf. http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb.htm. Acesso em 22 jan. 2013.

Desde então, abnegados mestres tem servido à causa da Faculdade de Filosofia, trabalhando nos primeiros tempos, gratuitamente, e hoje, percebendo simbolicamente um salário. Simbolicamente, repetimos, porque NCr\$ 2,00 por aula, num curso superior, embora no Piauí, é simplesmente irrisório. Reconhecida pelo decreto n 54.038, de 23.7.64, do então Presidente da Republica, o Mal. Humberto Alencar Castelo Branco, é inegável, vem prestando a aludida Escola relevantes serviços ao Estado, sobretudo no que diz respeito à preparação de mão-de-obra para o magistério secundário que, diga-se de passagem, vem passando por magnifica expansão.

Em reconhecimento aos assinalados serviços prestados à comunidade piauiense, eis que o ex-governador Petrônio Portela doou à Escola o prédio em que já vinha funcionando, cedido que fora a ela. Embora não satisfaça plenamente às exigências do ensino, eis que o numero de salas é suficiente para abrigar todas as turmas da Faculdade inegável, porém, que já oferece o necessário. Certamente quando concluído o edifício projetado, ao lado do prédio que ora funciona terá a Faculdade de Filosofia do Piauí magnificas condições de melhor servir à mocidade piauiense.

Pela Lei Estadual n. 2877, de 6-6-1968, foi a FAFI reconhecida de utilidade publica. Efetivamente muito demorou para que fosse reconhecida como tal, já que três turmas de bacharéis haviam concluído o curso àquele tempo.

As cadeiras lecionadas na FAFI são: Filosofia propriamente dita; Letras, Geografia e Historia estando, segundo soubemos, pretendendo implantar o Instituto de Matemática.

Acrescente-se que, afora os cursos regulares, tem a Faculdade, ao longo de sua existência, promovido curso de treinamento de professores do curso secundário em convenio com a Inspetoria Seccional do Ensino Secundário, e outros de pequena duração para professores e estudantes.

Teve ate hoje 2 diretores 1 – Dr. Clemente Honório Parente Fortes, afastado das funções em virtude do tempo integral a que esta sujeito como diretor da Faculdade de Direito, dirigiu a Escola no período de 5-4-58 a 9-10-68, portanto, por mais de dez anos. 2- Pe. Raimundo Jose Airemorais Soares que a partir de 10 seguinte assumiu sua direção.

Tem formado anualmente centenas de professores que, no exercício do magistério, engrandecem o nome dela na luta pela grandeza da cultura piauiense.

(o destaque ora dado à FAFI prende-se ao recente transcurso de seus onze anos de funcionamento). (Como nasceu a FAFI. O Dia, 1969, 25 març., p.7)

A reportagem ressalta a trajetória da FAFI em seus onze anos de funcionamento e destaca o papel da liderança do arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela na implantação da Faculdade de Filosofia, com a criação da Sociedade Piauiense de Cultura, doação de um acervo de livros especializados e os esforços para conseguir a autorização e o funcionamento dessa instituição. A fonte lembra ainda os passos seguidos para a concretização da instituição e ressalta os serviços prestados pela FAFI à sociedade piauiense, sobretudo, a contribuição dela para melhoria do ensino secundarista e o conseqüente crescimento da cultura piauiense, através da promoção de cursos de capacitação aos docentes do ensino secundário. A reportagem cita o esforço dos docentes que trabalhavam naquela instituição, movidos, de

acordo com o discurso propagado, pela boa vontade e pela causa da educação, pois o valor pago aqueles profissionais era irrisório, NCr\$ 2,0 (dois cruzeiros) por aula.

Não podemos deixar de visualizar nesse registro um discurso tendencioso do jornal que dá visibilidade a atuação de Dom Avelar, enaltece os idealizadores e a dedicação dos docentes na luta pela grandeza da cultura piauiense, compartilhando assim, do discurso preconizado pelos militares acerca da necessidade da união dos brasileiros para alcançar o desenvolvimento do país. A destinação política de tal discurso fica evidente ao destacar o apoio dado a instituição pelo então ex-governador Petrônio Portela⁶ através da doação do prédio que funcionava a faculdade, mostrando o envolvimento deste político nas causas que interessavam ao desenvolvimento do Piauí. Discursos propagados por esse jornal ao longo da década de 1960, sobretudo a partir de 1968 quando intensifica o debate em torno da criação da Universidade Federal do Piauí, em que o referido político é enaltificado como o grande defensor da causa da universidade, período em que ele foi senador da República.

O valor simbólico das aulas pagas aos docentes, que ajudaram a criar e manter a FAFI, é retratado com orgulho e admiração pelos ex-discentes que percebem esse gesto como uma atitude grandiosa por parte dos docentes, tal fato faz parte da memória coletiva deles, é citado em vários depoimentos. Conforme aparece nos relatos de Antônio José Medeiros⁷:

[...] os professores da faculdade ganhavam um pagamento simbólico, por que de fato eles viviam de outro emprego. O professor Camilo era professor da Faculdade de Direito, era procurador do Estado, era de onde ele vivia, ele recebia lá, eu não sei nem quanto era, mas o equivalente hoje a 20 por hora aula, R\$ 20,00 (vinte reais) por hora aula, não era mais que isso não, era o equivalente de hoje. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, ago., 2012).

Segundo expõe Antônio José Medeiros, os docentes que trabalhavam na FAFI faziam por desejo que a instituição desse certo, não sendo a faculdade fonte de sustento para eles, já que recebiam baixos salários e a maioria deles tinham outras fontes de renda de onde retiravam o seu sustento e da família. A reportagem sobre os onze anos da FAFI cita o valor de NCr\$ 2,0 (dois cruzeiros) por aula, como apenas um valor simbólico, e que no início o

⁶ Petrônio Portela Nunes foi governador do Piauí entre os anos de 1963 a 1967.

⁷ Antônio José de Castelo Branco Medeiros. Filho da cidade de União, Piauí. Aos 14 anos, entrou para o seminário em Teresina, para se formar padre. Foi aluno da FAFI entre os anos de 1968 e 1971, onde cursou Filosofia. Integrou a equipe que se considerava esquerda católica responsável pela mobilização estudantil dentro da Faculdade e pela comissão de liturgia. Participou do congresso da UNE em Ibiúna, São Paulo. Entre os anos de 1964-1970 foi preso por três vezes. Em Teresina esteve sempre vinculado aos movimentos sociais, à criação do Partido dos Trabalhadores e à fundação do CEPAC (Centro Piauiense de Ação Cultural). Professor da Universidade Federal do Piauí, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais. Exerceu mandatos de vereador em Teresina e Deputado Federal pelo PT.

trabalho foi gratuito. Na percepção dos depoentes e de acordo com a fonte, isso mostra o envolvimento dos mestres e intelectuais de Teresina na luta pelo ensino superior no Piauí, que se dedicaram ao trabalho sem uma compensação econômica, mas visando o desenvolvimento da educação. Envolveram-se no decorrer da luta pela criação da Universidade Federal. Essa abnegação pode ser entendida não apenas como atitude solidária, quando supomos que o cargo de professor de uma instituição superior envolve status e prestígio. A ocupação de um espaço de poder para aqueles docentes serve como recompensa pelo trabalho prestado e inicialmente não remunerado, uma vez que estes se projetavam como a intelectualidade piauiense e muitos se utilizaram do espaço acadêmico tencionando entrar na política, e muitos dos mestres trilharam esse caminho. Além desse interesse político, vale lembrar que parte dos professores da FAFI eram padres, que trabalhavam para o propósito da Igreja, de também demarcar um espaço de poder.

A História da FAFI é marcada por luta, diante das dificuldades que esta encontrou para funcionar, com carência de recursos. Pois, apesar de ser uma instituição privada, ela era mantida pela Diocese e recebia ajuda do governo federal, mesmo assim não tinha recursos suficientes para manter regularmente seu funcionamento, as taxas pagas pelos alunos representavam um valor irrisório e alguns estudantes não conseguiam pagar. De acordo com o relato do ex discente Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho⁸:

[...] a faculdade a gente sabia do esforço da Igreja para mantê-la. Então, a gente pagava uma taxa irrisória, não me lembro nem quanto era. Os professores que iam pra lá recebiam também um salário muito pequeno. Mas eles tinham consciência. Tinha a professora Juraci, professora Maria Figueiredo, professor Dedé Gayoso, Padre Homero, os padres em geral. Eles iam mesmo para colaborar, contribuir com a Faculdade. E, mesmo, embora fosse privada, por que era ligada a Igreja, mas ela não tinha assim como [se manter]. [...] Teve uma época que a gente teve dificuldades para contratar professor. Nem todo mundo queria ir para ganhar pouco [...]. Tinha gente que não tinham nem condição de pagar. Às vezes a diocese que segurava. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho, fev., 2013).

No ato de lembrar ocorre uma ressignificação do vivido no passado por influência das percepções do presente, pois de acordo com Halbwachs (1990) nossa percepção sobre o passado altera-se, e com ela nossos juízos de realidade e de valor. Assim, o passado da FAFI e

⁸ Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho cursou Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Piauí nos anos de 1969 a 1972, mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1981). Foi Supervisor Educacional do Movimento de Educação de Base (MEB). Foi presidente do Diretório Acadêmico, participou do Movimento Estudantil. Em 1975 é admitido como professor da Universidade Federal do Piauí, no Departamento de Educação.

dos que viveram e estudaram nela é rememorado com alegria e, os envolvidos sentem orgulho ao relatar suas vivências, expressam admiração pelos que formaram a instituição e pelo que ela representou na vida destes sujeitos. O depoimento citado acima lembra as dificuldades financeiras para a manutenção da faculdade, pelas baixas taxas cobradas aos discentes, o que remete a certo heroísmo daqueles que conseguiam manter o funcionamento da faculdade, diante de muitas dificuldades. Desta forma, a instituição inicialmente precisou contar com a abnegação dos professores, que são representados pelos discentes como heróis, pelo devotamento a instituição. Como já apresentado anteriormente, os docentes não atuaram com desinteresse, pois mesmo estes não necessitando do salário da faculdade para sobreviver, a função de docente do ensino superior agregava status de intelectual a estes profissionais e os projetavam na carreira política. Aliado a esse interesse imediatista, na década de 1960 já se configurava a possibilidade de criação da Universidade Federal, e a probabilidade dos docentes das faculdades virem compor o quadro de professores da universidade era grande.

O mérito pela criação da FAFI é atribuído a Dom Avelar Brandão Vilela, que foi arcebispo de Teresina no período de 1956 a 1970 e ocupou funções de projeção nacional e internacional dentro da Igreja. Teve uma presença marcada por profundas realizações no campo pastoral, educacional e social. Comandou nacionalmente o Movimento de Educação de Base e foi o primeiro presidente da Conferência Episcopal Latino Americana. Ganhou importância ao expandir sua ação para além do campo eclesial. Fundou a Ação Social Arquidiocesana (ASA), a Faculdade Católica de Filosofia e a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Implantou mais de 30 ginásios nos municípios. Criou a emissora de rádio – Rádio Pioneira, participou do processo de criação da Universidade Federal do Piauí e comandou no Piauí a ação renovadora da Igreja Católica.

Devido ao apoio de Dom Avelar em atividades de Ação Social, educação e assessoria à sindicalização rural no Piauí, que desenvolveu em comunhão com as diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), guiado pelas orientações das duas Encíclicas do Papa João XXIII; “Mater et Magistra” e “Pacem in Terris” que abordavam as questões sociais e a paz no mundo, suas ações foram interpretadas pelos proprietários de terra como comunistas que o rotularam de subversivo ou propagador da subversão. Tal atuação também gerou pequenos desentendimentos entre a Igreja local e os militares, de acordo com Maria do Amparo Carvalho (2006) que analisou as relações entre Igreja e Estado no Piauí durante a ditadura militar. Acerca do envolvimento de Dom Avelar com ações do sindicato rural, ela comenta:

O arcebispo também apoiou e patrocinou a organização sindical, quando então já estavam sendo fundadas as Ligas Camponesas no Piauí. Com a organização das Ligas Camponesas no Piauí, Dom Avelar decidiu também que era hora de desenvolver ações em benefício do trabalhador do campo, promovendo a Sindicalização Rural e afastando o perigo do comunismo. O movimento de sindicalização desencadeou um processo de organização na zona rural, e, por outro lado, causou uma série de dificuldades e mal entendidos entre as lideranças eclesiais e os proprietários de terras. (CARVALHO, 2006, p. 52).

Conforme o fragmento supracitado, podemos apreender que a aproximação da Igreja Católica com o movimento de sindicalização rural gerou desentendimentos entre as lideranças eclesiais e os proprietários de terra, devido à associação da imagem da Igreja ao comunismo pelas elites e pelo grupo católico mais conservador, pois o discurso e a prática social em defesa dos oprimidos adotados por parte dos membros da Igreja Católica coincidiram com a posição defendida pelos grupos de esquerda do país. Uma vez que naquele cenário político do pós-1964 opor-se ao governo era declarar-se a favor dos comunistas. Mas, a atuação social da Igreja junto aos trabalhadores rurais tinha a pretensão de evitar a aproximação dos trabalhadores com a ideologia comunista. Foi uma atitude de defesa para afastar o perigo do comunismo, este considerado um fantasma a ser combatido tanto pela Igreja quanto pelo Estado militar.

Para compreendermos a atuação eclesial e política de Dom Avelar faz-se indispensável situarmos brevemente as mudanças que ocorreram na Igreja Católica na década de 1960, instituição que ele era o representante principal no Piauí, como arcebispo metropolitano. Nas décadas de 1950 e 1960 a Igreja Católica viveu uma fase de mudanças que culminou na realização do Concílio Vaticano II entre 1962 e 1965, a partir do qual a Igreja passa a adotar uma postura de renovação e a desenvolver um diálogo mais profundo entre Igreja e sociedade. Conforme expõe Kenneth Serbin (2001, p.86) “enquanto os militares aprofundavam o controle sobre o país, a Igreja realizou uma revolução religiosa na qual enfatizava a justiça social e assimilava os esforços de uma nova geração de radicais católicos. A militância cristã e o Estado da segurança nacional colidiram”.

A renovação da Igreja foi revitalizada pelas determinações da cúpula eclesial depois do Concílio Vaticano, sobretudo na América Latina e especificamente no Brasil, onde bispos, padres e religiosos viviam maior engajamento no meio social, graças ao envolvimento deles nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), segundo descreve Frei Beto (In: ZAPPA; SOTO, 2008), que possibilitou a aproximação deles com os conflitos e a situação de marginalização da população empobrecida. As orientações do Concílio Vaticano tiveram impulso com a

realização da II Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), realizada na cidade de Medellín, na Colômbia em 1968, nesta o arcebispo de Teresina Dom Avelar Brandão Vilela compunha a direção. Dessa conferência emergiu uma declaração elaborada pelos bispos clamando por justiça social e condenando o subdesenvolvimento na América Latina (SERBIN, 2001, p. 98), esse documento serviu como referência para os bispos da América Latina consolidarem seu compromisso com a luta pela justiça, fundamentada na análise da realidade sociocultural e na capacidade de denúncia como exigência para transformação dessa realidade. Essa foi a postura que parte da Igreja católica passou a adotar a partir dos anos 1960, formando uma ala dentro da Igreja denominada “progressista”.

Para Kenneth Serbin (2001) a declaração de Medellín lançou a Teologia da Libertação e a Igreja progressista no continente; “Medellín marcou o começo da conhecida ‘década gloriosa’ de inovações na Igreja Latino-Americana” (SERBIN, 2001, p.98). Apoiado nas decisões do Concílio Vaticano II a CELAM impulsionou a Igreja Católica a buscar instrumentos para que seus membros promovessem o que a Instituição julgava transformações necessárias dentro da sociedade. Segundo Maria do Ampara Carvalho (2006), a Igreja a partir do Concílio Vaticano II incentivou uma visão libertadora da educação nos colégios católicos e a renovação nos meios populares, que se constituiu em um discurso a partir do contexto sócio-político-cultural das categorias populares, representando um grito de denúncia das causas geradoras da opressão, tendo como proposta a superação de toda situação desumana. E, assim, a Igreja viu a educação como um dos instrumentos capazes de promover as transformações na sociedade. Desta forma, as ações educacionais de Dom Avelar no Piauí estavam inseridas nas diretrizes da Igreja a partir do Concílio Vaticano II, que era de expandir as ações sociais e promover uma educação conscientizadora.

Ressaltamos que a breve descrição da atuação da Igreja Católica na década de 1960 deve-se ao propósito de contextualizar a criação da Faculdade de Filosofia como uma ação que visou possibilitar o desenvolvimento da educação no Estado, guiada pelos propósitos da Igreja Católica de desenvolver uma educação crítica, porém disciplinada, que promovesse a transformação social. Em relação à criação e funcionamento da Faculdade de Filosofia do Piauí a ação de Dom Avelar é reforçada também pela presença da Igreja no processo de criação de faculdades pelo Brasil, que teve início na segunda metade da década de 1940. Nos anos 1950 a Igreja Católica vivia um momento de expansão dos projetos internos e de criação de instituições de ensino superior, conforme expõe Rossoto:

No período que se estende de 1945 a 1964, observa-se um crescimento significativo do número de instituições. A partir de 1946, começaram a surgir as universidades particulares, com especial destaque para a atuação da Igreja Católica. Naquele ano, foram reconhecidas a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a PUC de São Paulo.(...). Entre os anos de 1950 e 1960 foram criadas mais quatro universidades (faculdades, federações ou escolas isoladas). No final da década de 1950, o Brasil contava, pois, com 21 universidades e mais de 100 estabelecimentos de ensino superior. (ROSSOTO, 1998, p.118).

Compartilhando desse cenário de criação das faculdades com a participação ativa da Igreja, a sociedade teresinense foi beneficiada com a Faculdade Católica de Filosofia, inserindo-se na estatística citada por Rossoto. Além de representar a oportunidade de formação de docentes para a conseqüente melhoria na educação secundarista, a FAFI foi, de acordo com os depoimentos dos seus ex-discentes, espaço de agregação de valores culturais, humanístico e conscientização da realidade social. Ela teve uma presença marcante enquanto espaço de resistência à ditadura militar, e, na ausência de uma universidade pública no Piauí, a FAFI foi um ambiente de disseminação de ideias e informações acerca da realidade sócio-política vigente no país. Os estudantes (re) significaram o uso do espaço da FAFI, burlando as normas impostas pela censura da ditadura militar, usando-a para debates e engajamento político entre os anos de 1964 a 1968. Ela foi percebida por alguns estudantes como um local seguro para a militância estudantil, por ser um espaço protegido pela Igreja Católica, mesmo assim não deixou de sofrer as represálias do regime militar.

Antônio José Medeiros quando perguntado sobre as estratégias que os membros do movimento estudantil da faculdade usavam para fugir do controle dos militares, ele responde:

Olha, a gente não precisava muito disso por que não só a FAFI era um foco de resistência, como era um território livre. A polícia não entrava lá. [...] Então, a gente tinha um ambiente de muita liberdade no espaço da Faculdade de Filosofia, agora as atividades eram mais interna, debates, pois era um clima de resistência [...]. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

Conforme o trecho do depoimento citado, mesmo vivendo num clima de repressão e perseguições inseridas com a Ditadura Militar e reforçadas com o Ato Institucional nº 5 em 1968, o depoente sentia-se seguro dentro da Faculdade Católica de Filosofia, podendo promover discussões e ação conscientizadora, portanto, um local propício à atuação política, por ser um “território livre” da ação da polícia. A Faculdade de Filosofia do Piauí constituía-se, naquela época, como espaço de liberdade de expressão, de encontros e debates acerca dos

problemas sociais e políticos que envolvia o Brasil. Mas, naquele momento de forte controle por parte da ditadura nenhuma faculdade e universidade no Brasil ficou isenta da fiscalização dos militares. Ela é (re)significada nas memórias dos seus estudantes sob várias perspectivas; como espaço de resistência à ditadura, espaço de experiência democrática, local que possibilitou agregação de valores culturais e políticos, num período em que muitos jovens reconheceram seu potencial e não se intimidaram na busca de uma participação política mais efetiva. Ao tomarmos como referência a memória de Antônio José Medeiros verificamos o valor atribuído àquela faculdade;

[A FAFI] era mais um ambiente de efervescência cultural e de crítica política, por que por ser uma Faculdade Católica, que a gente era solidário com a direção da Faculdade, a gente não tinha uma pauta de reivindicação como tinha nas universidades públicas. Mas a gente debatia também Reforma Universitária. Era um debate muito grande contra o acordo MEC-USAID, que na época os Estados Unidos estavam querendo impor um modelo de universidade ao Brasil. E, nós tínhamos também o que a gente chamava “quinta em debate”. [...] Mas a gente sempre suspendia as aulas, era uma atividade conjunta do diretório – D.A com a direção da Faculdade. E, depois do intervalo da segunda aula, nas duas últimas aulas, quinta-feira sim, quinta-feira não, era alternado. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, ago., 2012).

A FAFI é representada também como ambiente de efervescência cultural, de liberdade de expressão dos pensamentos, posturas políticas e também espaço de reflexão crítica dos problemas sociais. Ela agregou o núcleo da Juventude Universitária Católica. Foi o local escolhido pelos estudantes de Teresina, não somente os da Faculdade Católica de Filosofia, para debater a reforma universitária elaborada pelo Governo Federal a partir de 1968. Porém, se diferenciava de outros ambientes universitários por não ter uma pauta de reivindicação como as existentes nas universidades públicas, conforme o depoente, como a luta por maior número de vagas e matrículas para os excedentes. Estes foram os pontos mais reivindicados pelas agremiações estudantis das universidades públicas. Mas, os estudantes da FAFI se envolveram em debates sobre questões de interesse da juventude brasileira como as lutas contra a má qualidade de ensino, o autoritarismo, o obsoletismo pedagógico e contra o acordo MEC-USAID, contestado, sobretudo, nas universidades públicas. As reivindicações eram organizadas por meio de atividades realizadas na FAFI, em acordo com a diretoria da Faculdade, durante as “quintas em debate”, que aconteciam a cada quinzena. Dessas discussões participavam docentes e discentes.

Os acordos MEC-USAID foram uma série de convênios produzidos nos anos 1960, assinado entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID)⁹. Visavam estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação. Esses acordos concediam a cinco especialistas norte-americanos a responsabilidade de propor diretrizes para a reorganização do sistema universitário no país, propunham introduzir novos currículos, formação educacional mais técnica e a eliminação da interferência estudantil na administração. Segundo Maria Paula Araújo (2007, p.158) “esse acordo tinha por objetivo introduzir no Brasil o modelo educacional norte-americano”. Daí gerarem recusa de amplos setores sociais, entre estes o movimento estudantil que os consideraram ingerência imperialista na educação brasileira e uma ameaça à autonomia universitária. Conforme Marinho (2005, p. 51) “Os MEC- USAID tiveram influência decisiva nas formulações e orientações que, posteriormente, conduziram o processo de reforma da educação brasileira na Ditadura Militar”. Acerca desses acordos Maria Helena Moreira Alves explica:

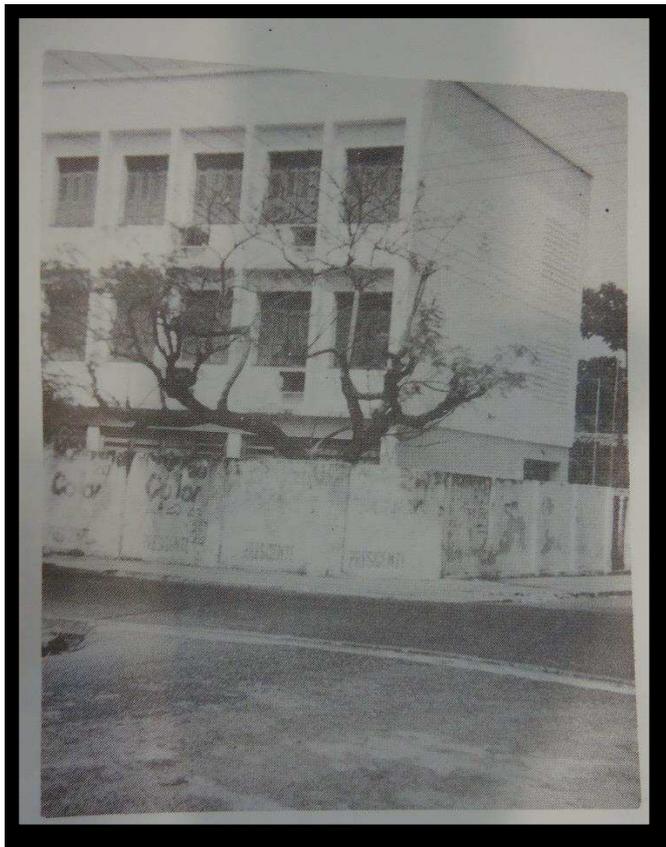
Objetivaram uma completa reforma do sistema universitário brasileiro, com a finalidade de privatizar as instituições de educação. A reforma universitária seria efetuada sob a direção e coordenação de comissões de planejamento criadas nos termos de acordo. Compunham-se elas basicamente de técnicos norte-americanos e estabeleceriam diretrizes para toda a política educacional, a educação agrícola e a publicação de livros-texto. As reformas transformariam completamente o sistema universitário brasileiro, aproximando-o do modelo adotado nas universidades norte-americanas. (ALVES, 2005, p. 142).

A recusa aos acordos devia-se à ameaça de privatização das universidades públicas e a ingerência do modelo norte-americano, como o direcionamento da formação educacional dos jovens para o atendimento das necessidades econômicas das empresas capitalistas através da formação de mão de obra especializada para a indústria. Esses acordos eram vistos como mais uma estratégia da política imperialista norte-americana. Segundo Regina Zappa e Ernesto Soto (2008) as diretrizes educacionais do USAID contrastavam com o ideal de educação buscada pelos estudantes brasileiros, que lutavam por educação capaz de formar indivíduos críticos, questionadores e preocupados com a realidade nacional e não como meio de formar mão de obra qualificada para responder ao projeto desenvolvimentista da ditadura militar. A

⁹ Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional.

crítica aos acordos MEC-USAID foi uma das principais pautas que direcionou várias manifestações dos estudantes pelo Brasil e entre os fafianos¹⁰ também.

Além de espaço de debates e conscientização da realidade social e política, a Faculdade de Filosofia aparece como local de lazer, socialização e como o ambiente que propiciou um novo direcionamento ao Movimento Estudantil em Teresina. Esta última questão será retomada no segundo capítulo que analisa a atuação do movimento estudantil na FAFI. Ela exerceu seu papel enquanto instituição formadora de educadores até 1971, quando foi incorporada pela Universidade Federal do Piauí e se desmembrou em Departamento de Educação e Filosofia. Veja a seguir foto do prédio onde funcionou a Faculdade de Filosofia, na qual podemos visualizar sua estrutura externa; as janelas das salas de aula que funcionavam no primeiro e segundo andar e as colunas do pátio no térreo do prédio. Das janelas das salas de aula dava pra acompanhar o movimento da Rua Barroso, uma das mais movimentadas ruas do centro de Teresina, onde ficava a Praça Saraiva, e em torno desta funcionava o ponto de embarque e desembarque dos ônibus intermunicipais.



Prédio onde funcionou a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI), localizado à Praça Saraiva, esquina das ruas Barroso e Olavo Bilac. (In: RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p.42).

¹⁰ Fafianos é uma denominação usada pelos depoentes para referir-se aos ex-discentes da FAFI.

A Faculdade de Filosofia teve uma representação considerável na vida daqueles que passaram por ela, não somente como estudantes, mas como docentes também. Tais representações positivas são visíveis no depoimento do professor Diogo José¹¹, que foi uma liderança de destaque no meio estudantil, conforme podemos verificar num trecho do depoimento dele citado por Maria do Amparo Carvalho:

A Faculdade de Filosofia era um espaço de discussão de idéias [sic] do ponto de vista mais avançado. A gente acompanhava toda a discussão que havia em âmbito nacional, a Faculdade de Filosofia levava isso à discussão em assembleias [sic]; havia naquela época as Semanas Culturais, noites de debate e isso era aberto ao público. Reuniam-se os estudantes e pessoas da sociedade e os temas eram discutidos abertamente com participação livre de todas, eram encontros bastante interessantes, sobre toda a problemática; os temas eram os mais variados, eram temas políticos, temas sociais eram levados à discussão nessas assembléias [sic], nesses movimentos culturais que a FAFI promovia. E a FAFI tinha uma posição até reconhecida no local como sendo uma posição de vanguarda relativamente até às outras faculdades. O que eu diria era que a FAFI tinha uma presença de pensamento e isso congregava as pessoas. Isso eu vi desaparecer um pouco com a fundação da Universidade, muita coisa devido ao caráter de massa da universidade, isso desapareceu. Na FAFI os alunos não se reuniam apenas em sala de aula não, se você visitasse a Faculdade nessa época, a Faculdade funcionava, não em termos de aula, mas em grupos de estudos que funcionavam de segunda a segunda. Havia sábado e domingos, às vezes sábado à noite em que os alunos estavam em grupinhos, grupos que se revezavam, mas eles estavam discutindo determinadas temáticas da atualidade. (DIOGO JOSÉ, apud: CARVALHO, 2006, p. 110).¹²

A Fala do docente Diogo José Airemorais sustenta a percepção que permeia a memória dos ex-discentes de que a FAFI tinha uma posição de vanguarda frente às outras faculdades de Teresina. Ele destaca a dinamicidade presente na Faculdade de Filosofia, seus espaços de discussão da realidade construídos pelos estudantes que procuraram tecer relações com a comunidade, proporcionando um debate útil acerca da realidade do Piauí. Essa fala é reafirmada por alguns depoentes que lembram o apego que os discentes tinham a FAFI, que frequentavam a instituição até mesmo durante os finais de semana, seja para realizar estudos em grupo, organizar atividades culturais e até mesmo ajudar na limpeza do prédio. É o que lembra o ex-discente Antônio Ferreira Sobrinho:

¹¹ Diogo José Airemorais Soares foi professor na FAFI na década de sessenta, militou ao lado dos estudantes, foi preso e foi indiciado por Inquérito Policial Militar como subversivo.

¹² Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, set. 1998. Cf. CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Teresina: UFPI, 2006. 229p. Dissertação (mestrado) História do Brasil. UFPI. P.110.

A gente ia lá dia de sábado para trabalhar pela faculdade, fazer limpeza, serviços. Eu me lembro que na época o Diogo comandou lá, tinha uma cerca, não sei o que era, e todo mundo foi pra lá para ajudar. Então, havia um certo respeito pela aquela faculdade, sobretudo por que a principal liderança, acho que era o padre Raimundo José e o irmão dele o Diogo, que a gente via o esforço dele para a faculdade permanecer, para funcionar com qualidade, né. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho, ago., 2012).

A Faculdade de Filosofia congregava esforços de discentes, docentes e corpo administrativo em torno do interesse da continuação da faculdade, que se solidarizavam com as dificuldades econômicas da instituição. Conforme a fala do depoente acima, os estudantes eram envolvidos com os problemas da instituição, organizavam até mesmo mutirões de limpeza sob a coordenação do então docente Diogo José, este é representado pelos discentes como uma liderança dentro da faculdade.

Em meados da década de 1960, parcelas da juventude teresinense, principalmente aqueles estudantes das faculdades e jovens aspirantes ao ensino superior, são movidas pelo propósito de criação da Universidade Federal do Piauí e a FAFI foi o palco para muitas reivindicações a favor desse propósito. Em fevereiro de 1964 o Jornal O Dia registrou que a ideia da criação de uma Universidade que ganhava corpo no Piauí partiu dos próprios universitários que ao darem a sugestão foram logo “[...] empolgando o professorado, os intelectuais, o governo estadual, os líderes do comércio e da indústria” (O DIA, 1964, 26 Jan., p. 3).

Esse sonho é alimentado pelos interesses da elite intelectual, sobretudo os docentes das faculdades e dos políticos piauienses, que adensam os debates em torno do projeto de criação da Universidade. Por volta de 1963 as discussões sobre a criação da universidade intensificam-se nos jornais locais, onde é constante artigos de intelectuais conclamando a união do governo, estudantes e o povo piauiense para tal fim. Ao mesmo tempo, os universitários lançam a campanha “Pro Universidade do Piauí”, veiculada principalmente numa coluna do jornal O Dia, intitulada “Retalhos Universitários”, mantida pelo diretório Acadêmico João XXIII da Faculdade de Direito, que posteriormente muda o nome para “Coluna Universitária”, esta circulou entre os anos de 1968 a 1971. A coluna diariamente concluía seu editorial com a frase: “O Piauí clama por sua Universidade” (O Dia, 1965, 17 març., p. 5). Depois de disseminado este propósito os estudantes persistiram nas reivindicações juntamente com as autoridades locais e federais, no entanto, com o Golpe Militar o processo foi lento, somente se concretizando em 1970.

A Universidade Federal no Piauí era um ideal compartilhado por praticamente toda a sociedade piauiense, que se queixava em meados de 1960 de ser o único Estado da Federação que ainda não havia sido contemplado com uma Universidade. De acordo com Fonseca Neto (2001, p.12) em 1965 surgem ações mais concretas visando tal fito, quando, o então Presidente do Conselho Estadual de Educação (CEE) e Chefe da Casa Civil do governo do Piauí Professor José Camilo da Silveira Filho elaborou e encaminhou uma petição ao então presidente da República Marechal Castelo Branco, elaborado com o consentimento dos demais conselheiros estaduais de educação, os diretores das faculdades e presidentes das mantenedoras respectivas, os estudantes presidentes dos diretórios acadêmicos e do governador Petrônio Portela.

Conforme Fonseca Neto (2001) a UFPI foi fruto de articulação entre elites políticas do Piauí, governo e oposições que se uniram no decorrer do processo de tramitação do projeto de lei de criação da UFPI no Congresso Nacional. Enquanto aguardavam a aprovação do projeto entre 1967 e 1969 o governo do Estado no período – Helvídio Nunes - se empenhou na criação da Faculdade de Medicina, estadualizou a de Odontologia e instituiu a Faculdade de Administração na cidade de Parnaíba. Estas medidas visavam o cumprimento das condições impostas pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) nº 4.024/61 sobre a existência legal de pelo menos cinco faculdades no Estado para que se criasse uma universidade.

A leitura feita por Fonseca Neto (2001) acerca do processo de criação da UFPI passa a ideia de que tal feito coube tão somente às elites políticas, negando assim a participação dos estudantes. Apesar de o processo ter sido direcionado pelas elites políticas, não podemos negar o envolvimento dos estudantes nessa causa, pois o movimento estudantil do Piauí teve participação, além de ter iniciado a luta pela implantação da Universidade Federal do Piauí no início da década de 1960, foi responsável pela articulação dos estudantes em prol daquele objetivo, mantendo contatos e fazendo reivindicações junto às autoridades federais e estaduais, ao mesmo tempo em que representantes da UEE (União Estadual de Estudantes) participavam de encontros das entidades estudantis em nível nacional. Numa dessas viagens, o então vice-presidente da UEE e membro fundador do Comitê Pro-Universidade do Piauí Egídio Mota, manteve contato no estado da Guanabara com autoridades federais, fazendo na ocasião reivindicações para os estudantes universitários. Em documento enviado a UEE ele antecipava as novidades dizendo:

[...] O Conselho Ordinário da UNE encampou o movimento Pró-Universidade do Piauí, telegrafando neste sentido aos Srs. Presidente da República, Governador Petrônio Portela e Ministro da Educação e Cultura,

adiantando que a semana em prol da nossa Universidade Federal a se realizar no próximo mês de fevereiro contará com as presenças de diversos Diretórios da UNE, de vários UEES e do próprio Ministro da Educação. Como saldo positivo desta viagem Mota conseguiu do Presidente da CASES para a UEE do Piauí, um moderno restaurante para a universidade, fazendo igualmente um convênio com a SAPS para a permanente manutenção no referido restaurante.

Mota ainda recebeu um milhão de cruzeiros destinado á UEE no Orçamento Financeiro da União exercício do ano próximo findo. (Universidade no Piauí. O DIA. 1964, 21 fev., p. 2.)

O trecho mostra que as entidades representativas dos estudantes a nível nacional e estadual compartilharam do movimento Pró-universidade do Piauí. Certamente os estudantes não lideraram a criação da instituição, mas o movimento direcionado por eles somou esforços nesse processo. Durante a tramitação do projeto de criação multiplicaram notícias nos jornais locais com reflexões acerca da criação da universidade, elas se alternavam com posicionamentos esperançosos e com repúdios aos entraves burocráticos durante esse processo. Veja a seguir uma dessas divulgações:

Sob a direção do Dr. Zenon Rocha instalou-se e está funcionando, regularmente, a Faculdade de Medicina. [...] Outros cursos superiores serão criados e instituídos, - como estrutura necessária ao evento da futura Universidade do Piauí. [...] A Faculdade de Medicina é peça essencial da nova era piauiense [...] É o caminho aberto para a Universidade do Piauí, - que desde já temos como motivo de elevação espiritual da mocidade piauiense, em visível porvir. (MENDES. O DIA, 1968, 17 jan., p.3).

O anseio do intelectual e então Presidente da Academia Piauiense de Letras, Simplício de Sousa Mendes, autor das reflexões supracitadas, representa o mesmo sentimento compartilhado pelos intelectuais e sociedade teresinense: a aspiração pela Universidade Federal no Piauí. E, após a instalação da Faculdade de Medicina os ânimos em torno desse ideal se acirraram, tendo em vista que mais uma etapa a caminho da criação da Universidade tinha sido cumprida, o que se tornou motivo de comemoração entre os partidários dessa causa. A seguir a notícia de aprovação da mensagem de criação da Universidade veiculada nos jornais locais e recebida pelos teresinenses com empolgação

Procedente de Brasília desembarcou ontem no Aeroporto de Teresina o Senador Petrônio Portela Nunes, Vice-Líder do Governo no Senado da República. Ao desembarcar afirmou à nossa reportagem: “nunca voltei à terra tão feliz. É que uma velha promessa hoje se fez cumprida pelo

Govêrno¹³ Federal [sic]. Todo mundo conhece a minha luta desde Governador, em prol da Universidade do Piauí”.

Asseverou que o processo do Ministério da Educação e Cultura tem nº 1925 [...] Afirmou o Senador Petrônio Portela que, em atendimento a apelo seu, o Ministro da Educação, em duas horas apenas, preparou toda a documentação e a mensagem ao Congresso foi pronta, de maneira que, no dia seguinte, realizou-se solenemente a sua assinatura pelo Presidente da República.

Finalizando afirmou o Senador Petrônio Portela: “todos os nossos esforços foram coroados de êxito, incluindo-se, em vulto especial, o trabalho desenvolvido aqui no Estado, pelo Governador Helvídio Nunes¹⁴...”. (O DIA, 1968, 18 out., p. 1-2).

A mensagem trazida pelo então senador Petrônio Portela reaviva a esperança dos piauienses pela universidade. E, assim procederam as notícias sobre tal processo até a criação da Fundação Universidade Federal do Piauí pela lei nº 5.528/68, a maioria, intencionalmente destacava a figura do senador Petrônio Portela como representante e defensor principal desta causa. No decorrer desse processo os jornais serviram como espaço para projeção política deste e de outros políticos que estiveram envolvidos na luta pela universidade. Segundo os simpatizantes de Petrônio Portela foi ele que conduziu o processo de criação da Universidade e recebeu o reconhecimento pela sua luta, foi dado seu nome ao Campus Universitário: “Ministro Petrônio Portela”.

A chegada da Universidade Federal foi bastante comemorada pelos docentes e políticos que estiveram envolvidos no seu processo de criação, mas, sobretudo, por parte dos jovens que tiveram ampliadas as oportunidades de ingressar no ensino superior. A isso somou a esperança de que a chegada da universidade proporcionasse o desenvolvimento do Estado por meio da expansão da educação e pesquisa. Mas, foi um longo processo de luta e expectativa em torno da criação da Universidade superando algumas etapas; desde a elaboração de uma petição com exposição de motivos feita pelo presidente do Conselho Estadual de Educação em 1965, passando pela aprovação da mensagem pelo então presidente da República Marechal Artur da Costa e Silva em 1968, a concretização da instituição ocorreu em março de 1971 com a realização do primeiro vestibular simultâneo nas faculdades que compunham a Universidade, que aconteceu em 07 de janeiro de 1971, com 900 inscritos conforme consta no Jornal: “As quatro unidades de ensino superior da Fundação Universidade Federal do Piauí iniciaram ontem exames vestibulares com cerca de 900 alunos inscritos” (O DIA, 1971, 08 jan., p. 8). A instalação do Campus aconteceu em 1973.

¹³ Algumas palavras nesse trabalho aparecem grafadas com escrita ou acentuação que foge às convenções da escrita padrão de hoje, pois na década de sessenta eram outras as normas. Optamos por deixá-las no formato original acreditando que é mais um recurso que funcionará como instrumento de informação sobre a época.

¹⁴ Helvídio Nunes de Barros foi governador do Piauí entre os anos de 1967 a 1971. Cf. (FILHO, 1978, p.52).

Apesar do mérito da criação da Universidade ser atribuída ao Senador Petrônio Portela e a um pequeno grupo de políticos e intelectuais que militaram diretamente nesta causa, não se pode negligenciar a participação da sociedade civil nesta luta que se fez presente através de manifestações de apoio e reivindicações a favor da universidade. O anseio da sociedade pela sua universidade era certamente o motor que movia os interesses dos políticos envolvidos que disputaram o mérito na criação desta instituição, interessados, sobretudo, em lucrar politicamente durante as eleições e inserirem-se nesse espaço de poder participando da distribuição dos cargos administrativos da instituição e de outras benesses que o espaço possibilitava.

A luta pela criação da Universidade no Piauí envolveu intelectuais, sociedade, políticos, mesmo os de lado opostos como o Senador Petrônio Portela e o governador Helvídio Nunes, que se uniram em prol de um bem para a sociedade piauiense, uma estratégia política em que todos visavam ficar numa situação confortável diante a população. Durante o processo de criação da universidade somaram esforços, vindo a disputarem espaços e méritos quando da organização da Fundação Universidade Federal do Piauí e da ocupação dos cargos desta, principalmente pela indicação do primeiro reitor. A classe estudantil não participou dessa escolha, ficando a cargo dos políticos. Os estudantes manifestaram-se através dos jornais com opiniões geralmente desejando a superação desse impasse que surgiu diante a nomeação do primeiro reitor. A classe estudantil também foi esquecida na cerimônia de instalação da universidade¹⁵, é o que retrata o artigo a seguir que analisa o evento:

A instalação de nossa universidade foi comentada por muitos mas, a nosso ver, poucos foram os que se detiveram em observá-la e até mesmo criticá-la, que é o que faremos agora com sentido construtivos.

Nunca se viu no Piauí afluência de público mais numeroso a acontecimento de cunho cultural como o da instalação da universidade.

Sabemos nós do desinteresse do povo piauiense pelas reuniões daquele tipo, embora o justifiquemos. Sabemos muito bem que o desinteresse é natural pela pobreza cultural e falta de maturidade.

A instalação da universidade foi concorrida porque era um fato novo e que por certo despertou curiosidade.

Estive presente ao lado de inúmeros colegas estudantes (e comigo comentaram o fato) que não sei se tiveram a oportunidade que agora tenho de expressar a surpresa ante o acontecido.

Enorme mesa, enfeitada de flores e rodeada de cadeiras estava à frente dos que chegavam ao recinto.

¹⁵ Na cerimônia de instalação oficial da Universidade estiveram presentes as seguintes autoridades: governador João Clímaco D'Almeida, o reitor 'pro tempore' prof. Robert Wall de Carvalho e o Senador Petrônio Portela, na época presidente do Congresso Nacional, que deu a aula de sapiência, numa cerimônia que ocorreu no Clube dos Diários com a participação de intelectuais, autoridades eclesíásticas, políticos e estudantes.

A chamada das autoridades foi normal além da chamada de pessoas que simplesmente por portarem mandatos políticos e outras coisas mais tiveram assento as cadeiras em volta da mesa.

Não houve chamada porém daqueles, ou melhor, de nenhum representante daqueles a quem se destina a universidade – os estudantes. Atentem para o detalhe.

Não possuímos um Diretório Central dos Estudantes que poderia representar a classe estudantil na pessoa do seu presidente. Mas não possuímos porque não tínhamos até então a nossa universidade.

No entanto, possuímos Diretores Acadêmicos em cada escola. E são poucos porque a nossa universidade se instala com o número mínimo de unidades.

Os presidentes dos Diretórios não estiveram presentes à mesa não porque não quisessem, mas porque simplesmente não foram chamados.

Transmito aqui o pensamento que não é só meu mas é de inúmeros estudantes. [...]

A universidade se destina aos estudantes e não a políticos, embora se dê mais importância nessas horas àqueles, muitos dos quais talvez tenham contribuído com sua omissão para que ela não existisse há mais tempo.

É lamentável que isso ocorra porque causa certa frustração nos que são idealistas e vibradores com os movimentos estudantis.[...] (COELHO. Universidade e Reitoria. O Dia, 1971, 25 abr., p.6)

A fala do estudante nos informa das circunstâncias em que ocorreu a instalação da universidade e a participação dos estudantes nesse processo. Ele atenta para o fato de que na cerimônia de instalação da universidade não ter sido convidado para compor a mesa de honra nenhum representante da classe estudantil, a quem era destinada a universidade, pela falta de convite, pois mesmo não havendo Diretório Central dos Estudantes, o qual seu presidente poderia representar a classe estudantil, estavam presentes os presidentes dos Diretórios Acadêmicos, que não foram chamados. Os políticos e alguns membros da sociedade que pouco ou nada contribuíram para o processo de criação da universidade ou mesmo colaboraram para o retardamento de sua instalação ocuparam o lugar dos principais interessados; os estudantes.

O fato, relatado de forma ressentida, é lamentado pela frustração que causou nos idealistas dos movimentos estudantis, ao ver renegadas as ações organizadas pelos estudantes em prol de sua universidade. A ausência de um representante da classe estudantil retrata o valor atribuído pela elite do Estado às ações dos estudantes no processo de criação da universidade, que foram suprimidas. Uma vez que tal feito é atribuída tão somente à vontade dos políticos e intelectuais, que tomaram para si o mérito pela concretização do sonho da universidade do Piauí.

Interessante que a Universidade Federal no hiato de dois anos, entre a aprovação da lei que o instituiu até a instalação dela, as discussões de organização e instalações coincidiram

com as discussões em torno da Reforma Universitária¹⁶ a nível nacional. Portanto, mal fora instalada e já sugeriram incertezas quanto a sua organização, o que gerou discussões acirradas principalmente na Faculdade Católica de Filosofia com presença de docentes, estudantes e políticos. A esse respeito vejamos o seguinte trecho da reportagem do Jornal O Dia:

Realizou na noite de sexta-feira passada na Faculdade Católica de Filosofia, importante debate em torno da Universidade do Piauí, contando com a participação do Senador Petrônio Portela Nunes, especialmente convidado dos Diretores das Faculdades Locais e de professores. Grande foi a afluência de alunos, na sua grande maioria da Faculdade de Filosofia, os mais interessados pelo problema em debate, que versou, na sua parte principal, sobre razões da exclusão da Faculdade de Educação do elenco das unidades que compõe a atual universidade.

Após a exposição feita pelo Senador Petrônio Portela mostrando sua posição em face do caso e a colaboração por êle [sic] emprestada, já agora como Senador da República, entrou no debate o professor Celso Barros Coelho, contestando as teses apresentadas pelo Senador. A discussão atingiu seu ponto alto quando o Senador Petrônio, querendo justificar sua posição em face da exclusão da Faculdade de Filosofia, encontrou na contestação o fundamento de que a exclusão se dera por um deliberado propósito, esclarecendo o professor Celso Barros Coelho, com o ostensivo apoio dos estudantes, que a exclusão representava um atentado à cultura piauiense, à universidade nascente e à mocidade principalmente. (O DIA, 1968, 18 nov., p. 1).

O fragmento da reportagem mostra algumas das polêmicas que movimentaram os estudantes da Faculdade de Filosofia e professores em torno da organização da futura universidade. Entre as pautas mais polêmicas estava a exclusão da Faculdade de Filosofia, situação que desagradou o Diretor da FAFI, professores e estudantes. Celso Barros Coelho, professor da Faculdade de Direito e Faculdade de Filosofia e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil secção Piauí, assumiu a posição contrária à exclusão da Faculdade de Filosofia, atribuindo a essa atitude um atentado à mocidade e à cultura piauiense, tendo em vista que essa proposta prejudicaria o objetivo para o qual foi fundada a FAFI: preparar docentes para a educação secundarista. Essa discussão em torno da possibilidade de exclusão da faculdade gerou muitos debates e teve a participação dos estudantes, que se manifestaram através de reuniões organizadas para debater o tema. Situação que foi superada no decorrer da institucionalização da universidade do Piauí, em que a FAFI foi desintegrada, mas seus cursos

¹⁶Em 1968 o Congresso Nacional aprovou a Lei de Reforma Universitária (Lei nº 5540/68) que criava os departamentos, o sistema de créditos, o vestibular classificatório, o ciclo básico. O exame vestibular deixou de ser eliminatório, assumindo uma função classificatória, dentre outras inovações. Acerca disso, ver: SOARES, Maria Susana Arrosa (Org.). A Educação Superior no Brasil. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. p. 39.

voltados para educação continuaram a existir em duas unidades que integraram a instituição: Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Letras e Faculdade de Educação.

Os jornais locais davam espaço a tudo que se referia à Universidade. O jornal O Dia destinou espaço para a discussão sobre a criação e organização da Universidade Federal do Piauí numa coluna intitulada: “O Dia abre amplo debate sobre a Universidade”. Nesta, a partir de 1968, eram apresentadas diariamente as últimas notícias, resoluções e os depoimentos dos envolvidos no processo de criação da instituição, mantendo informadas a sociedade e a classe estudantil. A seguir a reportagem sobre o estatuto da Universidade mostra como ficou organizado a instituição.

CAPÍTULO V

Da Universidade

Art. 19 – A Universidade Federal do Piauí será inicialmente integrada pelas seguintes unidades:

I – Faculdade Federal de Direito do Piauí, que passará a denominar-se: Faculdade de Direito da Universidade Federal do Piauí;

II – Faculdade de Odontologia do Piauí, que passará a denominar-se: Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Piauí;

III – Faculdade de Medicina do Piauí, que passará a denominar-se: Faculdade de Medicina do Piauí;

IV – Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, que se desdobrará em:

1 – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí;

2 – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Piauí;

V – Instituto de Ciências Matemáticas e da Natureza;

VI – Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí;

VII – Faculdade de Administração da Universidade Federal do Piauí.

(ESTATUTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, O DIA, 1969, 09 set., p. 3).

De acordo com o trecho do estatuto apresentado a Universidade foi composta pelas três faculdades já existentes no Piauí e duas criadas, mas que não existiu além do papel, como a Faculdade de Enfermagem e a Faculdade de Administração em Parnaíba, seguindo o número mínimo de instituições. Destas a única que se desintegrou foi a FAFI, em Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Letras; Faculdade de Educação da Universidade Federal do Piauí e o Instituto de Ciências Matemáticas e da Natureza, pois os cursos de matemática e física funcionavam na Faculdade de Filosofia desde 1969. Na organização final aquela proposta citada anteriormente e que despertou críticas por parte dos docentes e discentes que excluía a Faculdade de Filosofia não se concretizou, mas ocorreu a desintegração dela.

Superados os primeiros obstáculos para organização da Universidade, após ser oficialmente instalada, passa-se a luta pela construção do Campus. Em 1971 os cursos

continuaram funcionando nas sedes das Faculdades que a integraram, de forma que os estudantes que entraram na Faculdade de Filosofia em 1968 continuaram frequentando o mesmo espaço após a criação da Universidade. Eles fizeram vestibular para Faculdade Católica de Filosofia e saíram com o diploma da Universidade Federal do Piauí. Conforme relata Antônio José Medeiros: “Fiz o vestibular para Faculdade de Filosofia e fui aprovado. Meu período lá foi 68, 69, 70 e 71. Eu concluí no final de 1971, e tinha sido criada no início de 1971 a Universidade Federal, de forma que o meu diploma já é da Universidade Federal do Piauí, da UFPI.” Da mesma forma comenta Maria das Graças Moita¹⁷:

Eu entrei na Faculdade de Filosofia no ano de 1968 e terminei em 1971. [...] Eu comecei na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí e terminei na Universidade Federal do Piauí. [...] O meu diploma é da Universidade Federal do Piauí, embora geograficamente nós continuamos por muito tempo ainda no prédio que era localizado na Praça Saraiva, próximo a Igreja das Dores. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

Os estudantes que passaram por essa transição de FAFI a UFPI entre 1969 a 1971 não sentiram muitas mudanças, uma vez que continuaram frequentando o mesmo espaço físico e no mesmo horário, conforme a fala da depoente Maria das Graças Moita. Mas, para aqueles que frequentaram os dois espaços, o da FAFI e depois o “Campus Universitário Ministro Petrônio Portela”, as mudanças foram sentidas com mais intensidade.

O Campus da Universidade ficou conhecido como Campus do Ininga, por situar-se no bairro com o referido nome. Os estudantes saíram do centro da cidade e passaram a frequentar uma universidade localizada à época num bairro distante do centro e isolada. Tendo em vista que essa região onde foi instalada a universidade ainda não havia passado pelo processo de urbanização, distante de residências, assim os estudantes tiveram que enfrentar as dificuldades de acesso. Vejamos a notícia veiculada sobre a transferência dos alunos para o campus:

Cerca de 1.300 alunos irão para o Campus da Universidade, sendo 378 do curso de ciências, 191 de direito, 223 de filosofia, 47 de matemática e física e o restante dos departamentos de ciências naturais e educação. [...] A verdade é que da parte dos estudantes não há, até agora, nenhuma oposição com relação à transferência para o Campus. Os professores estão, entretanto, numa grita enorme, principalmente aqueles que não dispõem de veículos próprios. Outros reclamam que não existem, ainda nem uma estrada de

¹⁷Maria das Graças Raposo Moita é graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí, iniciou o curso na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí em 1969. Atualmente professora da Universidade Federal do Piauí, vinculada ao Departamento de Filosofia, mestre em Educação pela UFPI.

acesso que facilite a locomoção até a área do campus. (O DIA, 1973, 19 jan., p. 5).

O fato da ausência de manifestações de oposição entre os estudantes diante a transferência para o Campus universitário, conforme citado no trecho da reportagem, está relacionado com o cenário político de 1973 em que o movimento estudantil estava desorganizado, e os estudantes aterrorizados com a repressão imposta pela ditadura que inibia qualquer manifestação de estudantes, o que supõe a disciplinarização dos jovens pelos discursos e pelas estratégias dos militares. Após 1978 com a reestruturação do movimento estudantil a nível local e nacional houve manifestações dos estudantes da UFPI contra a falta de transporte público para a universidade, conforme veremos no segundo capítulo.

Para a construção do Campus Universitário somaram esforços os políticos e empresários. O então governador Clímaco D’Almeida¹⁸ doou o terreno no Socopo e o incorporador Giovanni Prado também cedeu parte das terras próximas ao Socopo para a Fundação Universidade Federal do Piauí. Assim aparece na reportagem do Jornal O Dia

Os universitários piauienses, mandamos o nosso abraço ao Governador Clímaco d’Almeida, ao tempo que lhe apresentamos os nossos mais sinceros votos de reconhecimento pelo muito que fêz por nossa Universidade, inclusive, ao apagar das luzes, doando um terreno para o ‘CAMPUS UNIVERSITÁRIO’. (O DIA, 1971, 13 març., p.5).

A censura imposta aos jornais impedia a divulgação de críticas ao regime, assim a fala dos estudantes aparece controlada e restrita a manifestações de agradecimentos aos que estiveram a favor e envolvidos na luta pela criação e instalação da universidade, uma fala disciplinada. Ao tempo em que os políticos e interessados em ingressar nesse meio utilizaram desse espaço da mídia para se projetarem politicamente. Em 23 de julho de 1971 a edição do jornal O Dia divulga em primeira página e curiosamente ao lado da notícia “Apolo-15 retorna da missão” a informação: “Pronto o projeto do Campus Universitário”. Sobre o campus o noticiário informa:

O governador Alberto Silva e o reitor da Universidade professor Hécio Ulhôa Saraiva apresentaram ontem o projeto de construção do campus universitário que ocupará uma área de 180 hectares no Bairro Ininga. O projeto elaborado por uma equipe de técnicos da Universidade de Brasília procura centralizar as atividades da população universitária dentro de um círculo formado pelo anel viário de acesso às diversas dependências das

¹⁸ João Clímaco d’Almeida foi vice-Governador na legislatura de 1967-1971 na chapa com o Governador Helvídio Nunes de Barros, na ausência deste assumiu várias vezes o Governo.

escolas, proporcionando um ambiente arquitetônico condizente com as atividades a serem desenvolvidas. O reitor Hércio Saraiva salientou, ao apresentar a planta com as perspectivas do projeto do campus, que êle atendia à novas normas preconizadas pela Reforma Universitária do Ministério da Educação e fêz um comentário rápido sobre as formas arquitetônicas dos prédios do campus, que estão localizados tecnicamente em áreas que permitem a intercomunicação entre as escolas, mas ao mesmo tempo dando aos vários conjuntos idéia de interdependência. (O DIA, 1971, 23 jul., p. 1-2).

Seguindo a estratégia militar de evitar a convivência de muitos estudantes num único espaço que favorecesse organizações de manifestações, o projeto arquitetônico separou as unidades correspondentes a cada faculdade que compôs a Universidade Federal do Piauí em prédios distantes, que de acordo com a fala do reitor davam ideia de interdependência. O Jornal O Estado divulga imagem do projeto inicial da construção do Campus:



Projeto do Campus da Universidade Federal do Piauí. (O Estado, 1971, 28 jul., p. 2)

O círculo presente na planta do projeto citado acima representa o local onde foram construídas as unidades que compunham a universidade. Coube ao sucessor de João Clímaco D'Almeida o governador Alberto Tavares Silva¹⁹ concretizar o projeto de construção do Campus Universitário. Com a inauguração deste em 1973 os estudantes das demais faculdades que compunham a universidade foram congregados num mesmo espaço físico, possibilitando maior convivência destes. No entanto era um período de forte atuação e controle pela censura, e o sistema de créditos criados pela Reforma Universitária de 1968,

¹⁹ Alberto Tavares Silva em seu primeiro mandato governou o Piauí entre 1971 a 1975.

pela lei nº 5.540 de 28 de Novembro de 1968, que permitia aos estudantes cursarem disciplinas diversas em horários diferentes, foi uma das estratégias empregadas pelos militares para evitar o maior convívio entre os estudantes e, assim, dificultar a articulação entre eles e a formação de grupos. Mas, esse período coincide ainda com a desarticulação do Movimento Estudantil a nível nacional devido à repressão imposta aos estudantes pelos militares, de forma que os estudantes que frequentaram a UFPI nesse período não tiveram uma experiência de militância “intensa” como os discentes que vivenciaram a FAFI entre os anos de 1965 a 1969.

O cenário acadêmico da década de 1960 em Teresina foi caracterizado, portanto, pela existência de educação privada e pela luta em torno da criação da Universidade Federal do Piauí e pelo engajamento dos estudantes nas pautas reivindicatórias do movimento estudantil a nível nacional: críticas aos acordos MEC-USAID, melhores estruturas e vagas nas universidades e contestação contra a política de opressão imposta pela ditadura militar.

1.2. Consumindo espaços e tecendo valores: as vivências oportunizadas pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na memória dos seus ex-discentes.

Os anos de 1960 e 1970 foram propícios à subversão das normas disciplinares e à (re)significação de valores entre os jovens. O ambiente desse período, sobretudo em fins de 1960, que foi o momento em que as mudanças vivenciadas nessa década nas grandes cidades começam a se fazer presentes em Teresina, foi favorável aos jovens acadêmicos engajados politicamente ou não, para empreenderem táticas a fim de burlar as normas disciplinares da sociedade, para fugir ao formalismo que lhes tentavam impor e às estratégias de controle empreendidas seja pela escola, família ou pela sociedade tradicional e reacionária, visando usufruir de novos espaços de sociabilidade e da moda em vigor.

O espaço da universidade é um local de disseminação de pensamentos, assim conforme reflete Heloísa Buarque (1999, p. 94) a universidade brasileira “é responsável pelo surgimento de um expressivo movimento político de resistência” na década de 1960, em que as universidades foram centros de resistência não somente política, mas de oposição ao formalismo que a sociedade burguesa tentava impor e de contestação aos valores tradicionais e conservadores. Na década de 1960 inexistindo uma universidade pública no Piauí a Faculdade Católica de Filosofia no final da década de 1960 a início de 1970 torna-se esse lugar de resistência e de contestação aos valores conservadores, principalmente por agregar um público de jovens e adultos, conscientes ou em processo de conscientização da realidade

social e política do Brasil. Além de que, concentrava cursos na área de ciências humanas cujos currículos abrangiam a formação intelectual e buscavam formar pessoas críticas com atitudes diante a realidade. Com a fundação do campus universitário a partir de 1973 a Universidade Federal torna-se esse espaço de contestação, timidamente devido às circunstâncias de controle inseridas pelo AI-5 que intimidavam as ações estudantis e promoveram o desmonte das entidades representativas dos estudantes.

Maria de Lourdes Fávero em reflexão sobre o desmembramento e extinção das Faculdades de Filosofia a partir da Lei nº 5.540 de 28 de Novembro de 1968 (Lei Básica de Reforma Universitária) comenta que o fato das Faculdades de Filosofia serem “centros de produção e veiculação do pensamento crítico e inovador e de contestação política ao regime militar implantado em 1964, essas Faculdades, entre todas as unidades universitárias, foram as mais retalhadas” (FAVERO, 2002, p.45). Em Teresina a Faculdade de Filosofia sofre a desintegração com a incorporação pela Universidade Federal do Piauí, e em relação às retaliações ela abrigou, entre as faculdades, maior número de estudantes envolvidos na Militância Estudantil, teve estudantes e professores da instituição presos. O professor Diogo José Airemorais, os alunos Antônio José Medeiros e José Reis Pereira foram presos e o diretor o Padre Raimundo José Airemorais foi interrogado pelos militares e respondeu a Inquérito Policial Militar²⁰, acusados de subversão contra a ordem pública.

Para compreendermos um pouco o ambiente acadêmico vivenciado pelos jovens estudantes da Faculdade de Filosofia do Piauí é pertinente falarmos um pouco dessa instituição na década de 1960. Na Faculdade de Filosofia, FAFI como é chamada pelos ex-discentes, funcionava os cursos de bacharelado em Filosofia, História, Geografia e Letras Neolatinas. Segundo a professora Valdiva Veloso (Apud SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.197) “cumprindo o bacharelado, os alunos poderiam cursar as licenciaturas, as disciplinas pedagógicas e, em 1963, a primeira turma de Licenciatura emergiu da FAFI para o sistema educacional” e não só para o sistema educacional, também para diversos órgãos públicos. A proposta curricular da faculdade envolvia formação humana e profissional, conforme expressa em depoimento a ex discente Maria das Graças Moita:

²⁰Os IPMs foram institucionalizados em 27 de abril de 1964 pelo Governo Castelo Branco. Eram destinados a varrer a subversão principalmente de estatais, empresas públicas, universidades etc. Tinham como foco central sindicalistas, militares, camponeses, estudantes, comunistas e todos aqueles que envolveram-se tanto na luta pelas reformas de base quanto em iniciativas políticas e/ou culturais que tinham trabalhadores e camponeses como ‘receptores’ - seja na ação, seja apenas na intenção. Cf. (REIS e ROLLAND, 2010).

Quando nós começamos na faculdade nós só definíamos o curso que nós queríamos ir no 2º ano. No 1º ano ele chamou de básico para nós termos uma noção de todos os cursos que tinham lá: Curso de Filosofia, Letras, Geografia e História, e depois Matemática. Então a gente tinha nesse primeiro semestre noções dos cursos que estavam lá, como falei anteriormente, e de Cultura Geral, depois, no final é que a gente escolhia, por a gente ter mais consciência do que queria [...]. Eu fiquei com Filosofia. Então lá a gente tinha nessa disciplina de Cultura Geral fazia as discussões de toda a efervescência, nós discutíamos muito tudo que estava acontecendo no período. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

A depoente explica a estrutura curricular dos cursos da faculdade com a intenção de mostrar que a instituição proporcionava a seus alunos, através da disciplina Cultura Geral, uma conscientização político-social e valorização da postura crítica de seus alunos. Tendo em vista que a faculdade foi criada por um grupo de profissionais, juntamente com Dom Avelar, para suprir a necessidade de docentes para o ensino secundário, a maioria dos estudantes, segundo nos informa alguns discentes do período, era composta por professores do ensino fundamental, na época denominado 1º grau, e por outros profissionais que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. Antônio José Medeiros, que cursou Filosofia na Faculdade entre os anos de 1968 a 1971, reforça as informações dadas por Maria das Graças Moita sobre a estrutura pedagógica da instituição. Ele explica:

Havia sido feita uma reforma na FAFI, em que se tinha introduzido um ciclo básico, o primeiro ano básico como se chamava, comum a todas as licenciaturas. No segundo era que se começava a ver disciplinas diferentes; e no terceiro e quarto anos havia as disciplinas pedagógicas comuns. [...] se tinha uma disciplina chamada ‘Elementos de Cultura Geral’. [...] A disciplina era estruturada assim: o homem no tempo, o homem no espaço, o homem na construção da sociedade. (MEDEIROS, Apud: SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p. 224-225).

Como podemos observar nos depoimentos de Maria das Graças Moita e Antônio José Medeiros, acerca da estrutura curricular da Faculdade de Filosofia, que havia uma preocupação com a formação humanística do estudante, pois as disciplinas básicas eram voltadas para o estudante refletir sobre a realidade da pessoa humana e seu papel social. A reforma citada pelo depoente de introduzir um ciclo básico antecedeu a proposta de Reforma Universitária de 1968, conforme expõe o Padre Raimundo José:

Essa era a época imediatamente anterior à Reforma Universitária, a qual, para todos os cursos, instituiu dentro do conjunto dos currículos da Universidade um ciclo chamado de Básico. Pois, antes de a reforma

universitária fazê-lo, já o havíamos pensado e realizado na FAFI. Fizemos a experiência de o primeiro ano na FAFI ser um ano comum a todos os cursos. A finalidade desse ano era exatamente criar o espírito verdadeiramente universitário. (Depoimento do Padre Raimundo José Airemorais, Apud: SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.147).

A antecipação da FAFI à reforma universitária de 1968 refere-se à adoção de um ano básico que contemplava a formação geral e as disciplinas pedagógicas direcionadas à licenciatura, que passa a fazer parte do currículo das universidades públicas após a reforma. A concepção do Padre Raimundo José, que foi Diretor da Faculdade de 1967 até sua incorporação pela Universidade Federal do Piauí em 1971, compartilha da visão dos seus estudantes de que a FAFI despertou uma consciência universitária, no sentido de contribuir para uma leitura da realidade universal e conscientização sobre o próprio papel do estudante, intelectual e profissional diante dos problemas sociais. Pela voz de alguns dos estudantes da década de 1960 a FAFI emerge como um ambiente de vivências democráticas e de intensas atividades políticas, produzindo nos seus frequentadores a sensação de construção de uma cultura universitária. Como podemos apreender dos depoimentos de alguns ex-discentes acerca dos anos vividos naquela instituição. Maria das Graças Moita comenta:

Nós não tínhamos medo de fazer discussões, de todos os assuntos na época, a questão da fome, abordava-se a questão da interferência dos Estados Unidos no Brasil, se abordava. Então houve uma reflexão nesse sentido, nós não tínhamos medo da repressão, nós falávamos abertamente, discutíamos abertamente dentro da Faculdade de Filosofia. Então nesse ponto, a faculdade era uma referência para a juventude da época que se juntava, inclusive no final de semana. Sábado tinha simpósios e final de semana se ia para universidade, às vezes para estudar e às vezes para fazer discussões, se chamava pessoas influentes, pessoal local, para fazer discussão sobre prostituição. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

A depoente narra sua vivência na FAFI entre os anos de 1968 a 1972, ela valoriza o papel da faculdade na formação intelectual e conscientização da realidade circundante no país, através de práticas como a realização de simpósios que discutiam as temáticas que problematizavam a realidade social como a fome, aborto, a interferência dos Estados Unidos no Brasil, a prostituição. Para discutir esses temas, segundo relata, eram convidados intelectuais locais, docentes da Faculdade de Direito do Piauí e da FAFI, políticos aos quais se refere como pessoas influentes. Dom Fragoso, bispo de Crateús, proferiu palestra na FAFI. Ela descreve o espaço da FAFI como sendo livre para discussões e referência para a

juventude. De forma semelhante, a Faculdade é representada pelas palavras de Maria do Carmo Bomfim como espaço de sociabilidade e de discussões.

Na Faculdade de Filosofia que foi o Centro Universitário mais forte do movimento estudantil, não só por que era Católica, de orientação católica e a Igreja Católica na época da Ditadura deu muito apoio aos movimentos em geral. E o movimento estudantil também. Nós costumávamos nos reunir depois da aula, mas havia fiscalização, por que durante as aulas que nós tínhamos de assistir tinha muito controle, apesar da direção da Faculdade que era o Padre Raimundo José, que apoiava o movimento estudantil, havia muito controle, por que tinha muitos militares e outras pessoas que eram agentes do DOPS, e agentes do SNI, que estavam ali entre os estudantes e circulavam entre a gente e aparentemente amigos e amigas, mas era um controlador. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

Ao compararmos as memórias de Maria das Graças Moita e Maria do Carmo Bomfim acerca da sensação de liberdade sentida e vivenciada na Faculdade Católica de Filosofia percebemos como a memória individual se diferencia pelas especificidades das situações vividas e experienciadas por cada indivíduo. Maria do Carmo Bomfim apresenta uma versão diferente sobre a vivência da década de 1960, especificamente entre 1965 a 1968 em que estudou na FAFI. Ela relembra a atuação dos estudantes no Movimento Estudantil, da resistência à repressão do regime militar e o apoio da Igreja Católica na atuação dos estudantes contra o regime, além do controle exercido pelos agentes do Sistema Nacional de Informação (SNI). A fala desta depoente se distancia quanto à percepção de liberdade de discussão na faculdade. Enquanto Maria do Carmo Bomfim se lembra do controle mantido pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Maria das Graças Moita não se refere a esse controle e ressalta que os estudantes não tinham medo. O que se pode supor que o fato desta última não ter se envolvido diretamente no Movimento Estudantil não tenha sentido o controle exercido pelos agentes do DOPS e SNI, portanto não conviveu com o medo que acompanhava aqueles jovens engajados em ações clandestinas e subversivas ao regime. Pode-se supor ainda que suas memórias estejam influenciadas pelo discurso cristalizado sobre o heroísmo da juventude no período e pela noção libertária que hoje nomeia aquele período. Ao tempo em que Maria do Carmo Bomfim por ter feito parte do movimento e das articulações estudantis de burla e contestação ao regime sabia e sentia a ação controladora desses agentes.

O tempo vivido na faculdade por Maria do Carmo Bomfim antecedeu ao da Maria das Graças Moita, foi logo no início da Ditadura em que a repressão ao Movimento Estudantil ainda não havia se intensificado, tendo em vista que a coerção aumenta com o Ato

Institucional nº 5 (AI-5) decretado em dezembro de 1968. Mas logo após o golpe de 64 a instabilidade e o medo disseminados pela caça aos comunistas aumentaram. Então, ser considerado subversivo naquele momento era perigoso, possivelmente tenha predominado na faculdade entre 1965 a 1968, período frequentado por Maria do Carmo Bomfim, a prudência entre os estudantes. Além de que esta última teve uma participação mais direta nos movimentos de Ação Social promovidos pela Igreja e participou do Movimento Estudantil na faculdade. Pois a FAFI foi, de acordo com as fontes orais, o núcleo de resistência à ditadura no Piauí, conforme se observa no depoimento anteriormente citado pela depoente e no depoimento seguinte de Raimundo Wall Ferraz²¹.

Aqui no Piauí havia uma inércia muito grande na participação da juventude em relação a esses movimentos [movimentos de cultura popular, de alfabetização de adultos, de protestos, de reforma] que se davam no período pouco anterior ao golpe de 64.

Foi dentro da Faculdade de Filosofia que se viu formar o primeiro núcleo de jovens universitários que passam a adotar uma posição crítica, até mesmo de rebeldia, frente ao sistema vigente. De lá saiu, talvez, o único protesto do Piauí, na época, contra o processo político instalado no País.

Isso realmente foi uma atitude de certa forma corajosa, por parte de alunos. Muitos deles até sacrificados pela ação militar e vigiados, boicotados. A Faculdade chegou a ser, uma ou duas vezes invadida por polícia. (FERRAZ Apud SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p. 23).

Nesse trecho Raimundo Wall Ferraz ressalta que foi na FAFI que se formou o primeiro núcleo de jovens universitários que criticaram a ditadura militar, onde eles organizaram, talvez, o único protesto contra o regime político instalado em 1964. Nesta instituição foi possível mudar a situação de inércia da juventude frente aos movimentos sociais, pois parcela dos estudantes da Faculdade de Filosofia se envolveu nas ações sociais promovidos pela Igreja e participaram do Movimento de Educação de Base, trabalharam na alfabetização de adultos. E influenciados pela educação conscientizadora e transformadora promovida pela Igreja a partir das propostas de renovação desta instituição, os discentes desenvolveram uma posição crítica frente à realidade social.

A postura contestatória de alguns estudantes despertou atenção do DOPS que chegou a promover atentado dentro da Faculdade e infiltrar agentes para seguir os discentes. A percepção de vigilância dentro da instituição é citada por alguns ex-discentes que estudaram entre 1964 a 1968, período de implantação e consolidação da ditadura, conforme aparece nas

²¹Raimundo Wall Ferraz cursou Direito na Faculdade de Direito do Piauí e História na Faculdade de Filosofia, posteriormente foi professor nesta instituição. Foi secretário de Educação na década de 1970 e duas vezes prefeito em Teresina.

memórias de Maria do Carmo Bomfim e Raimundo Wall Ferraz. Já para os estudantes que frequentaram a faculdade entre 1968 a 1971 a FAFI é referenciada como um ambiente com certa liberdade de discussão e práticas de contestação à ordem estabelecida, segundo aparece nos relatos de Antônio José Medeiros e Maria das Graças Moita, o que supõe certo idealismo revolucionário nas lembranças (re) significadas do período, já que de 1968 a 1971 foi o período de maior controle pelos militares, devido ao aumento da repressão a atuação estudantil.

Raimundo Wall Ferraz que estudou na FAFI entre 1964 a 1968, logo após terminar o curso na Faculdade de Direito, pôde vivenciar dois ambientes que se diferenciaram pela postura política dos seus estudantes. Em depoimento sobre a memória da Faculdade Católica de Filosofia ele explicou

Da Faculdade de Direito a que pertenci, saí diretamente para a Faculdade de Filosofia. A Faculdade de Direito era preocupada somente com seu mundo interno, sem nenhuma atividade, podemos dizer de política estudantil, de política universitária. Mais ou menos igual a Faculdade de Medicina. Em suma podemos dizer que, de certa forma, essas faculdades tinham propósitos, mentalidade elitizante; não tinham participação ativa nos acontecimentos que se verificaram dentro do país. (FERRAZ, Apud. SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.23)

A Faculdade de Direito, assim como a Faculdade de Medicina tinham status de escola das elites, não se envolvendo na política estudantil. O Diretório Acadêmico de Direito, segundo informa José Reis (Apud: RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p. 14), liderou o movimento estudantil até início de 1968 e transformou os consentidos diretórios em promotores de jogos e festas, sem uma atuação mais politizada e consciente dos problemas sociais vigentes no país. O posicionamento de José Reis se assemelha ao de Raimundo Wall Ferraz quanto à situação de inércia em que se encontravam os estudantes da Faculdade de Direito. Essa situação se modificou quando o Diretório da Faculdade de Filosofia se politizou e passou a dar novos rumos ao Movimento Estudantil, por volta de 1968. A partir de então a FAFI tornou-se o espaço de atuação politizada do Movimento Estudantil, mas, mesmo antes de 1968 os depoimentos de Raimundo Wall Ferraz e Maria do Carmo Bomfim fazem referência à repressão a esta faculdade e citam a explosão de uma bomba no prédio da referida instituição.

A faculdade foi [reprimida], inclusive foi lançada uma bomba no espaço da Faculdade de Filosofia. Foi reprimida pela ação do DOPS, entrando na faculdade, interferindo na ação dos professores, a ação de estudantes, até

chegar ao lançamento de uma bomba que aquela época, tudo levava a crer que foi o próprio DOPS que jogou. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

As Faculdades de Filosofia no Brasil, de acordo com Fávero (2002) foram, entre todas as unidades universitárias, as mais retalhadas por serem centros de produção e veiculação de pensamento crítico e de contestação política ao regime militar. Após 1964 as universidades passaram a ser objeto de uma ingerência direta do governo federal, “as universidades públicas, consideradas centros de subversão sofreram um processo de ‘limpeza ideológica’ por meio das cassações de professores”. (FÁVERO, 1994, p.40). Em Teresina a FAFI foi entre as demais faculdades a que congregou maior número de estudantes envolvidos numa militância estudantil que promoveram ações contra a ditadura civil-militar e a única que teve professor e alunos presos.

A FAFI concentrava um maior número de estudantes envolvidos nos projetos de reforma social direcionados pela Igreja Católica como os Movimentos de Educação de Base. A JUC (Juventude Universitária Católica) tinha seu núcleo na FAFI, que abrigava pessoas diretamente ligadas a Igreja; seminaristas e ex seminaristas. Acerca das relações entre Estado e Igreja no Brasil no período da ditadura militar Márcio Moreira Alves comenta:

No Brasil um dos resultados do anticomunismo exaltado foi o agravamento do conflito Igreja-Estado, que já se delineava desde 1964, quando foram presos como comunistas muitos católicos engajados em trabalhos sociais, como a alfabetização de adultos, o sindicalismo rural ou a participação em Movimento Estudantil. (ALVES, 1993, p.91).

Como a FAFI era o lócus que concentrava os estudantes envolvidos em trabalhos sociais e muitos padres eram professores da instituição e tudo que tivesse relação com os movimentos populares passou a ser encarado pelos serviços de informação do regime como suspeita de subversão, por esse motivo os estudantes da FAFI foram alvos de perseguição. Um episódio envolvendo estudantes da Faculdade de Filosofia acirrou o conflito entre Igreja e militares em Teresina, quando numa ação de contestação ao regime promovido pelo grupo vinculado a Ação Popular, mais ligado aos estudantes secundaristas, cujo núcleo era no colégio estadual Liceu Piauiense, liderado pelo Benoni Alencar, fizeram uma pichação na cidade com os dizeres: “Abaixo a Ditadura!”, “Fora o Imperialismo!” e os militares não sabendo quem eram os autores, prenderam todos os que eram considerados suspeitos de subversão, entre estes: Antônio José Medeiros e Diogo José, o primeiro discente da FAFI e o segundo professor.

De acordo com Maria do Amparo Carvalho (2006, p. 114) que cita o episódio da prisão dos estudantes da FAFI e, sobretudo do Professor Diogo José, o Padre Raimundo José, então diretor da FAFI e irmão do professor Diogo, reagiu a essa postura autoritária dos militares e se encarregou de reunir os clérigos e os religiosos e, juntos, tomaram a decisão de se pronunciarem nas missas de domingo sobre aquelas prisões, fato este que desagradou profundamente os militares, que imediatamente veicularam nota nas rádios locais, exceto na Rádio Pioneira, contra a atitude do clero e principalmente do Padre Raimundo José, por ter encabeçado o movimento.

Cabe abrir um parágrafo para situar a posição da Igreja no contexto da ditadura, pois a Igreja naquele momento não era uma instituição uniforme, uma vez que havia conflitos e dissidências internas decorrentes da pluralidade de posturas diante a vivência da fé e do compromisso social dos seus membros. Para refletirmos acerca da posição política da Igreja na ditadura militar recorreremos às reflexões de Thomas Skidmore, ele ressalta a divisão dos bispos em três alas:

Os bispos se agrupavam em três alas, refletindo tanto a opinião clerical como leiga. Uma ala era ‘progressista’, na qual a figura mais expressiva era Dom Hélder Câmara [...], os bispos deste grupo pregavam contra a violência do governo e, com igual veemência, contra a injustiça social. Condenando esta, eles assumiam uma posição política mais radical. [...]. A segunda era formada pelos ‘conservadores’ [...] Denunciavam a ameaça ‘subversiva’ ao Brasil e imperturbavelmente apoiavam o regime militar. [...] A terceira estava representada pelos ‘moderados’ formados por bispos que evitavam qualquer posição pública sobre a justiça socioeconômica e política. A ala dos ‘moderados’ tendia a unir-se aos ‘progressistas’, formando a maioria, sempre que o clero era vítima da repressão. (SKIDMORE, 1988, p. 271)

Dessa reflexão podemos enquadrar Dom Avelar na ala dos “moderados”, uma vez que este não assumiu uma oposição declarada ao regime, mas reagia quando o clero do Piauí era vítima das perseguições do regime. E, alguns padres como Raimundo José com uma postura mais progressista, pois este defendia claramente os estudantes da FAFI e os apoiavam em algumas táticas contra o regime. A posição progressista do padre Raimundo José Airemorais é evidenciada nas falas de discentes da FAFI. Assim relata Maria do Carmo Alves Bomfim quando fala da atuação do movimento estudantil na faculdade: “tinha muito controle, havia fiscalização, apesar da direção da Faculdade que era o Padre Raimundo José, o diretor que apoiava o movimento, inclusive liderou com a gente manifestações”.

O padre Raimundo José Airemorais enquanto diretor da Faculdade de Filosofia adotou uma postura defensiva dos estudantes daquela instituição, não contribuiu com os militares na

perseguição dos discentes e não impediu a organização de manifestações por parte destes, chegando mesmo a participar de manifestações. Ele organizou uma reação de crítica à postura autoritária dos militares no episódio já citado em que ele envolveu-se numa querela com os militares, por conta da ocasião da prisão de alguns estudantes da FAFI e do professor Diogo José.

A partir da postura crítica e de ação frente à realidade brasileira por parte da ala “progressista” da Igreja, de denunciar as injustiças, desagradou os objetivos do Estado autoritário do pós-1964. Então, a Igreja que em 1964 saiu nas ruas na Marcha da Família com Deus pela Liberdade em apoio ao golpe militar acreditando que tal feito afastara a ameaça do comunismo assumir o poder no Brasil, quando os membros da Igreja começaram a ser perseguidos a partir de 1968, a Igreja assumiu a atitude de oposição ao regime militar e passou a dar apoio aos perseguidos pelo regime.

Dessa forma supomos que a presença de um diretor da faculdade com uma posição progressista e atuante contribuiu para os discentes da FAFI percebê-la como um espaço livre, aberto a críticas, debates e um ambiente politizado. A percepção de Antônio José Medeiros se coaduna com a dos demais depoentes acerca do espaço da FAFI. Acerca disso ele ressalta que

Ela era um *locus* onde os processos estavam convergindo.[...] Era um espaço mais aberto que renovava. Mas havia um processo externo que criava o ambiente para essa renovação. Acho que o grande mérito da Faculdade de Filosofia foi ser o local onde esses processos de transformação se manifestaram. [...] Era uma instituição cultural, um termo muito em voga na época, porque as faculdades eram também ‘fazedoras’ de cultura, centros de criação, de crítica e de difusão da cultura. A FAFI era essa instituição. (MEDEIROS Apud SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p. 222).

A FAFI é vista e percebida como um ambiente aberto a discussões dos problemas sociais e da realidade vigente no período, um espaço de renovação de ideias e de crítica, enfim de difusão cultural. Emerge nas memórias dos depoentes como um espaço de convivências amigáveis e intelectualmente enriquecedor que proporcionava a apreciação de novos pensamentos o que favorecia as mudanças, as manifestações culturais e políticas. As palavras de Valdiva de Lima Veloso (Apud. SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.197), que estudou na FAFI nos últimos meses como instituição independente, sintetiza as experiências consideradas significativas vividas pelos estudantes da FAFI, ela ressalta: “Vivia-se ali um verdadeiro clima cultural, social e político, num perfeito entrosamento entre alunos e professores. Estes escolhidos entre intelectuais, profissionais liberais e sacerdotes, atuavam com dedicação, competência e desprendimento”.

O Padre Tony Batista²² que foi aluno da FAFI entre os anos de 1968 a 1971 fala do ambiente cultural que lá predominava como espaço aberto ao conhecimento e favorável a formação cultural:

Penso que na época era o melhor ambiente cultural de Teresina. Excelentes mestres, em todas as áreas da faculdade. O Corpo estudantil era também muito vivo, interessado, aberto ao novo, estudioso e, sobretudo, inquieto e questionador. Não tenho a menor dúvida de que na FAFI estavam as melhores cabeças, tanto dos professores como dos alunos. Eram jovens criativos e muito abertos à dimensão social e política. (Depoimento concedido a Lucélia Nárjera de Araújo por Tony Batista, Set., 2012).

São referências como as do Padre Tony Batista que predominam nos depoimentos de discentes da FAFI, que a consideram como espaço de vivências culturais e de trocas de conhecimento. A valorização da FAFI como esse espaço que promovia reflexões sociais e que abrigava um corpo estudantil ativo e questionador é recorrente nas memórias dos depoentes. Desta forma não podemos esquecer que na década de 1960 é o período do movimento de renovação da Igreja Católica onde esta muda sua postura e desenvolve a Ação Católica, este movimento trouxe consigo a inserção na realidade social através de uma pedagogia da ação. Uma das linhas de ação da Igreja destinava-se aos jovens, através dos movimentos da Ação Católica especializados em atuarem nas diferentes áreas de interesses da juventude na sociedade – juventude agrária, estudantil, operária, independente e universitária. Visavam um maior comprometimento da juventude com a evangelização e a transformação da realidade do país. Os movimentos pretendiam mobilizar a juventude em todo o país para que tomassem consciência do seu protagonismo e, assim, buscasse maior envolvimento na luta por justiça social para o povo brasileiro. Nesta perspectiva a Faculdade de Filosofia por ser católica, dirigida por um Padre e mantida pela diocese, encontrou em muitos jovens o apoio para desenvolver suas ações. Grande parte dos estudantes que militaram no Movimento Estudantil participou do MEB e de outras ações sociais promovidas pela Igreja.

Ao tentarmos reconstruir as vivências dos jovens estudantes da FAFI tomando como fonte suas memórias, constatamos a multiplicidade, a pluralidade e individualidade da memória que emerge de um grupo, nesse sentido, a construção dessa história é toda feita de encontros, uma vez que a memória, “só se instala num encontro fortuito, no outro” (CERTEAU, 1994, p.162) com indivíduos que no contexto das relações estabelecidas com seu grupo construíram suas lembranças impregnadas da memória daqueles que os cercaram.

²² Tony Batista cursou Filosofia na FAFI entre os anos 1968 e 1971, época em que era seminarista, atualmente é pároco da Igreja Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima em Teresina.

Cabendo a nós historiadores o olhar minucioso sobre o passado, ouvidos atentos aos narradores. E, dessa forma interpretar tanto a lembrança como o esquecimento.

Como esclarece o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), o indivíduo pode participar de duas espécies de memória: uma individual e outra coletiva, que lhe levarão a assumir posturas diferentes. No quadro de sua vida pessoal ganham importância as lembranças que se distinguem das que lhe são comuns com os outros. Mas, em alguns momentos o mesmo indivíduo pode evocar lembranças impessoais que interessam ao grupo, se comportando como um membro deste.

A memória coletiva por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p.53-54).

Contudo, nossa memória não se confunde com a do outro uma vez que está limitada no espaço e no tempo da nossa vivência. Pois, nos lembramos do que vivemos, sentimos, pensamos num dado tempo. Mas todos carregam dentro de si uma bagagem de lembranças históricas que podem ser ampliadas pela conversação e convivência em grupo e pela leitura de outras fontes. Sendo assim, a memória individual está ligada a memória interior e pessoal, enquanto a memória coletiva está apoiada na memória exterior e social. E a primeira se apoia na segunda, já que toda história de nossa vida é uma experiência coletiva.

Seguindo a perspectiva anterior, devemos notar que os ex-discentes da FAFI aqui depoentes evocam suas lembranças que foram urdidadas coletivamente no espaço da faculdade, da cidade de Teresina, nas atividades sociais enquanto membros de um grupo, assim suas memórias individuais se coadunam com a memória coletiva que foram ampliadas pela leitura de outras fontes no presente, enquanto profissionais capazes de filtrar um pouco da vivência do espaço universitário da década de 1960 influenciados pelas discussões desenvolvidas acerca de um período bastante estudado e pelo lugar social ocupado atualmente pelos depoentes, pois a maioria deles são docentes universitários, padre e alguns são políticos.

As chamadas memórias coletivas são visualizadas nos depoimentos quando aparecem relatos de experiências vividas pelo grupo, num espaço coletivo. Por exemplo, pela descrição do ambiente de discussão das temáticas da realidade propiciada pela FAFI, flui em suas lembranças o ambiente de amizade e cumplicidade entre os estudantes, mas emergem também lembranças individuais que se diferenciam por experiências pessoais. A memória individual do estudante, militante se coaduna com as vividas pelo grupo, na faculdade e dão significação

ao período. Halbwachs considera a memória individual como parte integrante da memória coletiva. Para este

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. [...] A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Desta forma o trabalho com a memória remete a lembranças individuais que foram urdidadas coletivamente na convivência com o grupo e reconstruídas a partir das releituras do presente. Pois a memória é um somatório de lembranças de pessoas que fizeram parte da história de cada sujeito, ela é sempre construída em grupo. As lembranças são individuais, pois para cada pessoa fica marcado o significado de acontecimentos experimentados coletivamente, portanto é fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. As lembranças são como afirma Maurice Halbwachs (1990, p.71-72): “muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização”. Assim, nas memórias de Maria do Carmo Bomfim, que estudou na FAFI nos anos de 1965 a 1968, foi membro do movimento estudantil, fez parte, portanto, de um grupo que se identificavam pelos seus ideais políticos e sociais, prevalecem as lembranças de acontecimentos ligados ao movimento estudantil, táticas de lutas e organizações daquele movimento, priorizando-os com maior relevância para a sua experiência do período. Ao passo que Maria das Graças Moita, que era uma jovem de classe média, que não se envolveu diretamente na militância estudantil, considera como relevante no período as conquistas de liberdade, rupturas de valores tradicionais, efervescência cultural vividas na época. E Antônio José Medeiros que foi militante ativo do movimento estudantil, considerado pelos seus colegas de faculdade como um dos líderes do movimento dentro da FAFI, valoriza a instituição enquanto foco irradiador de cultura e conscientização política na época.

A FAFI serviu como ambiente de integração, ela propiciou a subversão de valores e transformações nos costumes entre seus discentes. Ela é representada pelos depoentes como ambiente de formação cultural e acesso ao conhecimento e, constituiu-se naquela época como espaço de liberdade para a juventude, sobretudo liberdade de expressão, de debates, encontros e reflexões acerca da realidade sócio-política vigente no Brasil. Essa convivência entre os acadêmicos nessa instituição possibilitou-os compartilhar dos sonhos, aspirações e desejos

que direcionaram jovens na luta contra as estratégias repressivas e opressivas do regime militar.

Problematizamos neste capítulo as transformações sócio-culturais em Teresina e a configuração do ensino superior verificando como ocorreram as recepções de novos saberes e práticas nos primeiros anos da ditadura militar, a partir da análise da memória de ex-estudantes que nos contaram no tempo presente os fatos marcantes de suas trajetórias enquanto acadêmicos e jovens. Percebemos que a Faculdade Católica de Filosofia foi um ambiente propício para aquisição de novos saberes e trocas culturais entre os jovens, e que congregou um grupo de estudantes social e politicamente engajados, que serviram de instrumentos para as ações sociais da Igreja Católica nos bairros e periferias de Teresina, tal envolvimento possibilitou a muitos jovens uma aproximação com a realidade social e o envolvimento na militância estudantil, direcionando-os para práticas de contestação ao regime militar e subversão às regras. A FAFI serviu como palco para a militância estudantil na década de 1960. Desta forma para compreendermos como se estruturou a militância estudantil na FAFI nos anos de 1960 e da UFPI em início de 1970, analiso no capítulo seguinte as táticas usadas pelos estudantes universitários para fugir às estratégias de controle dos militares usadas para discipliná-los.

2. “A UNIVERSIDADE SE DESTINA AOS ESTUDANTES E NÃO A POLÍTICOS”: a juventude universitária configurando comportamentos e subvertendo valores na FAFI e UFPI.

A década de 1960 é rotulada por suas revoluções comportamentais guiadas pelos jovens, conforme já mencionado, que se destacaram como protagonistas das mudanças de comportamentos e valores, com adoção de uma postura política engajada diante a emergência de um mundo novo marcado pelas inovações tecnológicas, liberadores sexuais como a pílula e renovação estética. Heloísa Buarque de Hollanda²³ ao refletir sobre a emergência dos novos sujeitos – os jovens, as denominadas “identidades coletivas”, ressalta:

Naquele momento, entretanto, o ‘jovem’ passa a falar com voz própria, formular suas demandas específicas e, nessa condição – de jovem – interpelar os poderes e as instituições dominantes. Eram segmentos que curiosamente não se definiam por classe social, nem por sua posição nos processos produtivos, nem mesmo por uma clara definição ideológica. Mas que inegavelmente tornaram-se, naquela hora, um dos motores mais efetivos da História, pelo menos até o declínio das rebeliões dos anos 60, por volta da crise do petróleo de 1973. (HOLLANDA, s/d. meio digital).

A indefinição ideológica e de classes a qual Heloísa Buarque se refere gerava um ambiente universitário fértil para debates e discussões sobre temas gerais. O ambiente universitário brasileiro torna-se mais heterogêneo a partir da segunda metade da década de 1950 diante das propostas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek, na medida em que ocorre uma significativa abertura do ensino superior para a classe média. Situação que colocou, nos mesmos ambientes, sujeitos diversos, com diferentes maneiras de pensar e desejar o cotidiano, isso propiciava o clima de aprendizagem e conscientização política direcionando as ações do movimento estudantil. A condição dos jovens não participarem ainda do processo produtivo, deixava-os livres para contestarem a ordem estabelecida, conforme observa Bresser-Pereira (2006). Nas passeatas e contestações estudantis participaram jovens de diferentes classes sociais que não tinham uma ideologia única que os guiavam. Pois, estava vigente no Brasil um intenso clima de polarização ideológica (esquerda/ direita, capitalismo/ comunismo, engajamento/ alienação, tradição/ revolução de costumes), em que as fronteiras não estavam bem delimitadas.

²³ HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Descoberta, sonhos e desastres nos anos 60. (meio digital site: www.heloisabuarquedehollanda.com.br) acesso em maio de 2012.

As reflexões citadas servem como estratégia para contextualizarmos o período, mas considerando a especificidade local perceberemos que nem todos os jovens na década de 1960 vivenciaram o clima de euforia e revoluções culturais que predominou, por exemplo, nas universidades do eixo Rio-São Paulo. A cidade de Teresina na década de 1960 é descrita nas fontes hemerográficas, por jornalistas, políticos e por estudantes, com um cenário cultural subdesenvolvido, carente de lazer e de atividades culturais. Em Teresina não havia um espaço universitário propriamente dito nos anos 1960, já que a Universidade do Piauí só é implantada em 1971, e o ensino superior ainda era incipiente, sendo oferecido por faculdades isoladas e pouco número de estudantes, conforme analisado no primeiro capítulo. Em 1968 a Faculdade de Filosofia tinha menos de mil alunos matriculados, que em termos quantitativos se distanciava bastante das universidades do Rio, São Paulo, Recife, Fortaleza. Em meio a essas representações o segundo capítulo analisa as táticas de lutas e subversão praticadas pela militância estudantil na Faculdade de Filosofia entre os anos de 1964 a 1970 e na UFPI entre os anos de 1971 e 1975, e as estratégias utilizadas pelos militares para controlar e disciplinar os estudantes. Isso nos encaminha ao entendimento dos ideais que moveram e fundamentaram a luta entre os universitários em Teresina.

2.1 Antidisciplina na FAFI: subversão e militância estudantil.

O espaço universitário é, por excelência, agregador de novas formas de pensar, que incentiva o espírito crítico diante da realidade, portanto, formador de opinião. Hobsbawm (1995, p.321) refletindo sobre a cultura jovem nas sociedades urbanas na década de 1960 destaca como terceira peculiaridade da época o seu internacionalismo, devido à expansão da “extensão do tempo de educação e, sobretudo, a criação de vastas populações de rapazes e moças vivendo juntas como um grupo etário em universidades”. De acordo com as reflexões desse autor o agrupamento de jovens nas universidades convivendo mais tempo juntos possibilitava as discussões, debates e disseminação de ideias. O ambiente universitário e as agregações jovens em torno do movimento estudantil aliado a política repressiva inserida pelo regime militar em 1964 foi um cenário favorável a lutas reivindicatórias e a organização de táticas contestatórias que envolveram estudantes de todas as partes do Brasil, em proporções diferentes.

Quando se fala de Movimento Estudantil no Brasil na década de 1960 tem-se a tendência de visualizar a ação de alguns atores sociais que se destacaram na liderança de

entidades e organizações estudantis nas principais universidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, líderes como Vladimir Palmeira, Jean Marc, José Dirceu entre outros que estiveram à frente das entidades representativas dos estudantes no período como a UNE, ficando relegados os participantes do movimento de faculdades e universidades distantes desses centros culturais, mas que tiveram uma participação coadjuvante no movimento nacional. A história do Movimento Estudantil no Brasil é tarefa que já foi cumprida, em parte por muitos autores. Assim, atenta as especificidades regionais e sem perder a dimensão do macro, busco desenvolver análises dos impactos do golpe de 64 entre os universitários de Teresina, nosso propósito é analisar as táticas de subversão dos estudantes universitário da FAFI e UFPI.

A Faculdade Católica de Filosofia em Teresina era o ambiente que reunia jovens de diferentes cidades do Piauí, cujos pais não tinham condições econômicas para manter os estudos dos seus filhos nas principais capitais do Brasil, como Recife, Fortaleza, Rio de Janeiro, Brasília, centros para onde migravam os jovens piauienses de família abastada, ou mesmo pelo conservadorismo dos pais em relação às mulheres, em que muitos não deixavam suas filhas morarem em cidades mais distantes por uma estratégia disciplinar. Para estes jovens a FAFI apresentou-se como única opção, principalmente às mulheres, pois mesmo existindo em Teresina a Faculdade de Direito e a Faculdade de Odontologia no início da década de 1960, estas eram consideradas como espaço de domínio masculino. Ela representou uma opção principalmente para docentes do primário que atuavam na rede estadual de ensino, aos seminaristas, pessoas ligadas a Igreja e profissionais liberais com ou sem curso superior que visavam um curso de licenciatura.

O cenário da FAFI é retratado com o quantitativo de estudantes relativamente pequeno, pois mesmo não tendo acesso a quantidade exata de estudantes da faculdade, no período analisado, pode-se apreender pela fala dos discentes e pela análise dos documentos da instituição que era um número relativamente pequeno se comparado com o quantitativo de estudantes das universidades como a Mackenzie em São Paulo, que durante manifestações era noticiado o envolvimento de grande número de estudantes, como na batalha da Rua Maria Antônia em São Paulo que envolveu 2.500 alunos da USP e 3 mil da Faculdade Mackenzie (VEJA, 1969, nº 5, p. 14). Para termos uma estimativa de alunos na FAFI, vejamos a lista dos alunos classificados no concurso de habilitação de 1966:

Faculdade Católica de Filosofia do Piauí
 Mantida pela Sociedade Piauiense de Cultura
 Rec. pelo Decreto n.º 54.058 de 23-7-1964 (L. O. da União de 29-8-1964)
 PRAÇA SARAIVA - TERESINA - PIAUI

ANO LETIVO DE 1966

CONCURSO DE HABILITAÇÃO

EDITAL Nº 4/66

N.º

O Diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, convida os candidatos cujos nomes se seguem, na ordem de classificação obtida no concurso de habilitação, a apresentarem requerimentos de matrícula até o dia 28 de corrente (segunda-feira).

CURSO DE LETRAS

- 1 - Helenildes Maria de Albuquerque Silva.....8,000
- 2 - Céres Fossêca Paranaguá.....7,250
- 3 - José Lamartine Lima do Monte.....7,250
- 4 - Tímores Maria de Noronha Madeira Campos.....7,000
- 5 - Claudete Soares Marques.....6,666
- 6 - Maria do Perpétuo Socorro de Lima Veloso.....6,583
- 7 - Maria Constança da Silva.....6,583
- 8 - Maria Lígia Nunes Rêgo.....5,083

CURSO DE FILOSOFIA

- 1 - Ana Maria de Sousa Almeida.....7,500
- 2 - Maria de Jesus Lima.....6,873
- 3 - Constança Matilde Rebelo Basilio da Silva.....6,206
- 4 - Maria de Jesus Silva Santana.....6,166
- 5 - Maria Edite Cunha (Irmã).....5,916
- 6 - Francisco Visgueira Batista.....5,873
- 7 - Isa Maria dos Santos.....5,623
- 8 - Maria das Graças Oliveira.....5,623
- 9 - Maria de Lourdes Mandonga.....5,500
- 10 - Maria de Nazaféda Costa e Silva.....5,333

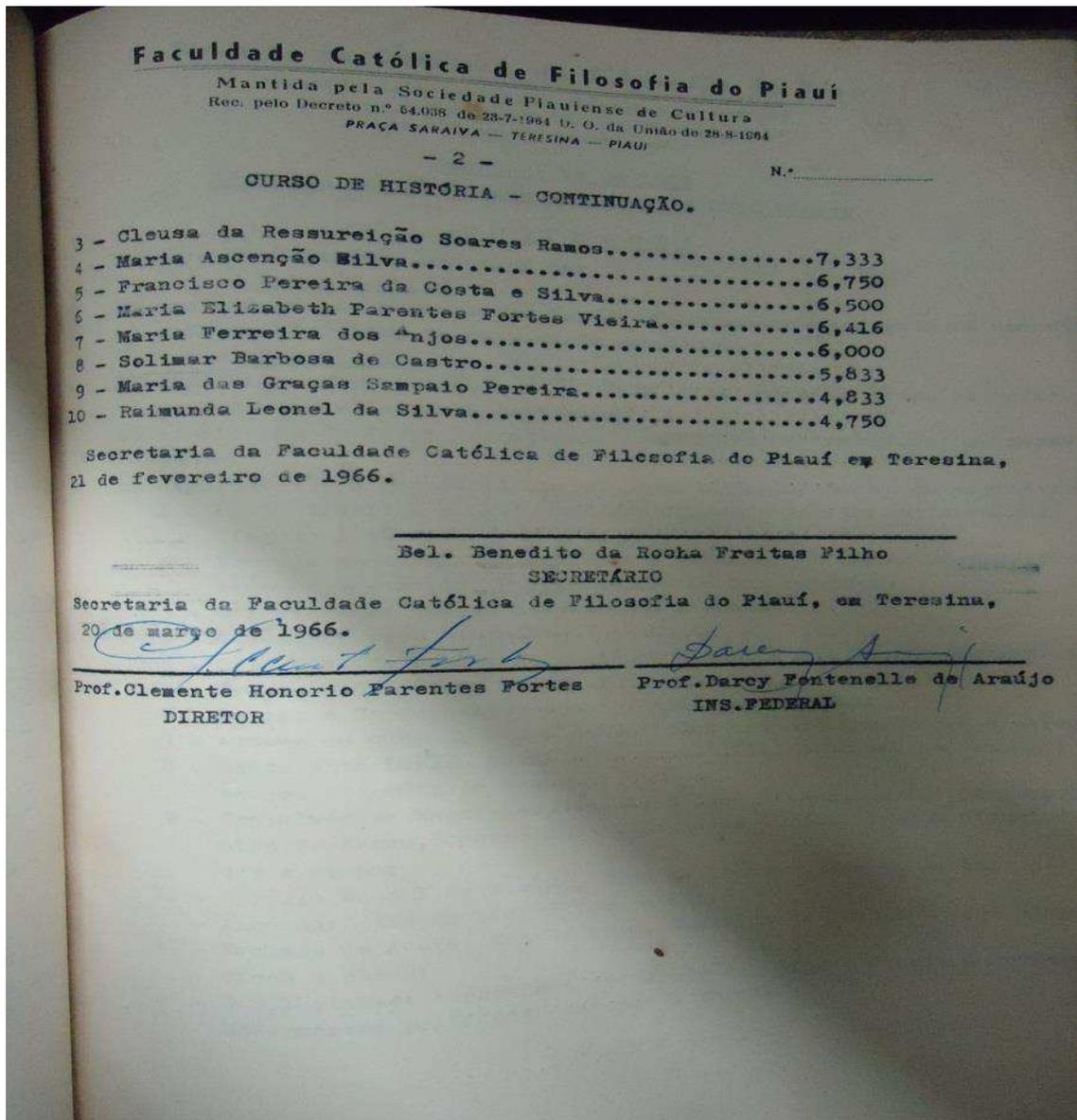
CURSO DE GEOGRAFIA

- 1 - Elizabeth Sobral Arcoverde Coutinho.....7,583
- 2 - Maria do Perpétuo Socorro Ramos de Macedo.....6,500
- 3 - Helia Maranhense Soares de Araújo.....6,250
- 4 - Ivonete Ribeiro Cardoso.....5,166
- 5 - Iracilda Reis Farias.....4,750

CURSO DE HISTÓRIA

- 1 - Didácio Silva.....8,250
- 2 - João Henrique Gayoso e Almendra Filho.....7,500

CONT.



(Acervo Biblioteca Setorial do CCHL – UFPI, 2013).

Consta na lista de convocação de matrícula dos classificados no exame de habilitação da FAFI em 1966 um total de 33 alunos, dos quatro cursos em funcionamento na faculdade. A partir da análise destes dados podemos afirmar que a instituição não agregava uma grande quantidade de estudantes, que por semestre entrava o equivalente ao número de estudantes que compunha uma turma numa universidade pública. Considerando este aspecto do quantitativo supomos as especificidades que diferenciam esta instituição das grandes universidades.

A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí era uma instituição católica, criada por iniciativa do Arcebispo Dom Avelar, que teve uma forte atuação social no Piauí e Brasil, seu ambiente propiciou o envolvimento de muitos estudantes nas ações sociais criadas e

organizadas pela Igreja Católica na década de 1960. A FAFI serviu de espaço para reuniões de jovens das mais diversas orientações da Ação Católica, que usavam o espaço da faculdade para debates acerca dos problemas sociais e para contestações contra o regime militar, com o consentimento da direção da faculdade. Dessa forma, o espaço da faculdade se configurou como lugar para conscientização dos estudantes sobre os últimos acontecimentos do país e um campo fértil para a proliferação dos projetos sociais da Igreja.

Na FAFI houve muitos discentes ligados ao Movimento de Educacional de Base e, além deles, um organizado Diretório Acadêmico denominado “Dom Avelar Brandão Vilela”, o nome escolhido para o diretório remete a reafirmação da importância atribuída ao arcebispo pelos estudantes, provavelmente por gratidão, pois os depoentes se referem a Dom Avelar sempre com admiração pela sua atuação no campo educacional. A vivência no diretório acadêmico oportunizou posteriormente o exercício da vida política de muitos estudantes; como José Reis Pereira e Ubiracy Carvalho que foram presidentes do Diretório Acadêmico da FAFI e posteriormente foram respectivamente vereador em Teresina e Deputado Estadual. Antônio José Medeiros, um membro ativo do Movimento Estudantil em 1968, foi representante piauiense no XXX Congresso da UNE em Ibiúna, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores no Piauí, foi vereador em Teresina, Deputado Federal e presidente do referido partido. Eles seguiram uma trajetória parecida a de outros estudantes que se envolveram na militância estudantil no referido período e posteriormente abraçaram a carreira política, a exemplo de José Genuíno, José Dirceu, a atual presidente Dilma Rousseff, esta foi militante na Vanguarda Popular.

Na FAFI, por ser uma instituição católica, havia uma relação próxima entre seus discentes e Igreja. Dentre os grupos estudantis cuja ação estava diretamente ligada a Igreja Católica existiu em Teresina a JAC – Juventude Agrária Católica, JEC- Juventude Estudantil Católica, JIC – Juventude Independente Católica, JOC – Juventude Operária Católica e a JUC - Juventude Universitária Católica. Destes grupos citados a JUC se estruturou dentro da FAFI, onde a maioria dos estudantes que compunham e organizavam as ações sociais eram da Faculdade, eles tinham uma relação com a JEC, que era composta por estudantes secundaristas. Conforme explicita Maria do Carmo Bomfim ao lembrar-se das atuações dos jovens na década de 1960 que provocaram mudanças de comportamentos naquela geração.

No âmbito dos bairros houve uma ação marcante da Igreja Católica que tinha como Arcebispo, aqui em Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, [...] houve uma, eu diria uma ruptura com uma situação quase inexistente de movimentação, epistêmica, mobilização das pessoas, em que ele criou uma

possibilidade que foram os centros sociais da Igreja Católica, tinha o Centro Social Leão XIII,[...] tinha o Centro Social de Fátima [...]Tinha o Centro Cristo Rei, Centro Social do Monte Castelo, vários, em vários bairros. Então os alunos da FAFI tinham intervenção nesses centros sociais, sobretudo, através da Ação Católica, no caso a JUC - Juventude Universitária Católica que tinha sua articulação com a JEC- Juventude Estudantil Católica. Mas existiu aqui em Teresina, no Piauí, na arquidiocese de Teresina, a JAC – Juventude Agrária Católica, Juventude Estudantil Católica era a JEC, a JIC – Juventude Independente Católica que era formada por pessoas adultas. A Juventude Universitária Católica, que eu fui uma das integrantes do grupo no final da década de 60 da JUC de 1965 a 1968, e cheguei a participar do Movimento Estudantil Universitário, no tempo da articulação da JUC com a UNE e também com a UPES – União Piauiense dos Estudantes Secundários. Existiu toda uma articulação de atuação de combate a ditadura de agregação em prol de uma reforma universitária. [...] O pessoal da JUC sempre tinha inserção no grupo do movimento estudantil, tinha uma presença ativa. Por que o que era a ação católica? Era uma, e ainda é, uma agregação juvenil, de acordo com o citado, de universitários para dentro da tua ação no espaço universitário difundir uma prática cristã e apoiar os movimentos de libertação, de que hoje a gente chama os movimentos de contestação, mas tendo como pano de fundo o respeito aos direitos humanos e a dignidade da pessoa e os direitos a cidadania. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

Esse trecho do depoimento de Maria do Carmo Bomfim traz informações relevantes e nos orienta nas reflexões sobre a relação da Igreja Católica e o envolvimento dos estudantes da FAFI em ações sociais, bem como a ideologia que direcionava a ação da JUC. Conforme a depoente a criação dos centros sociais possibilitou uma ruptura com a situação de inércia da juventude em Teresina, de inexistência de movimentação dos jovens, levando estes a se envolverem em movimentos sociais através da ação católica com forte desempenho nos bairros da cidade. Vale ressaltar que é na década de 1960 que Teresina começa a se expandir na direção Sul e Leste, com o surgimento de novos bairros populares distantes do centro como o conjunto habitacional Parque Piauí na zona sul e o conjunto residencial Redenção e na zona norte o conjunto Primavera resultantes do programa de habitação promovido pelo governo militar. Esses bairros abrigaram a população carente e foram neles que a ação católica encontrou espaço para atuar junto às comunidades necessitadas, oferecendo educação e conscientização da realidade social e econômica a que estavam inseridas, visando a superação da situação de opressão. Ao tempo em que esses movimentos buscavam disciplinar os jovens para evitar o envolvimento deles em contestações e com as ideologias comunistas.

A atuação nos bairros através da relação de convivência com a situação social propiciou a articulação entre a Juventude Universitária Católica com a Juventude Estudantil Católica, direcionando a atuação conjunta em algumas táticas de contestação e combate a ditadura militar. A primeira tinha maior representação na FAFI e a última tinha maior

presença de estudantes secundaristas. A luta pela reforma universitária, e pela própria criação da Universidade Federal do Piauí foi um momento em que as ações da JUC e JEC se somaram no Piauí. Nos meados de 1960 a reforma universitária torna-se a principal reivindicação estudantil no Brasil, aquela com maior poder de mobilização. E a FAFI foi o espaço que congregou os estudantes de Teresina para discutir as propostas da reforma.

O envolvimento dos jovens em ações sociais guiados pela Ação Católica contribuiu para a formação humana e política destes, que entraram em contato com a realidade vivida por parcela da comunidade carente da cidade e perceberam os problemas vigentes na periferia. Esses problemas tornaram-se temas de reflexões em reuniões e nas semanas culturais realizadas pelos discentes na faculdade, evento que reunia discentes, docentes e comunidade. Conforme se apreende do noticiário da Coluna Universitária em comentários acerca da realização da atividade cultural na FAFI: “Prostituição, controle de natalidade e divórcio foram os temas discutidos em assembleias anteriores e Ateísmo e Namoro serão os assuntos dos debates que, respectivamente, terão lugar na FAFI nos dias 14 e 21 do corrente mês”. (COLUNA UNIVERSITÁRIA, O DIA, 11 jun. 1969, p. 5). Eram temas que interessavam tanto aos estudantes envolvidos na ação social quanto aos não envolvidos, era o caso do ateísmo e namoro.

Prostituição, divórcio e controle de natalidade eram problemas com os quais os estudantes da FAFI vivenciavam e também entravam em contato ao frequentar os bairros e periferias de Teresina. Mas, esses problemas eram presenciados também nas escolas públicas onde alguns desses estudantes eram docentes. Percebe-se uma influência dessa atuação dos jovens ligados à ação católica na escolha de temáticas que envolviam reflexões sobre problemáticas sociais.

A partir de 1968, com o Ato Institucional Nº 5, que impôs uma ditadura mais rigorosa e suspendeu direitos políticos e individuais, as práticas sociais da Igreja nos bairros e seu apoio à sindicalização rural são confundidos com as ações praticadas pelas ligas camponesas em forte atuação no nordeste e consideradas pelo regime como grupos comunistas, então a própria Igreja vai ser vítima dessa perseguição. A repressão foi estendida aos estudantes da Faculdade de Filosofia, que passam a ser vigiados de perto pelos agentes do DOPS que se infiltraram na faculdade, prática recorrente nas universidades pelo Brasil. A partir da intensificação das perseguições aos estudantes envolvidos nas ações sociais começa a se formar sutilmente uma rede antidisciplinar dentro da Faculdade de Filosofia, por estudantes que buscavam por meio de suas táticas cotidianas burlar as estratégias para fugir do controle

imposto pelos agentes da ditadura via DOPS, que pelo fato da Faculdade agregar alunos envolvidos em ações sociais, e por ser católica, passou a ser vigiada pelo regime.

O prédio da Delegacia de Ordem Política e Social era localizada em Frente à Praça Saraiva, um quarteirão distante da FAFI, este fato da delegacia funcionar próximo a faculdade facilitava a ação vigilante dos policiais e demandava muitas táticas para os estudantes fugirem desta vigilância. E à medida que aumentava os conflitos entre Estado e Ligas Camponesas, crescia a vigilância sobre a atuação da Igreja junto aos trabalhadores rurais. Sobre a repressão à Igreja em Teresina, Padre Tony Batista expõe:

A Igreja de Teresina sofreu com a repressão do golpe militar de 1964. Eram poucos os padres envolvidos com o pensamento contrário ao golpe. Lembrome do Pe. Francisco Carvalho, Pe. Raimundo José. Sobretudo o Arcebispo, Dom Avelar Brandão Vilela, homem inteligente, culto, corajoso e de grande liderança, enfrentava a ditadura com maestria. Talvez, se não tivéssemos Dom Avelar como nosso arcebispo teríamos sofrido misérias nas mãos dos militares. O pessoal da ditadura procurou infiltrar-se bastante no nosso meio, aliciando pessoas boas para o lado deles. (Depoimento concedido a Lucélia Nárjera de Araújo por Tony Batista, Set., 2012).

O depoimento do Padre Tony Batista, ex-discente da FAFI, sintetiza o clima de repressão a que a Igreja foi submetida. As infiltrações de agentes do DOPS ocorreram tanto na Faculdade quanto na Igreja. Ele informa que poucos padres aqui em Teresina foram contrários ao golpe e estes sofreram perseguições, não sofrendo piores consequências devido à liderança do arcebispo Dom Avelar que tinha influência nacional, devido sua postura moderada dialogava bem com os agentes do Estado, assim conseguiu proteger muitos membros da Igreja e estudantes perseguidos pelo regime militar. Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho, discente da FAFI que dirigiu o Diretório Acadêmico em 1970, conta que numa visita aos amigos da faculdade, que estavam presos por atos subversivos, tentou entregar um bilhete e terminou sendo interdito e preso pelos agentes do DOPS, sendo liberado graças à interferência de Dom Avelar. Assim relata:

Se tinha apoio dos padres, tinha a época Dom Avelar que era arcebispo também respaldado. Quer dizer, ele não estimulava, mas ele se acontecesse qualquer coisa com os estudantes ele interferia – na época que fui preso ele foi lá saber o que estava acontecendo e tal, eles me liberaram. [...] Mas nós tínhamos um apoio de Dom Avelar por que ele tinha uma admiração muito grande pela faculdade, um respeito muito grande pela faculdade de Filosofia, pelo Padre Raimundo José, principalmente. [...] É, mas uma proteção no sentido assim, de evitar que fizessem alguma coisa mais grave do tipo tortura, do tipo até morte. De forma que todos os que foram presos aqui não se tem notícias de que tem alguém que tenha sido torturado. (Entrevista

concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho, fev., 2013).

Antônio Ferreira de Sousa ressalta a interferência de membros da Igreja na defesa de estudantes. Supõe-se que a intervenção de Dom Avelar na defesa de estudantes envolvidos em atos subversivos devia a preocupação em evitar o envolvimento da Instituição FAFI em atos subversivos e ao mesmo tempo impedir que os conflitos entre Estado e Igreja no Piauí se aprofundassem.

O Movimento Estudantil na FAFI foi atuante entre os anos de 1965 a 1968 e suas contestações inicialmente foram direcionadas a problemas internos da faculdade, a política nacional e visavam interferir na realidade social. Assim, José Reis Pereira que foi presidente do Diretório Acadêmico em 1967, um dos membros do Movimento Estudantil na FAFI entre os anos de 1965 a 1969, relata as motivações que direcionavam o movimento na instituição:

A FAFI começou a dar nova direção ao movimento [estudantil]. Inicialmente com lutas bem específicas, com um espaço de lazer na área desocupada do prédio e a garantia da presença dos professores na sala de aula em alguns cursos, havia disciplina (“matéria, cadeira”) com média de quatro horas de aula no semestre. A Direção da Escola alegava dificuldades para fazer cobranças mais firmes, porque os professores prestavam serviço quase gratuito, eram apenas simbolicamente remunerados pelas aulas. O argumento não nos comovia: ninguém estava obrigado a esse sacerdócio, e se o havia aceitado, que o levasse com assiduidade. Houve brigas furiosas em torno do assunto, mas elas consolidaram um novo comportamento para o movimento estudantil na FAFI e, por extensão no Piauí.

A sequência desse tipo de luta foi a instituição, oficializada, da Semana Cultural, em que a FAFI parava para repensar a FAFI: uma vez por ano, de segunda a sexta-feira, todas as atividades da Escola eram debates, palestras, grupos de estudo sobre a própria Escola, num processo de avaliação e levantamento de propostas. [...]

A outra vertente de lutas era a política, de resistência à ditadura e de integração ao movimento nacional, que manteve a UNE apesar da proscrição. O provincianismo piauiense da época, em que todos eram conhecidos de todos, evitava sem dúvida que os aspectos mais duros do regime se manifestassem com rigor entre nós. Mas nem por isso deixamos de sofrer a repressão. Companheiros detidos, condenações pela Lei de Segurança Nacional – e intervenções no movimento, com veto a nomes de candidatos à Presidência do Centro Acadêmico e suspensão de eleições do Centro Estadual, para evitar a vitória do grupo “subversivo”. Coroando tudo, o orgulho de termos tido um representante fafiense em Ibiúna, no Congresso que caiu. (PEREIRA In: RÉGO; MAGALHÃES; 1991, p.14).

Pelo relato de José Reis percebemos alguns dos questionamentos e vertentes de luta que moviam as ações do movimento estudantil na FAFI, a primeira delas foi bem específica; a luta contra a indisciplina dos professores que prejudicava a carga horária das disciplinas. Mas,

na concepção dele essa manifestação na faculdade contribuiu para consolidação de uma nova postura ao movimento, que foi de contestação e resultou na organização oficializada das semanas culturais, evento que ocorria anualmente com o objetivo de refletir sobre problemas internos da instituição e sobre o papel social desta. Além dessa postura de reflexão sobre a faculdade, houve a vertente política de resistência à ditadura e de integração ao movimento nacional que agitou o movimento estudantil em Teresina. Pois conforme Martins Filho (p.143) “As lutas do movimento estudantil de 1968 centraram-se inequivocamente em dois eixos fundamentais: na luta antiditatorial e na campanha pela transformação da universidade” (apud RIDENTI, 1993, p.130). Desta forma, comungando com o movimento estudantil a nível nacional, o movimento dentro da FAFI levanta como bandeira de lutas as reivindicações contra a ditadura e a reforma universitária.

José Reis busca em seu discurso reafirmar a participação dos estudantes da FAFI nas lutas contra a ditadura como uma forma de ressaltar a formação política daqueles sujeitos que estudaram naquela instituição, como é o caso do depoente. Uma lembrança do passado reconstruída sobre o olhar do presente, pretensamente elaborada, uma vez que este atua no presente enquanto político. Os rigores sofridos por alguns estudantes da FAFI não tiveram a mesma dimensão das perseguições feitas a muitos membros do Movimento Estudantil do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Recife e outras capitais onde o movimento ganhou uma dimensão maior pelas suas atuações mais enérgicas, pelo quantitativo maior de estudantes e envolvimento em ações armadas, que vitimou muitos estudantes por meio de prisões, torturas e assassinatos, principalmente no pós 1968, onde muitos militantes passaram a atuar em partidos políticos de esquerda e agirem em guerrilhas urbanas.

José Reis destaca como a coroação da atuação do Movimento Estudantil na FAFI a participação de um representante no XXX Congresso da UNE. O estudante que representou o Piauí foi Antônio José Medeiros, aliás, o único delegado entre seis que haviam sido escolhidos para participar do Congresso. O XXX Congresso da UNE seria realizado clandestinamente num sítio em Ibiúna, interior de São Paulo, com a presença de cerca de setecentos delegados estudantis de todos os pontos do país, e terminou com a prisão de muitos deles.

Antônio José Medeiros foi um jovem militante que se engajou politicamente, envolveu-se no movimento estudantil e sentiu os rigores do regime repressivo vivido a época, não por meio de torturas, mas pelas perseguições. Ele foi perseguido e preso por três vezes, entre 1967 e 1969 pelo seu envolvimento em táticas de contestação ao regime militar e teve a candidatura a presidente do diretório da Faculdade Católica de Filosofia em 1969 vetada pelo

SNI (Sistema Nacional de Informação). A seguir destaco um trecho do depoimento onde ele narra seu envolvimento no Movimento Estudantil:

[...] a gente entrou nesse clima nacional do cenário mundial e o grande evento foi o Congresso da UNE em Ibiúna. Nós fizemos um Congresso aqui e participaram a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Odontologia. O Congresso foi lá na FAFI e foram eleitos dois delegados da Faculdade de Filosofia: o Ubiracy e eu. Foi eleito o Evandro da Faculdade de Direito e foi eleito o Luís Ribamar. E da Faculdade de Medicina foi eleito o [...] Antônio José Gonçalves, que era o presidente do Centro Acadêmico. [...] Ele não era uma pessoa de esquerda, ele era o presidente do diretório e terminou a gente envolvendo ele [...]. O Aquino, o Evandro e o Ribamar não, eram de posição um pouco mais de esquerda e tinha uma menina lá da Faculdade de Odontologia que participava muito, ela era chamada Dulce [...] Bom, então nós debatemos a tese do Congresso, foi muito interessante e o Ubiracy não foi e eu fui como o único delegado [...] por que os outros não quiseram ir. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

Nas palavras de Antônio José Medeiros percebemos que havia uma articulação entre estudantes envolvidos na militância estudantil de todas as faculdades de Teresina. Na FAFI os estudantes debatiam os temas da política nacional, os documentos da Igreja, publicavam e divulgavam materiais entre os estudantes e outras lideranças. Fica evidente que os discentes da FAFI a partir de 1967 eram mais envolvidos nas reivindicações e contestações estudantis e até mesmo a própria instituição, pois era lá que ocorria grande parte das reuniões dos estudantes, ela congregava as lideranças e estudantes das demais faculdades.

Foi na FAFI que ocorreu o Congresso para a escolha dos delegados que iriam representar o Piauí no XXX Congresso da UNE em Ibiúna em 1968. Conforme informação relatada pelo depoente, dos seis delegados escolhidos somente ele participou, por que os demais não quiseram participar. Questionado sobre o motivo que fizeram os delegados desistirem de ir ao Congresso, o depoente respondeu que por medo. No trecho acima Antônio José Medeiros informa que Antônio José Gonçalves, presidente do Centro Acadêmico de Medicina não era uma pessoa de posição política de esquerda²⁴, mas ele foi sendo envolvido pelos demais colegas dos centros acadêmicos. Tal informação remete as reflexões de Marcelo Ridenti (1993, p.135) sobre a composição das esquerdas no Movimento Estudantil, ele ressalta: “Mesmo quando as lideranças de esquerda foram predominantes no ME, caso dos

²⁴ Compreendemos por esquerda as “forças políticas críticas da ordem capitalista estabelecida, identificadas com as lutas dos trabalhadores pela transformação social” (RIDENTI, 2000, p 17).

anos 60, não deixou de haver nas faculdades uma direita mais ou menos organizada, além de uma maioria silenciosa com graus diferenciados de politização”.

Acerca do referido Congresso ocorrido na FAFI o Jornal O Dia de 11 de agosto de 1968 noticiou uma reportagem com o título: “Mais de mil estudantes concentrados na FAFI”, veja a seguir a reportagem completa:

Estudantes de todos os níveis estiveram ontem concentrados no pátio interno da Faculdade de Filosofia, oportunidade em que manifestaram protesto contra a atual situação universitária do país, integrando a classe estudantil do Piauí na luta pela reivindicação de melhores estruturas. Foram ouvidos vários líderes da classe, tendo entretanto, a concentração, sido realizada na mais perfeita ordem e paz, embora várias críticas severas tenham sido dirigidas pelos estudantes inflamados à administração federal. Gritos de ‘Abaixo o Americano’. ‘Abaixo o Aldaíso’; ‘Queremos Justiça’ e ‘Abaixo o MEC USAID’ foram ouvidos pelos estudantes concentrados. Vários panfletos foram distribuídos, explicando o objetivo da luta, ficando o prédio da Faculdade completamente lotado com a enorme massa, que superou a mil estudantes. (O DIA, 1968, 11 ago., p. 7)

O trecho da reportagem retrata as principais pautas de reivindicação que guiaram o congresso na FAFI: protestos contra a situação universitária, a falta de estruturas, a contestação contra a interferência americana no Brasil, informar os estudantes sobre os objetivos da luta e o propósito de escolher os delegados que iriam participar do XXX Congresso da UNE. A partir de 1964 reportagens noticiando a concentração de estudantes realizada na mais perfeita ordem e paz era rara, num período em que as manifestações estudantis pelo Brasil terminavam quase sempre em pancadaria entre os estudantes e militares. Pois desde a Lei 4.464²⁵ que estavam proibidas as manifestações de estudantes.

O evento na FAFI insere-se na mobilização que ocorreu entre março e outubro de 1968 em praticamente todas as cidades brasileiras com escolas superiores, organizadas pelas bases estudantis universitárias. A insatisfação estudantil era motivada pela falta de verbas, a modernização autoritária do ensino acenada com os acordos MEC-USAID e a política repressiva da ditadura contra os estudantes e suas entidades, que contribuiu para retomada da luta pela Reforma Universitária. Nesta luta, os acordos MEC-USAID despertaram crítica em parte da massa dos estudantes, tanto aqueles politizados quanto os não politizados. Conforme informa Marcelo Ridenti:

²⁵ A Lei 9.464 de 9 de Novembro de 1964 define no seu art. 14: É vedada aos órgãos de representação estudantil qualquer ação, manifestação ou propaganda de carácter político-partidário, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares. Cf.: <http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/upload/legislacao/357.pdf>. Acesso em 19 de Jan. 2013.

A luta contra os acordos MEC-USAID, por exemplo, unia tanto aqueles setores da liderança estudantil, que privilegiavam a luta contra a ditadura, caso da AP (os acordos eram vistos como expressão do imperialismo, representado pela ditadura militar), quanto por setores da vanguarda estudantil, que buscavam a ponte entre as reivindicações específicas e as políticas, bem como boa parte da massa dos estudantes, menos ou mais politizados, que viam nas reformas indicadas pelos acordos uma clara deturpação da Reforma Universitária idealizada. (RIDENTI. 1993, p.128-9).

A recusa aos acordos MEC-USAID uniu estudantes de diferentes posturas políticas, por serem vistos como interferência americana e deturpação a reforma universitária pretendida pelos estudantes, situação que contribuiu para reforçar o antiamericanismo entre os jovens no Brasil, que veio somar às críticas destinadas a política imperialista dos Estados Unidos. Desde 1964 com a Lei 4.464 de 09 de Setembro, chamada Lei Suplicy de Lacerda - que extinguiu a UNE e criou para substituí-la o Diretório Nacional dos Estudantes - DNE, e propunha a criação de Diretórios Acadêmicos (DAs) em cada faculdade e de Diretórios Estaduais de Estudantes (DEEs), todos vinculados às administrações universitárias e ao próprio Ministério da Educação (MEC) que legalmente os estudantes deixaram de ter uma representação nacional.

Conforme Marcelo Ridenti (1993, p.126) o governo pretendia substituir as entidades civis dos estudantes os Centros Acadêmicos (CAs), os Diretórios Centrais (DCEs) e a UNE por entidades controladas pelo governo ou pelas administrações das faculdades. A Lei Suplicy procurava com isso manter o movimento estudantil comportado e livre do ativismo de grupos subversivos. Fracassada, a lei foi extinta pelo Decreto-Lei 228²⁶, em fevereiro de 1967, assinado pelo Presidente Castelo Branco. “O Decreto-Lei 228 previu que a política estudantil deveria se restringir a cada universidade” (VEJA, set., 1968, nº 3, p.21). Segundo Maria Paula Araújo (2007, p.157) “apesar de extinta, a UNE ainda era um símbolo político importante”, em que greves e manifestações eram convocadas em nome da entidade. Ela continuou funcionando, reunindo-se em congressos clandestinos e elegendo seus presidentes.

No caso do Diretório Acadêmico da FAFI o envolvimento de estudantes em contestação ao regime não significou uma ruptura com a direção da faculdade, uma vez que a partir de 1968 a instituição passou a ser dirigida por um padre, Raimundo José Airemoraes que era simpático a luta dos estudantes, mesmo por que as táticas usadas por estes eram

²⁶ O decreto-lei 228 define no art. 2º define como órgãos de representação dos estudantes de nível superior: a) o Diretório Acadêmico (D.A.), em cada estabelecimento de ensino superior; b) o Diretório Central de Estudantes (D.C.E.), cada Universidade. Cf. <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126145/decreto-lei-228-67>. Acesso em 19 jan. 2013.

pacíficas, resumiam-se, conforme os depoentes, a panfletagem, debates com a finalidade de conscientizar os estudantes e sociedade acerca da realidade político e social e algumas passeatas. Além de que, parte dos discentes que foram envolvidos no movimento estudantil e no diretório acadêmico participava das ações sociais na Igreja, conforme lembra Antônio Ferreira de Sousa: “a participação maior era da gente mais ligada a Igreja, do grupo mais ligado a Igreja naquela época. Foram ou ex-seminaristas, ou que tinham estudado em colégios religiosos”.

No congresso realizado em Teresina em agosto de 1968, na FAFI, a escolha dos delegados deveria ser feita de forma discreta para não chamar atenção dos militares para organização do Congresso Nacional. Pois, a partir de 1964 a UNE teve que inventar outras astúcias para sobreviver na clandestinidade e resistir às estratégias militares e desenvolver uma forma de luta que Certeau denomina de tática, uma “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio.[...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance”. (CERTEAU, 1994, p.100). São, pois, as táticas ações sutis e incansáveis, mobilizadas nas ocasiões oportunas, estranha às regras, reinventadas cotidianamente como sobrevivência no território do dominador. Foram através de táticas cotidianas que a UNE e a militância estudantil no Brasil continuou atuando, com astúcias reinventadas de acordo com as ocasiões oportunas, buscando sobreviver diante a repressão e perseguições impostas pelos militares a partir de 1964.

O regime intensificou a vigilância sobre os estudantes após 1964 e diante do controle cada vez maior, os estudantes redefinem a sua tática. Como não era mais possível enfrentar o adversário abertamente, tiveram que criar novas possibilidades. Assim, movendo-se pelo campo do inimigo, eles começaram a ocupar as Universidades para, a partir delas, tentar furar a vigilância do poder enquanto esperavam por novas ocasiões que lhes permitissem voltar a golpear o adversário (Cf. CERTEAU, 1994, p. 100-101). Então, a preparação do XXX Congresso da UNE, previsto para ocorrer num sítio em Ibiúna, em 1968 ocorreu disfarçadamente, utilizando-se de astúcias para mover-se e burlar a vigilância do regime, através de articulação entre os membros do movimento estudantil de cada região para não chamar atenção dos inimigos, tática que não funcionou. A realização do congresso foi impedida pela polícia, que invadiu o sítio e prendeu quase todos os participantes.

De acordo com as reflexões de Marcelo Ridenti (1993), a estratégia de organizar um movimento de massa sob rígida clandestinidade não funcionou, e a repressão a esse evento promovido pela ditadura e as dissidências políticas entre as lideranças dificultou a sobrevivência do movimento estudantil que começou a entrar em refluxo depois da queda do

congresso. Como uma ação alternativa diante a vigilância do regime o XXX Congresso foi realizado sob rígida clandestinidade em abril de 1969, dessa vez reunindo delegados eleitos em congressos regionais realizados clandestinamente entre novembro de 1968 e março de 1969, compareceu cerca de cem delegados estudantis, um quantitativo bem inferior ao primeiro congresso que reuniu cerca de setecentos delegados.

A informação do quantitativo de estudantes presentes ao congresso na FAFI, que chegou a superar mil, nos dá uma dimensão do movimento aqui em Teresina, pois esse número reunia estudantes secundaristas e acadêmicos das três faculdades. Comparando o número de estudantes na referida concentração com o quantitativo do episódio denominado batalha da Rua Maria Antônia, num bairro de São Paulo que ocorreu entre os estudantes da Universidade Mackenzie e os estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em 02 de outubro de 1968 em que a Revista Veja noticia que “3 mil estudantes do Mackenzie e 2500 estudantes da Faculdade de Filosofia se enfrentaram” (VEJA, 1969, nº 5, p.14), numa batalha sem preparações prévias reuniu cerca de 5.500 estudantes, esse dado nos faz perceber as diferenças das manifestações estudantis que ocorriam em Teresina com as que ocorriam no Rio de Janeiro e São Paulo. Mas para uma capital como Teresina que ainda não tinha uma universidade pública, muitos jovens estudavam em outras capitais, que nem todas as pautas de reivindicações que guiavam o movimento estudantil nacional nas universidades públicas brasileiras estavam inseridas nas manifestações dos acadêmicos, reunir mais de mil estudantes era um quantitativo significativo para a realidade de Teresina.

Mesmo com um quantitativo pequeno de estudantes engajados na militância estudantil na FAFI houve manifestações, táticas subversivas e uma integração com o Movimento estudantil a nível nacional. Antônio José Medeiros relata as articulações entre os estudantes teresinenses e lideranças estudantis que iriam participar do Congresso em Ibiúna e fala da sua percepção sobre o Congresso

[...] nós participamos de um Congresso Regional em Fortaleza, preparado pela UNE. Aí foram uns cinco delegados, esses delegados [os eleitos no Congresso realizado na FAFI] todos foram para o Congresso Regional, quem liderava era o DCE da Universidade de São Paulo, o presidente era o José Genuíno. Mas, participava o João de Paula [...], tinha o Pedro Albuquerque, que depois foi preso lá no Araguaia, tinha o Bergson, foi morto na Guerrilha do Araguaia, [...] o Fausto Nilo [...]. Esse era o pessoal que a gente tinha mais contato e que fazia contato aqui. Eles eram do PC do B. Nós aqui não éramos de partido nenhum. Tinha o grupo da AP, mas que atuava mais no movimento secundarista, através do Benoni Alencar [...]. Nesse congresso [...] recebi documentos de tudo quanto foi partido: do PCB, PC do B, da AP, da Quarta Internacional. E, ingenuamente guardei esses

documentos dentro de um fogão velho lá em casa e depois a polícia pegou quando fui preso, em torno de 69. Bom, então veio uma pessoa tinha o codinome de Ernesto e disse o seguinte: “_Olhe, está aqui esse cartãozinho, vamos cortar bem no meio. A pessoa que vai ser teu ponto, que vai estar lhe esperando lá em São José dos Campos pra lhe levar pro Congresso. - Ninguém sabia onde era! - Vai estar com essa parte, você vai ter que casar o papelzinho, de um com o outro. E você vai chegar num bar tal, em São José dos Campos e vai estar uma pessoa com o relógio no braço direito e fumando um charuto, aí você chega e diz assim: Por favor, que horas são? E ele vai lhe responder: - Que horas você quer que seja? Essa é a pessoa que vai lhe levar. Então, você tem que apresentar o cartão e ele lhe levará lá para o Congresso”. E assim eu fiz. Mas quando eu cheguei no bar lá em São José dos Campos a pessoa que estava de relógio era uma pessoa que eu conhecia do Ceará, era o João de Paula do Ceará. De forma que a gente não precisou nem seguir esse ritual todo. Aí, a gente foi para São Paulo pra USP, CRUSP chamada – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. E, quando a gente chegou lá eu vi que a coisa não tinha nada de clandestino. Por que gritavam: “olha estudante vai sair outro carro agora pro Congresso!”.

Não era tão disfarçado. Até por que tinha duas posições: uma posição que era da gente fazer o Congresso na própria USP, - botava lá os 700 delegados e juntava 3 ou 4 mil pessoas lá, por que se a polícia chegasse misturava todo mundo e a polícia não saberia quem era e quem não era delegado. E a outra posição era fazer o Congresso clandestino lá nesse sítio que arranjaram, que foi a posição que venceu. Lá da USP a gente saía pra uma casa que era chamada aparelho 1[...]. Eu cheguei de noite, ainda de noite foi uma sessão de abertura e de briga, até mais de meia noite. Com aquela história de impugnar candidato, briga das tendências... Aí fomos dormir. E no outro dia amanhecemos com a polícia chegando [...]. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

O trecho do depoimento nos informa sobre as facções que compunham o Movimento Estudantil e acerca das táticas usadas pelos seus integrantes para burlar o controle do DOPS a fim de conseguirem reunir os delegados de todo o Brasil para eleger a nova diretoria da UNE. De acordo com Antônio José Medeiros o grupo com que os estudantes piauienses tinham contato eram os ligados ao PC do B (Partido Comunista do Brasil), mas ele ressalta que os estudantes universitários de Teresina não participavam de nenhum partido, os secundaristas guiados pelo Benoni é que eram ligados a Ação Popular²⁷. Benoni atuava no movimento secundarista e desde o início da ditadura foi considerado um elemento subversivo, em 1964 seu nome constava na lista dos presos para prestar depoimento no 25º BC acusado de ser “um dos elementos ligados à ideologia comunista e ao crime de subversão da Ordem Política e Social” (O Estado, 1964, p.3) e durante o endurecimento e táticas de ações violentas do Movimento Estudantil ele liderou um grupo de pessoas, não somente estudantes. Mas,

²⁷ A AP surgiu em 1962 como organização autônoma, implantada principalmente no movimento estudantil, onde manteve a diretoria da UNE e de muitas entidades durante os anos 60. Sua proposta de constituição como movimento político independente brotara do interior da Juventude Universitária Católica (JUC). (Cf. RIDENTI. 1993, p. 29)

segundo Antônio José Medeiros, os estudantes militantes da FAFI não se envolveram em lutas armadas e em ações violentas, suas táticas de lutas eram pacíficas e ocorreram dentro da faculdade através de panfletagem, organização de debates.

No relato de Antônio José Medeiros se percebe algumas táticas usadas pelos estudantes para burlar o controle dos militares e manter o sigilo sobre o XXX Congresso da UNE. Uma dessas era manter o anonimato e a clandestinidade sobre as ações dos integrantes do movimento estudantil, que se utilizavam das seguintes táticas: os usos de codinomes para dificultar a identificação dos participantes, utilização de códigos de comunicação para reconhecimento dos integrantes e para burlar o controle dos militares. José Medeiros descreve o uso de alguns códigos como o papel, o relógio no braço direito, as frases de comunicação, o anonimato acerca do local de realização do congresso. Ritual dispensado na ocasião por que os dois integrantes já eram conhecidos. Havia, portanto, táticas montadas, mas que na concepção de José Medeiros não foi tão clandestino quanto ele imaginava, já que na USP os estudantes eram avisados claramente sobre a saída de carros para o congresso. Mas, todas essas táticas utilizadas para disfarçar a organização do congresso não foram suficientes para fugir das estratégias de controle dos militares e a aglomeração de pessoas que gerou a falta de pão e leite na cidade chamou a atenção dos moradores, houve a denúncia e a consequente invasão do sítio em Ibiúna antes da eleição da diretoria da UNE em 1968, de onde saíram vários estudantes presos.

Enquanto para José Reis a participação de um estudante da FAFI no congresso de Ibiúna representou a coroação do Movimento Estudantil na FAFI, para este representante – Antônio José Medeiros, o referido evento representou o seu batismo como elemento subversivo. E, por já ter tido outra experiência de prisão anterior em 1967 ficou mais visado pelos militares. A repressão ao XXX Congresso de Ibiúna não fez com que os membros do Movimento Estudantil no Brasil desistissem de eleger a diretoria da UNE, eles apenas mudaram de tática, ao invés de juntar todos os representantes dos Estados num único lugar eles realizaram os congressos em cada Estado e mandaram o resultado. É o que Medeiros relata

Por que aí era em cada cidade. Nós tivemos esse congresso no Paulo VI hoje, com o apoio do padre Homero [...]. Que juntaram aqueles delegados, aqui participou todo mundo. O José Gonçalves, o Evandro, o Aquino, eu, o Ubiracy e o Luís Ribamar. Éramos seis. Tivemos o encontro e lá estava presente no encontro aquele mesmo rapaz o Ernesto, ele quem levou o resultado. Essa foi a nova sistemática para eleger a nova direção da UNE depois da repressão ao Congresso. Tem um fato interessante, o Ernesto quando chegou me deu um papelzinho dobrado e disse: “_ Eu queria que

“você entregasse isso aqui pra uma pessoa de sua confiança que não tenha nenhuma ligação com política, se eu for preso aí está o endereço da minha mãe pra ser comunicada”. E eu entreguei esse papelzinho para a irmã Joana, uma freira americana que ainda hoje mora aí na Vila Operária. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

O trecho do relato, que retrata o receio de Ernesto de ser preso, demonstra o quão forte era o ideal revolucionário e de crença em mudanças, que mesmo diante a repressão muitos jovens se aventuraram na luta estudantil. Outro aspecto relevante na fala de Antônio José Medeiros é a referência à participação da Igreja nesse movimento, mesmo numa posição de retaguarda, com apoio a base. O encontro para escolha da diretoria da UNE ocorreu no Seminário “Paulo VI” contando com ajuda de um padre. Também a escolha de uma freira como pessoa de confiança para entregar o endereço da mãe de um militante mostra o apoio que alguns membros da Igreja, os da ala progressista que compartilhavam das lutas contra o regime militar, deram aos estudantes em Teresina. Na FAFI os estudantes contavam com o apoio do diretor Padre Raimundo José que permitia tanto as reuniões dos estudantes no espaço da faculdade quanto evitava a presença e ação dos militares na instituição. É o que informa também Antônio José Medeiros ao relatar sobre o clima de resistência da época e uma de suas prisões:

[...] E veio uma pessoa, o Ventura de São Luís que a gente queria organizar uma comissão em defesa dos presos políticos. E, quando a gente estava nessa reunião da comissão, fomos presos também em outubro de 69. Foi quando eles acharam os célebres documentos dos vários partidos. E aí nós passamos nove meses na cadeia. Eu consegui autorização do juiz militar da auditoria militar de Fortaleza para ir fazer as provas na Faculdade. - Eu estou contando esse episódio para lembrar o clima que era. - Foi um agente da DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social comigo, quando chegou na entrada da Faculdade de Filosofia que ele ia entrando, o padre Raimundo José, que era o diretor da Faculdade, disse: “_ Aqui você não entra, aqui a polícia não entra, eu me responsabilizo por ele”. Então, a gente tinha um ambiente de muita liberdade no espaço da Faculdade de Filosofia. Agora as atividades eram mais interna, debates, pois era um clima de resistência. Nós não tivemos envolvimento com luta armada [...]. Depois todo mundo estava terminando também, a nova geração já não teve assim intensa participação, foi o tempo que incorporou a Faculdade pela Universidade Federal. E o movimento, eu acho que se encerra em 72, 73 no máximo no restante do país e vai retomar em 79 com a reorganização da UNE. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

O trecho do relato mostra como era o clima de tensão existente entre os estudantes envolvidos na militância estudantil que agia contra o regime. O envolvimento dele na

comissão em defesa dos presos políticos custou uma prisão de nove meses em 1969, quando foram encontrados em sua casa os documentos sobre os partidos políticos que havia recebido no Congresso Regional que participou em Fortaleza em 1968. Já era visto como subversivo por já ter participado de panfletagem contra a eleição indireta do Marechal Artur da Costa e Silva, por ter participado do Congresso clandestino da UNE em outubro de 1968, e após o encontro dos documentos dos partidos de esquerda ficou comprovado para os militares o envolvimento dele em práticas subversivas como comunista. E, como ainda era aluno da Faculdade de Filosofia enquanto estava preso ganhou o direito de fazer as provas, só que tinha que ir escoltado do Quartel da Polícia Militar até a Faculdade.

O Padre Raimundo José além de ser simpatizante da causa estudantil, evitava a ação militar dentro da faculdade e para evitar constrangimento do próprio discente, impediu a entrada do policial, responsabilizando-se pelo estudante. Então, Antônio José Medeiros ver a Faculdade como ambiente livre para atuação do movimento, mas ação interna já que o clima era de repressão após o AI- 5 de dezembro de 1968, o que dificultava a atuação externa e os debates críticos sobre a ação do regime militar. Para ele o movimento estudantil começa a ser desmontado a partir de 1969 e sobrevive até por volta de 1973, dessa forma as gerações de estudantes que o sucederam na FAFI e os que entraram na UFPI já não tiveram um cenário favorável para o engajamento político.

Antônio José Medeiros ainda nos informa que após a repressão, a FAFI foi o único núcleo de resistência que sobreviveu. Os membros do movimento estudantil das demais faculdades se distanciaram dos da FAFI e do próprio movimento, como ele relata:

O pessoal na Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, sobretudo, não quis mais saber de participação por lá.[...] depois do AI-5 onde continuou tendo alguma manifestação, alguma resistência foi na Faculdade de Filosofia. Os meninos da Faculdade de Medicina estavam arrependidos de ter ido para o congresso, não queria mais nem encontrar com a gente. Direito estava parado e o Luís Ribamar e a Dulce mantinham contato com a gente, mas não tinha mais tão junto a base. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

Na concepção do depoente o movimento estudantil universitário em Teresina começa a ser desintegrado a partir de 1969, os membros das faculdades de Direito e Medicina com receio das prisões se distanciam dos militantes da FAFI, e esta foi a única faculdade em que os militantes estudantis ainda continuaram atuando, mas de forma limitada ao espaço interno da faculdade, através de debates acerca dos últimos acontecimentos, sem maiores contatos com os membros de outros Estados. Os militantes da FAFI não se envolveram em ações

armadas, não houve, portanto, radicalização do movimento na Faculdade de Filosofia, as ações eram mais de crítica e conscientização acerca dos problemas sociais e políticos.

Assim, está presente na memória de Maria de Fátima Bomfim ao relatar a relação existente entre os grupos de jovens acadêmicos católicos com a ação dos centros sociais com atuação na conscientização da sociedade sobre a realidade social e política brasileira e justificando essa prática a partir do que estabelecia o Concílio Vaticano II de que uma das funções da Igreja era difundir uma prática cristã e apoiar os movimentos de libertação em busca da justiça social. A fala da depoente mostra a percepção que ela tinha do espaço de vivência da FAFI, como sendo de reflexão e crítica da realidade e de protagonismo dos jovens nas ações sociais.

Falas como a de Antônio José Medeiros, também ressalta o protagonismo da FAFI nos movimentos de resistência ao regime militar. Em sua memória a faculdade era espaço de reflexão, inclusive para os que não eram alunos. As atividades de extensão, que ocorriam nos finais de semana, incluíam reuniões e discussões com a comunidade sobre as questões ocorrentes no Brasil, o que revitalizava a instituição e promovia novas vivências para os discentes. A atuação do Diretório Acadêmico, que funcionava na própria FAFI, incluía a organização de debates políticos e semanas culturais, levantamentos de livros para a biblioteca e eleições que sempre mobilizavam toda a classe universitária da época. Para Antônio José Medeiros, com tantas atividades o estudante passou a perceber-se como sujeito social com papel importante no pensamento das questões locais e nacionais. Vejamos através da análise da programação da Semana Cultura comemorativa aos 10 anos da FAFI quais as preocupações que direcionavam as ações dos estudantes da instituição:

SEMANA CULTURAL COMEMORATIVA DO 10º ANIVERSÁRIO DA
FAFI. 01-07/4/1968
DIRETÓRIO ACADÊMICO
1.º dia: Missão da FAFI no Piauí.
2º dia: FAFI e Piauí: história de 10 anos e vivências do presente.
3º dia: prospectiva de um programa.
4º dia: papel dos professores e alunos no processo de integração da FAFI na realidade piauiense. (RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p. 49).

Pela programação da Semana Cultura observamos a preocupação dos estudantes da FAFI em pensar o papel social da instituição. No final do evento, discentes e docentes se reuniam para uma avaliação das atividades realizadas e para refletir sobre as ações prioritárias a desenvolverem, é o que verificamos na transcrição das conclusões dos debates em torno da Semana Cultural:

1. Convicção ideológica

É convicção geral de que o Piauí, encontrando-se em processo lento de desenvolvimento, carece urgentemente de uma eficiente ação desenvolvimentista a ser realizada por homens conscientes de seu próprio e específico desenvolvimento.

A FAFI dentro do Piauí tem uma missão intransferível e própria: conscientizar os ‘habitantes do Piauí’ de sua mesmidade cultural e humana. O que pode conseguir estabelecendo-se como objetivos ideais e licenciatura, o bacharelado e a láurea. Concretamente, porém, no presente momento, limitar-se-á à licenciatura, com os objetivos seguintes:

- a) Formar professores eficientes e suficientes para o primeiro e segundo ciclos;
- b) Criar uma ‘elite cultural’
- c) Selecionar e incentivar candidatos a bolsas de pós-graduação, num primeiro momento, para preencher o quadro de professores, que é um tanto deficiente e deficitário [...] (RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p. 60).

A partir dessa programação e conclusão de como os membros da FAFI; discentes, docentes e diretoria pensavam o papel daquela instituição, percebemos que suas preocupações estavam além do espaço interno, visavam uma influência social. Aspiravam mudanças mais amplas com interferência e desenvolvimento da economia, educação e cultura piauiense. Pelos depoimentos dos seus ex-discentes a instituição cumpriu bem esse objetivo, dentro dos limites impostos pelas questões econômicas, políticas e sociais. Os debates passaram a girar em torno de interesses internos a instituição: cultura, pós-graduação e formação profissional.

O ambiente da FAFI foi modificado pela ação ativa de alguns universitários, ao tempo que também modificou a vida destes, uma vez que a Faculdade propiciava ascensão social pela qualificação fornecida aos graduados e licenciados, possibilitando-os lecionar nas escolas públicas e particulares de Teresina. Maria das Graças Moita, que descreve como o ambiente da faculdade modifica sua vida, relata que os estudantes usavam o espaço tanto da faculdade como da Praça Saraiva para reunir grupos de discussão, apresentação de trabalhos e como tática para dinamizar as aulas, fugindo do formalismo.

Diogo José Soares, ex-professor da FAFI, em depoimento no Congresso sobre a memória e o papel da FAFI na educação do Piauí recorda a perplexidade de alguns pais e mães de estudantes que se dirigiam à faculdade nos finais de semana. Os pais estranhavam a presença dos filhos em atividades realizadas aos sábados e domingos, que era o momento em que os acadêmicos colocavam em prática as discussões feitas em sala, incentivavam reflexões através de debates junto à comunidade sobre as conjunturas estatais e nacionais. Segundo o mesmo, como não existia auditório, algumas aulas eram dadas ao ar livre na própria Praça Saraiva, quebrando a rotina dos teresinenses. “Isso chamava a atenção das pessoas. Se o conteúdo da aula atraísse o cidadão que passava, ele ficava e assistia à aula” (SOARES Apud

SOUSA; BOMFIM; PEREIRA, 2002, p.162). O Professor Diogo José ressalta que a instituição era tida à época como instituição de ensino superior politicamente engajada²⁸, comparada com as demais instituições de ensino superior existente em Teresina, e que entre os estudantes presos no Congresso de Ibiúna havia estudantes da FAFI, Antônio José foi um deles. A participação de Antônio José Medeiros no Congresso em Ibiúna é um fato presente na memória dos acadêmicos da FAFI e é citado sempre com orgulho pelos que fizeram parte dessa instituição, o que remete a expressão usada por José Reis em depoimento e citado anteriormente, que a prisão de um estudante da FAFI no Congresso de Ibiúna coroou de orgulho a instituição.

A vivência na FAFI possibilitou a formação de uma rede antidisciplinar com rompimento de alguns valores tradicionais, atitudes e práticas que direcionaram a liberdade de circulação e consumo da cidade, sobretudo entre as mulheres. Com aulas noturnas, realizadas das 18 às 22 horas, as alunas começaram a ter mais liberdade de consumir espaços públicos da cidade. No relato de Maria do Carmo Bomfim, emerge em suas memórias sobre os anos de vivência na FAFI os momentos de lazer compartilhados com as amigas:

Um lugar de lazer era a Praça Pedro II, que no intervalo das aulas, aquele intervalo, que antigamente era um intervalo de meia hora a 40 minutos, as pessoas vinham para a Praça Pedro II, fazia aquele passeio. [...] a Praça Pedro II [...] era redonda, tinha bancos, um coreto, o centro meio redondo e um círculo de bancos, para as pessoas sentarem, aí tinha uma passarela, então os homens ficavam sentados nos bancos e as moças rodavam circulando de mãos dadas, circulando por vários objetivos, era um momento de lazer, de conversas, de encontrar pessoas e também encontrar namorados. Momento de paquera, mas era um momento de lazer da cidade, para as jovens naquele momento. E nós da Faculdade de Filosofia também íamos para lá. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

As mulheres que estudavam na FAFI passaram a vivenciar maior liberdade, pois passear com as amigas sem uma companhia masculina familiar não era um comportamento bem visto pela sociedade. E, estas alunas consumiam esse espaço de lazer mesmo em horários que não eram permitidos a “moças de família”. Assim, o espaço da faculdade emergia como espaço de sociabilidades feminina e masculina, onde surgiam flertes, paqueras e namoros.

Além do consumo de novos espaços da cidade, as discussões desenvolvidas na faculdade com as novas teorias de certa forma subversivas que chegavam como a feminista,

²⁸ Instituição politicamente engajada na década de 1960 era aquela que se envolvia nos debates políticos e na luta contra a ditadura militar.

por exemplo, foi possibilitando alterações de comportamento, como nos relata Maria das Graças Moita:

Então lá a gente tinha nessa disciplina de Cultura Geral fazia as discussões de toda a efervescência, nós fazíamos muito, tudo que estava acontecendo no período. Eu me lembro de uma das discussões que houveram lá foi sobre o feminismo. Houve a discussão do feminismo que estava em alta. Lembro que no final tinha que apresentar um trabalho escrito, um trabalho com certo rigor científico, e o meu trabalho final foi sobre o feminismo; mostrando as discussões que estavam havendo, e assim a forma da mulher com a liberação nesse sentido, não só sair dessa submissão social e familiar, do marido, passando a ter sua liberdade, a fazer suas escolhas, andar do jeito que achava que deveria andar, etc. isso aí foi muito frequente na Faculdade de Filosofia. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, Abr., 2012).

A Faculdade de Filosofia surge como espaço de disseminação de ideias, como um ambiente em que se buscava refletir sobre as mutações por que passava a situação feminina, que começava a forjar outra identidade, baseado em questionamentos acerca dos direitos femininos, do lugar da mulher no casamento, na sociedade e seu papel na família, do direito a maior liberdade da mulher, da libertação da submissão masculina. Essas discussões geraram novas posturas entre as estudantes universitárias, despertando nestas um comportamento que afrontava a sociedade teresinense regida por valores religiosos e tradicionais.

Contra as convenções e normas impostas como estratégias de controle disciplinar pela sociedade e pelo regime militar, começava a ser estruturada entre os estudantes da FAFI de forma sutil e silenciosamente por meio de atitudes, rompimento de valores, consumo de outros espaços, etc., uma rede antidisciplinar. Essa rede, constituída a partir das “mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1994, p. 41), assim a juventude na década de 1960 reorganizou o espaço urbano teresinense, transformando alguns espaços públicos em espaços de diálogos e trocas de senhas entre os jovens, inicialmente a Faculdade de Filosofia, as praças; Saraiva e Pedro II e na década de 1970 a Universidade Federal, com a inauguração do Campus do Ininga, torna-se espaço de uso entre os universitários para divulgar suas ideias e organizar suas táticas cotidianas de contestações ao regime militar.

No entanto tais táticas eram realizadas dentro das possibilidades cotidianas de “ganho” pelo momento de limitações das liberdades pelo regime de repressão imposto em

1964, daí os estudantes se utilizarem de senhas para burlar as estratégias²⁹ de controle desenvolvidas pelos militares via os agentes do DOPS e da sociedade civil, por meio das famílias.

Os militares durante a ditadura se utilizavam de estratégias para firmar seu lugar de saber e de poder frente a sociedade civil, como censuras e repressões, a sociedade moralista impunha sua disciplina e valores tradicionais e os estudantes para contestar a ordem vigente, para fugir ao rigor da ditadura militar, negar a sociedade disciplinar e a cultura dominante e romper com as estratégias dos militares utilizam-se de táticas³⁰ disfarçadas por meio de debates, ações sociais nos bairros, panfletagem, reuniões, semanas culturais, etc.

2.2. Espaço consentido: desarticulação estudantil nos primeiros anos da UFPI.

A Universidade Federal do Piauí foi instalada em 1971 sob as diretrizes dos acordos MEC-USAID. Pouco tempo depois são criados, oficialmente, os Diretórios Setoriais (DS's), representação estudantil por Centro de Ensino, como parte da estrutura burocrática da Universidade, conforme as recomendações do regime militar que através do Decreto-lei nº 228 de 28 de fevereiro de 1967 “proibiu definitivamente os diretórios nacionais ou estaduais, dando lugar apenas aos DAs e DCEs ligados às direções das faculdades” (RIDENTI, 1993, p.127), cujo objetivo era esvaziar as representações por curso. Fonseca Neto em estudo sobre o movimento estudantil no Piauí destaca

Os primeiros DS's foram os do Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), batizados "Cromwell Carvalho", e o do Centro de Ciências da Saúde (CCS), chamado "7 de Abril". Essas novas entidades, nascidas da vontade político-legal do regime e não da massa estudantil, passam a funcionar como espaço consentido de atuação discente, porém completamente monitoradas pela administração universitária e pelos órgãos do regime com atuação local. O processo eleitoral era conduzido pela burocracia universitária e seus conselhos, sendo o voto obrigatório sob pena

²⁹ No que concerne à noção de táticas e estratégias, tomo por base as contribuições de Certeau, haja vista que esse autor evidencia que os consumidores produzem trajetórias indeterminadas que às vezes podem parecer desprovidas de sentido, pois não estão emparelhadas com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. Essas trajetórias estão imbuídas de estratégias e táticas de uso e de consumo; para este autor “As estratégias são, portanto, ações que graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem” (CERTEAU, 1994, p. 102).

³⁰ Acerca de táticas Certeau explica “[...] as táticas destacam a relação de forças que está no princípio de uma criatividade intelectual tão tenaz como sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhada nos terrenos da ordem dominante, estranha às regras próprias da racionalidade e que esta impõe com base no direito adquirido de um próprio”. (Id. Ibidem).

de multa e não matricula para os não votantes, sendo por isso mesmo feriado universitário dia das eleições. (SANTOS NETO, 1994, p. 52).

O governo com o decreto nº 228 limitou a autonomia das organizações estudantis dentro das universidades, elas passaram a funcionar de forma consentida, dificultando assim suas ações políticas. Com a imposição do AI-5 em 1968 o regime intensificou a repressão aos estudantes, não deixando espaço de lutas nas universidades e varreu-os das ruas, foi difícil para a juventude manifestar seu inconformismo contra o regime, afinal ele suspendia todas as garantias individuais, o habeas-corpus e praticamente institucionalizou a tortura e a eliminação física dos adversários do regime (RIDENTI, In: FICO; ARAÚJO, 2009). “O AI-5 mudou radicalmente a forma da ditadura militar se relacionar com os movimentos sociais de oposição – e com o movimento estudantil” (ARAÚJO, 2007, p. 189). Mesmo que essa prática de tortura não tenha sido comum em Teresina, o medo disseminado a nível nacional intimidava as ações dos estudantes do Piauí. Após a derrota de 1968 que tem início com a prisão das principais representações do Movimento Estudantil do Brasil, a violência da ação repressiva configura um período de dispersão e isolamento.

Fonseca Neto que vivenciou a UFPI na década de 1970 afirma que na Universidade Federal do Piauí os Diretórios Setoriais tinham pouca representação política e estavam mais preocupados com promoção de eventos sociais e esportivos que com mobilizações e engajamento político e de luta. Essas novas entidades perdem a referência das suas antecessoras – como os D.A.s da FAFI e da FADI, desmanteladas pela repressão imposta pelos anos de chumbo, os estudantes tiveram sua atuação limitada, decorrentes do isolamento que foram empurrados o conjunto de suas manifestações para a obscuridade, expulsos do espaço público e com dificuldades para sobreviver na clandestinidade, restou a marginalização dos adversários do regime. Segundo Heloísa Buarque (1989) a intervenção do regime se fez sentir na desarticulação das representações estudantis, na sustentação de um clima de suspeição e desconfiança que atinge as próprias salas de aula, alterando o cotidiano da vida universitária. “Nesse espaço marcado pelo bloqueio crítico-criativo, a juventude experimenta um momento de desânimo e vazio” (HOLLANDA; GONÇALVES, 1989, p. 94). As referências aos estudantes nos jornais locais na primeira década de 1970 apareciam em divulgação de eventos sociais e esportivos.

Nos anos iniciais da UFPI os discentes que a compunham direcionaram suas lutas em torno da organização da instituição cobrando dos políticos locais engajamento pela instalação do campus universitário e a destinação de recursos para estruturação da instituição. Inseridos

no contexto de lutas nacionais guiados pelos estudantes contra o regime militar então vigente, os estudantes tinham como principais pautas de reivindicações o aumento do número de vagas, além destas a bandeira de luta timidamente empenhadas pelos estudantes era "Abaixo a ditadura", "fim do AI-5", "Abaixo o 228 e 477", "Por um DCE livre", "Pela volta da UNE" e em fins da década de 1970 "Por anistia ampla, geral e irrestrita".

No contexto local as reivindicações específicas dos estudantes universitários visavam à consolidação do Restaurante Universitário (RU), mais vagas nas disciplinas ofertadas e melhoria nas condições do transporte coletivo para o campus. Essa a questão mais grave, devido ao isolamento do campus do Ininga e a pouca disponibilidade de ônibus para transportar os estudantes. Mas, coincidem também com os anos de chumbo da ditadura militar no Brasil inseridos com o AI-5 que endurece a perseguição política a qualquer esboço de dissenso da ordem vigente, e com o decreto-lei 477/69 que se capitula como crime passível de severas punições a quaisquer atitudes entendida como de natureza política praticada por professores, estudantes e funcionários de estabelecimentos de ensino, aumenta o controle sobre a atuação e a organização dos estudantes, direcionando a nível nacional muitos estudantes para uma militância clandestina e a aproximação de alguns às esquerdas armadas. Mas no Piauí não há registros pela memória dos personagens que vivenciaram o período e que foram entrevistados, de que tenha havido algum estudante universitário envolvido na luta armada, o mais citado foi Benoni Alencar, que não fazia parte do movimento universitário.

A severa repressão intimidava a militância política de estudantes em Teresina o que gerou o esvaziamento do Movimento Estudantil na Universidade Federal nos anos iniciais de 1970, a exemplo do que ocorria a nível nacional nas universidades. Condiçoados ainda pelo movimento em curso conhecido como "Guerrilha do Araguaia", que intensificou a ira do regime espalhando um clima de terror, sobretudo entre a juventude dos Estados geograficamente mais próximos do Sul do Pará, recrudesciu assim a vigilância sobre as organizações estudantis de Teresina. No final de 1969 a UNE já não tinha representação entre os estudantes, totalmente caçada pela repressão, suas ações estavam restritas a clandestinidade, no "decorrer da década de 1970 a influência da UNE restringia-se a um punhado de estudantes clandestino" (RIDENTI, 1993, p.132). Era a derrota do Movimento estudantil após um período de efervescência política e militância estudantil que foi retomada no final da década de 1970.

Enquanto a nível nacional o movimento estudantil reinicia suas mobilizações a partir de 1973, com a morte do estudante da USP Alexandre Vannuchi Leme, no Piauí, especificamente na UFPI, a agitação que cresce é timidamente sentida. A partir de 1976 os

DS's ganham uma dinâmica, mas segundo Fonseca Neto (1994), nada que possa ser considerado de atuação politizada. O referido autor ainda nos informa que ironicamente no ano de 1976, que em todo o Brasil eram reconstruídos os DCE's, CA's e UEE's livres, na UFPI se criava o DCE, de acordo com as normas do Decreto-Lei nº 228, que baseado no artigo 9º da citada lei foi indiretamente formada a primeira Diretoria do DCE – UFPI, com homologação e designação pelo reitor.

A principal referência da organização Estudantil na Universidade Federal do Piauí era o setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), em 1977 elege uma diretoria com claras intenções de integrar o Movimento Estudantil local aos acontecimentos nacionais. Na vigência de tal diretoria ocorreu a tentativa de criar um jornal estudantil denominado “travessia”, mas seus originais foram confiscados pelos agentes da Assessoria de Segurança e Informações (ASI), braço universitário do SNI. Acerca da atuação do Travessia Fonseca Neto nos informa:

A gestão "Travessia" do DS do CCHL produziu, paralelamente, a primeira organização não oficial feita por estudantes da UFPI: o GEG – Grupo de Estudos Gerais. Criado como referência de união e ação daqueles que se colocavam numa perspectiva de luta mais engajada, esse núcleo passará a ser um importante instrumento de ação política dos estudantes, num importante contraponto às entidades oficiais, nas quais, entretanto, os membros do GEG continuariam a disputar direções e hegemonia. Foi assim o GEG, matriz e espaço donde alavancou-se o grupo e movimento largamente identificado por "Travessia" (palavra tomada, definitivamente na poesia! canção de Milton Nascimento), este, sim, com atuação direta na disputa pela direção das entidades a partir de 1978. Neste ano, já como fruto de alguma pressão sobre a reitoria, ocorreu a primeira eleição direta para o DCE. (SANTOS NETO,1994, p. 53-4).

A eleição para o DCE em 1978 foi disputada por três chapas: Travessia, Visão e Abertura. O GEG (Grupo de Estudos Gerais)/Travessia foi derrotado, saindo vencedora a chapa Visão. De acordo com a concepção de Fonseca Neto (1994) o GEG/Travessia congregava estudantes com algum grau de engajamento, comprometidos na sua grande maioria com a construção de entidades estudantis livres e combativas. Não consegue conquistar o DCE, mas consegue a direção setorial do CCE (Centro de Ciências da Educação), e tenta, como oposição, redirecionar a atuação das entidades estudantis. Fruto dessa atuação oposicionista eles conseguem trazer durante a “Jornada Universitária” de 1978 a discussão das questões ligadas à universidade e enseja uma discussão de conjuntura

nacional, conectados com o Movimento Estudantil nacional trouxeram a UFPI o Presidente do DCE da PUC-SP e o ex-ministro da Educação Darcy Ribeiro, recém-chegado do exílio.

As iniciativas isoladas de alguns DS's e, sobretudo a intensa atividade do GEG na realização de seminários, cursos, pesquisas e outros eventos, desencadearam desde então uma frenética movimentação intelectual na universidade, que marcaria profundamente os anos de 79 a 82, principalmente. (SANTOS NETO, 1994, p.54).

Segundo Fonseca Neto (1994) as iniciativas de alguns diretórios setoriais conseguem movimentar a universidade, trazendo intelectuais como Darcy Ribeiro, um exilado político que os conservadores nutriam ódio incomum, cuja presença representou para os estudantes algo deslumbrante, pelo que seu nome simbolizava naquela conjuntura contra o regime militar. O episódio é retratado com certo orgulho pelo autor que participou do evento e diz ter sido Darcy Ribeiro a primeira personalidade que proclamou a condenação pública do regime militar no seio da UFPI. O evento foi coroado de emoção por esta ter sido realizada a luz de velas, devido à reação contrária do SNI e das autoridades universitárias que mandaram apagar as luzes a fim de evitar a realização da palestra.

O ano de 1979 é o momento da recuperação do movimento estudantil a nível nacional que já vinha se insinuando desde 1977 e que em 1979 ganharia um reforço expressivo com a reorganização da UNE, desativada oito anos antes e com o vibrante clima de mobilização popular que, para muitos, parecia reviver os signos de 1968. Fonseca Neto (1994) equipara o ano de 1979 no Piauí ao ano de 1968 no cenário nacional, apresentado por Zuenir Ventura como o ano que não terminou e o arauto dos acontecimentos e engajamento jovem. Para o primeiro autor 1979 trouxe conquistas significativas para o movimento estudantil, tanto a nível nacional quanto local, marcado por “batalhas vitoriosas”, no primeiro semestre houve a participação da delegação de 34 universitários no congresso de reconstrução da UNE em Salvador – BA.

O segundo semestre de 1979 foi marcado pela conquista do congelamento da taxa do Restaurante Universitário (RU) após histórico plebiscito; aconteceu a greve de três dias puxada pela UNE em defesa da escola pública e em Teresina encaminhada com 100% de adesão efetiva; foram realizadas as primeiras eleições diretas para a diretoria da UNE, o que ensejou a visita ao Piauí do presidente Ruy César, recebido na UFPI quase como um ídolo/herói pelo que simbolizara sua presença no cenário político brasileiro. Surge vigorosa e sem censura uma imprensa universitária ao lado da intensificação da leitura de jornais

alternativos tipo “Movimento”, “Pasquim” e outros como a “Tribuna da Luta Operária”, aqui distribuída a partir do mês de novembro.

No mês de novembro de 1979, uma assembleia geral escolheu o DCE, agora uma entidade livre, calcada em estatuto político amplamente discutido pelo conjunto dos estudantes. Era o fim da intervenção dos organismos da universidade e da própria repressão sobre o Movimento Estudantil. Em fins de 1979 as manifestações contra o “passe estudantil” reuniu grande quantidade de universitários que se uniram aos estudantes secundaristas e liderados pelo CCEP (Centro Colegial dos Estudantes Piauienses), tendo como propósito impedir a instituição do passe estudantil pela Câmara Municipal de Teresina, essa manifestação reintroduzia os estudantes em luta nas ruas de Teresina, dando início a outro ciclo político do movimento, que não é objeto de análise deste trabalho.

Diferente do que aconteceu na maioria das universidades localizadas no eixo Rio-São Paulo, foco das agitações estudantis na década de 1960, em que com a derrota do Movimento Estudantil muitos militantes migraram para organizações de esquerda e para a luta clandestina após 1968, em Teresina na FAFI nossos depoentes não citam um único caso de estudante que tenha se envolvido na luta armada, os poucos casos relatados refere-se a lideranças estudantis secundaristas, que foi o caso de Benoni que se envolveu com a AP e liderava os estudantes do Liceu piauiense. Mas nas faculdades de Teresina houve uma retração das ações antiditatoriais e contestatórias, os poucos estudantes que se envolveram em manifestações contra o regime desistiram da militância após a prisão de Antônio José Medeiros no XXX Congresso da UNE, restando algumas ações dentro da FAFI, que restringiram suas ações para o âmbito da faculdade.

Na UFPI após a inauguração do Campus entre 1973 a 1979 a militância estudantil foi restrita às lutas reivindicativas ligadas às questões internas da instituição, como a ampliação de ofertas de disciplinas, construção do Restaurante Universitário, a luta política antiditatorial foi sufocada pelo clima de medo. Os estudantes que vivenciaram os primeiros anos de UFPI encontraram um ambiente acadêmico, cultural e político diferente daqueles que viveram a FAFI, pois os últimos anos desta coincidiram com a efervescência e engajamento político dos estudantes a nível nacional, em que os discentes teresinenses entraram no clima de contestação à ditadura militar, à luta pela reforma universitária e envolvimento em ações sociais que direcionaram muitos discentes ao engajamento político, sendo alguns presos como Antônio José Medeiros. Daí o espaço da FAFI ser lembrado como espaço de intensa atividade política, pelo próprio cenário político que possibilitou uma atuação estudantil mais intensa se

comparado aos anos iniciais da UFPI no Campus Petrônio Portela, que coincidiu com a repressão ao Movimento Estudantil, que foi retomado a partir de 1979.

Analisamos aqui o envolvimento da juventude universitária em Teresina nas contestações ao regime militar, verificando como a referida juventude reagiu diante a ditadura militar inserida no pós 1964. Agora, visando compreender como essa juventude vivenciou as mudanças culturais que se configurou nos anos 1960 abordaremos no capítulo seguinte as práticas de apropriação e o envolvimento da juventude acadêmica no consumo dos meios de entretenimento, e como a mídia e as novas tecnologias da informação repercutiram e contribuíram para a disciplinarização das emoções, comportamentos e valores da juventude universitária.

3. “MEU DEUS DO CÉU, MEUS NETOS VÃO ANDAR NUS”: comportamento e práticas da juventude universitária da FAFI e UFPI.

Teresina em meados da década de 1960 era uma cidade média comparada às demais capitais do Brasil, com pouco mais de cem anos de sua fundação, fato que ocorreu em 1852. A cidade ainda não usufruía de uma estrutura urbana que pudesse ser considerada uma grande cidade.³¹ A denominada Verdecap³² tinha costumes ainda provincianos onde os moradores sentavam-se na porta de suas casas no fim da tarde para conversar com vizinhos. Com poucas vias pavimentadas, mas, uma população envolvida pelos discursos de progresso e urbanização em voga no país que passam a ser concretizados em Teresina nos anos finais da década de 1960. A oferta do ensino superior era feita por faculdades isoladas, conforme analisado no primeiro capítulo, existia a Faculdade de Direito (FADI), a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), a Faculdade de Odontologia (FOPI), e a Faculdade de Medicina do Piauí (FAMEPI), criada em 1968. Com a implantação da UFPI em 1971 essas faculdades foram agregadas a esta instituição, ampliando assim a oferta do ensino superior na capital.

Teresina era retratada à época por intelectuais e jornalistas como uma cidade de vida cultural relativamente “pacata” o que se devia, entre outros fatores, a carência de uma universidade. Esse sentimento de atraso permeia a percepção dos teresinenses, jovens, famílias, intelectuais e políticos que consubstanciaram esforços no sentido de implantar a Universidade Federal do Piauí, conforme analisado no primeiro capítulo.

Representada na imprensa local como a capital da falta, sem boas opções de lazer e vida noturna, ainda suja e desprovida de qualquer infraestrutura básica, realidade não isolada se comparada com outras cidades do mesmo porte no Brasil, sobretudo no Nordeste. Era constante nos jornais na década de 1960 reclamações sobre a precariedade dos serviços de utilidade pública em Teresina. O problema da falta de energia gerou comunicados constantes nas edições do jornal O Dia, com o seguinte enunciado: “Este jornal circula hoje com 4 páginas por falta de energia elétrica” (O DIA, 1960, 14 abr. p. 4). Essa reclamação prossegue nos jornais diários no decorrer da década de 1960 com relatos de casos de deficiência no

³¹Teresina tinha uma população de 144.799 habitantes em 1960, de acordo com os dados do censo do IBGE e em 1970 tinha cerca de 230.168 habitantes (IBGE, Estatística do século XX, 2007). A revista Veja em sua primeira edição de 1968 divulga um mapa com a fisionomia do Brasil, nesta apresenta a população de Teresina de 191.000 habitantes, segundo dados estimativos baseada no anuário estatístico do IBGE de 1967. (VEJA, 1968, nº 1, p.66).

³²Teresina é conhecida como “Cidade Verde” codinome dado pelo escritor maranhense Coelho Neto, em virtude de ter ruas e avenidas entremeadas de árvores, característica cantada no hino da cidade, conforme observamos no trecho seguinte: “Verde que te quero verde! Verde que te quero glória, ver-te que quero altiva como um grito de vitória”. O termo “verdecap” é uma referência a capital verde.

fornecimento de energia que provocam prejuízos ao desenvolvimento da cidade e às atividades de lazer. Tal problema era atribuído ao desinteresse dos governantes locais e dos representantes nacionais.

Além da falha no fornecimento de energia, os teresinenses ainda queixavam-se da precariedade do abastecimento de água e da carência de esgotamento sanitário, a ser implantado somente nos fins dos anos 1960 no governo de Helvídio Nunes. Sem uma universidade, era uma capital considerada atrasada em relação às demais do Nordeste, visto ser essa a única em que ainda não havia sido implantada uma universidade. Alguns desses problemas vivenciados em Teresina começaram a ser superados na década de 1970. O problema da energia elétrica que prejudicou o desenvolvimento de todo o Estado do Piauí na década de 1960, uma vez que este não pôde beneficiar-se dos anos áureos da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) por que não resolveu a tempo o problema da energia elétrica.

O problema do fornecimento de energia foi resolvido com a inauguração em 07 de abril de 1970 da barragem hidrelétrica de Boa Esperança, “obra federal construída a partir do governo de Castelo Branco que proporcionou a integração do Piauí ao sistema energético do nordeste” (TAVARES, 2003, p.80). Também na década de 1970 foi resolvida a questão da universidade, a Fundação Universidade Federal do Piauí foi criada em 1969, instalada de fato em 1º de março de 1971 e teve seu campus construído em 1973, beneficiado pelo processo de construção do sistema de ensino superior no Brasil iniciado pelos militares após a reforma universitária de 1968 e embasado no acordo MEC-USAID.

Esse panorama descrito nos evidencia a heterogeneidade, em termos econômicos, do Brasil. Desta forma, considerando a existência de particularidades que são o reflexo das singularidades dos diversos lugares e territórios (FAÇANHA In: SANTANA, 2003, p.75) é pertinente questionar se em meio a esse cenário de faltas em que é caracterizada Teresina em meados da década de 1960 foi possível uma integração cultural dos jovens estudantes e acadêmicos da Faculdade Católica de Filosofia com as expressões artísticas e culturais de outras capitais do país. Desta forma discuto neste capítulo a repercussão da mídia e das novas tecnologias da informação na disciplinarização das emoções, valores e comportamentos da juventude universitária de Teresina.

3.1. Dos fascículos semanais à TV Clube: a influência da mídia na juventude teresinense.

Heloísa Buarque afirma que nos anos 1960 “Da TV Globo aos ‘fascículos semanais’, passando pelo rádio e pela indústria do disco, um misto de *entertainment* e ufanismo promove a integração nacional pela via da cultura” (HOLLANDA; GONÇALVES, 1999, p. 96). Para avaliarmos essa percepção de integração nacional pela via da cultura é preciso pensar os meios de entretenimento cultural disponível em Teresina no período. Lembrando que Teresina só recebe sinal de TV a partir de 1970, de acordo com Tavares:

O Piauí viu televisão pela primeira vez durante a copa de 70. Através de uma torre de repetição instalada na cidade cearense de Ubajara, na Serra da Ibiapaba, a TV Ceará era captada e retransmitida pela repetidora instalada em Pedro II. De lá o sinal chegava a Teresina e outros municípios do Estado. (TAVARES, 2003, p. 87).

A primeira emissora de televisão é inaugurada somente em 1972, antes recebia sinal por meio da repetidora instalada no Ceará, daí apreendermos que a televisão não teve um papel de integração cultural de Teresina com os centros culturais na década de 1960, vindo a ocorrer de fato somente em inícios da década de 1970. Então, na década de 1960 os jovens teresinenses tinham à sua disposição como mídia de acesso à cultura nacional o rádio, jornais como o Pasquim, A Última Hora e revistas de circulação nacional como O Cruzeiro, Realidade, Fatos e Fotos, os jornais locais que traziam também reportagens nacionais, como O Dia, Jornal do Piauí, jornal O Estado, Jornal do Comércio e fascículos semanais como O Dominical e o Estado Interessante. Além destes, havia os informativos mimeografados que circulavam entre os jovens envolvidos na militância estudantil e os jornais mantidos pelos diretórios dentro das faculdades com períodos curtos de existência.

Entre as mídias que favoreceram a integração cultural do Brasil, o Rádio teve um papel de destaque. A experiência de radiodifusão em Teresina começou a ocorrer em 1938 segundo relata Francisco Alcides do Nascimento (In: SANTANA, 2003, p.131) com a inauguração da Rádio Amplificadora teresinense, conhecida como a mais antiga amplificadora comercial de Teresina, que servia para propaganda comercial e para divulgar notícias que interessavam ao público em geral. A primeira emissora de rádio de Teresina – Rádio Difusora - foi fundada no dia 13 de julho de 1946 e colocada no ar em 18 de julho de 1948, ou seja, 28 anos após fundada a primeira emissora do país. Da primeira emissora de rádio em Teresina à chegada da televisão passam exatamente 24 anos, e nesse ínterim o rádio

foi a mídia que mais influenciou os hábitos dos teresinenses e de sua juventude, pois a denominada “era de ouro” do rádio no Piauí foi de 1940 a 1970 (NASCIMENTO, 2003).

Em 1962 surge outra emissora de rádio, a Rádio Pioneira de Teresina, fundada pela arquidiocese e que contribuiu bastante no âmbito musical, em suas instalações havia um auditório para apresentações de programas de calouros e shows com astros nacionais. O rádio servia como veículo integrador por divulgar os últimos acontecimentos do País e as últimas novidades no campo musical. Os programas de auditórios desempenharam um papel primordial, pois ao tempo em que levavam divertimentos ao público ouvinte, “contribuíam para o processo de difusão e socialização da cultura, proporcionando à plateia a oportunidade única de conviver com seus ídolos” (LEAL In: SANTANA, 2003, p. 337).

De acordo com Ana Regina Barros Leal (2003) a Rádio Difusora transmitia no início da década de 1960 o programa de auditório “O Domingo em Festa”, apresentado por Rodrigues Silva, transmitido do auditório localizado à Rua Simplício Mendes, com capacidade para 400 lugares; “O programa contava com a participação de uma orquestra e de cantores como Totó Barbosa, que se tornou celebridade em Teresina, naqueles anos” (LEAL In: SANTANA, 2003, p.337). O rádio foi o responsável pela divulgação da Jovem Guarda em Teresina e no Piauí. Alexandre Carvalho, que foi locutor na década de sessenta, trabalhou na Rádio Clube e posteriormente na Rádio Pioneira, comenta no seu livro em que conta a história de “Os Brasinhas” - grupo musical que surgiu em 1966 em Teresina sob influência da Jovem Guarda – que ele foi “pioneiro no movimento da Jovem Guarda e mantinha um programa na Rádio Pioneira que era líder de audiência, a exemplo do que já tinha feito anteriormente na Rádio Clube” (CARVALHO, 2002, p. 70). O programa do radialista era apresentado aos domingos de 10 horas ao meio dia, denominado “ZYG JUVENTUDE”, que juntava o prefixo da emissora com a faixa etária do seu público alvo e trazia para a juventude da época as últimas novidades musicais, onde os LPs eram adquiridos em viagens a Fortaleza, conforme sua explicação.

É inegável a importância do rádio na vida cultural do teresinense, assim como foi também no restante do Brasil, por levar aos lares brasileiros informações e entretenimento ao tempo que conectava a juventude com as novidades musicais. A programação radiofônica servia como forma de lazer por propiciar aos seus ouvintes os lançamentos musicais e informar sobre as últimas notícias locais e nacionais. Os programas humorísticos, as transmissões esportivas e musicais contribuíam para formação cultural dos jovens teresinenses. Francisco Alcides do Nascimento em estudo sobre o Rádio como instrumento de formação cultural comenta:

O rádio modificou atitudes e costumes na sociedade brasileira e piauiense. Em Teresina, por exemplo, uma cidade que, até a década de 1960, possuía em torno de 160.000 habitantes, onde o costume de se sentar à porta de casa era “sagrado”, esses costumes foram modificados com a introdução do grande ‘jornal K-3 da Rádio Difusora de Teresina’. Por ser colocado no ar antes de ‘A Hora do Brasil’, as pessoas saíam do trabalho, apressadas, para ficarem ao pé do rádio, ouvindo as notícias da cidade, do Piauí e do mundo. (NASCIMENTO, In: SANTANA, 2003, p. 135).

O rádio enquanto meio de comunicação funcionou como veículo de acesso ao mundo moderno e contribuiu para os jovens dissolverem velhas referências e alterarem comportamentos, como o citado por Francisco Alcides do Nascimento, em que os moradores deixaram o hábito de sentar à porta de casa para ouvir o jornal K-3. Novos padrões de comportamento passam a ser idealizados a partir da audição das radionovelas, dos programas musicais que divulgavam os ritmos que foram se diversificando ao longo dos anos 60: iê, iê, iê, a Jovem Guarda, o twist, a música pop internacional e a Bossa Nova. Desta forma disseminou novos estilos musicais e influenciou na mudança de costumes. As radionovelas faziam parte da programação diária das rádios, conforme observamos na reportagem a seguir:

É excelente a novela que a Rádio Clube vem apresentando diariamente, às 15:30 h, sob o título AQUELES OLHOS NEGROS. E lamentavelmente apenas que nem sempre haja luz no horário, o que obriga o ouvinte a recorrer à reprise (22 horas).

O comentário tem dois objetivos: primeiro, registrar o interesse que os ouvintes de rádio continuam demonstrando pelas novelas – e no particular, a Clube está dando carta e jogando de mão, pois são muito boas e bastante ouvidas as duas novelas de sua programação; segundo, advertir, mais uma vez, a Clube e a Difusora, da necessidade que têm de adquirir motor próprio a fim de que suas irradiações normais não sejam interrompidas por falta de luz. (O DIA, 1964, 09 mai., p.6)

A reportagem registra o interesse dos ouvintes de rádio pelas novelas, ao tempo em que mostra a precariedade do fornecimento da energia elétrica na capital piauiense que comprometia a programação das emissoras de rádio. O título da novela “Aqueles olhos Negros” cabe como uma metáfora da vida social e cultural de Teresina, pois faltava à época muita coisa: energia, água. Isso contribuía para um certo escurecimento cultural na cidade. A fonte mostra como o rádio envolvia os ouvintes tanto pelas radionovelas quanto pela música. Uma parcela da geração jovem de 1960 e início de 1970 foi embalada por sonhos, sentimentos românticos disseminados e alimentados pelo aparecimento de novas linguagens artísticas, pelo impacto da jovem guarda no cenário musical, a entrada da música pop

internacional, a efervescência cultural provocada pelo centro popular de cultura da união nacional dos estudantes (CPC/UNE) e pelo movimento tropicalista.

Os jovens se empolgaram com os festivais de canção apresentados nos programas radiofônicos e reproduziram nos auditórios das rádios de Teresina. Conforme se verifica na reportagem a seguir a notícia do primeiro festival realizado no Piauí: “Entre aplausos e vaias no auditório da Rádio Difusora, foram escolhidas na noite de sexta-feira última, as músicas finalistas do Primeiro Festival da Música Popular Piauiense”. (O DIA, 1968, 23 fev., p. 5). A Faculdade Católica de Filosofia não chegou a organizar nenhum festival, mas com a instalação da FUFPI no campus da Ininga e a consequente integração entre os universitários de cursos diversificados, em 1973 foi realizado o I Festival Universitário que aconteceu no ginásio do SESC, e teve como vencedor o compositor e músico Assis Davis.

Os astros da Jovem Guarda tornam-se ídolos e referência de comportamento: Roberto Carlos, Wanderléa, Erasmo Carlos, Renato e seus Blues Caps, Golden Boys; e o público de gosto mais refinado e os jovens intelectualizados amaram Os Beatles, os Rolling Stones e a Bossa Nova. Os anos sessenta assistiram a uma enorme produção de signos e imagens (HARVEY, 1992, p.15). Para Edwar Castelo Branco a década de sessenta “pôs em contato subjetividades do mundo inteiro, harmonizando os gostos, padronizando os desejos e aniquilando – pela via lenta da subjetivação da ideia de uma ‘aldeia global’ – a noção de cultura nacional” (1995, p.59). Os gostos e desejos dos jovens pareciam padronizados pelos ícones da música que eram disseminados pelo mundo e atingia praticamente todos os jovens que habitavam os espaços urbanos que contribuíam para derrubar as fronteiras da cultura nacional.

Claudete Dias³³ discente da FAFI em final da década de sessenta em depoimento comenta que alguns jovens costumavam se reunir nas casas de amigos para ouvir músicas e os últimos lançamentos adquiridos por colegas que viajavam a Fortaleza, Rio e Brasília. Ela informou que a moda dos ídolos influenciava os estudantes; os homens costumavam usar roupas ao estilo dos Beatles e as mulheres o modo de vestir de Wanderléa, o cabelo curto seguindo o estilo de Elis Regina. Maria do Carmo Bomfim relata sobre a influência da Elis Regina:

E a moda era seguir Elis Regina, eu me lembro que meu cabelo mudou quando eu entrei na Faculdade, meu cabelo era liso tipo índio, grosso, bem

³³ Claudete Maria Miranda Dias graduou-se em História, estudou na FAFI entre os anos de 1970 a 1974, mas seu diploma saiu pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente professora aposentada do Departamento de História da UFPI.

pretinho,[...] E aí veio a moda da Elis Regina, uma pessoa cortou, hoje a gente chama desfiado, mas na época era ‘arroletô’. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

O espaço da faculdade servia para expor as novidades da moda, lugar onde as jovens estudantes mostravam que estavam conectadas com a moda em voga no país. A vida dos ídolos e os estilos musicais despertavam o interesse das jovens, tornando-se motivo de conversas nos intervalos das aulas e influenciando no lazer deles que usavam o próprio espaço da faculdade para promover luaus³⁴ nos fins de semana regados a esses estilos musicais. Perguntada acerca dos ícones e ídolos jovens da década de sessenta, Maria do Carmo Bomfim comenta:

Caetano Veloso, Chico Buarque, a Wanderléa. Depois da Wanderléa, Roberto Carlos, mas depois veio a Bossa Nova e a Música Popular. Então, Vinicius de Moraes era um ícone, assim das pessoas que gostavam, cultivavam a música sentimental e a música popular mesmo a dos festivais. Eu quero lembrar da... a Maria Betânia, Caetano Veloso, a Gal Costa, éramos todos adeptos da música popular através desses festivais e, em seguida, os discos de vinil. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

As ondas do rádio disseminaram a Música Popular Brasileira, a Bossa Nova, mas também música pop internacional, integrando a juventude teresinense ao gosto musical que embalava uma geração pelo mundo, popularizando nomes como Paul MacCartney, John Lenon. Um exemplo do consumo e apropriação das músicas dos Beatles foi o grupo musical Os Brasinhas, referido anteriormente, que surgiu em 1966 e passou a fazer apresentações a partir de 1967 com versões das músicas dos Beatles e da Jovem Guarda, tornando-se um sucesso entre a juventude teresinense na década de 1960, passando a animar os bailes de formatura das faculdades nos clubes mais frequentados pela elite teresinense: O Clube dos Diários e o Jóquei Club.

A chegada dos novos estilos musicais mudou o estilo das danças, como lembra Maria das Graças Moita.

[...] uma coisa que foi interessante foi a dança. Mudou a forma de dançar, [...] antes nós íamos para uma festa e só dançávamos se alguém convidasse

³⁴ O luau era uma atividade de lazer comum entre os jovens de Teresina no período, onde um grupo de colegas se reunia em noites de lua cheia para ouvir músicas e beber, ao som do violão e guiados pela luz da lua. Os discentes da FAFI realizavam no pátio da faculdade. Mas também acontecia nas coroas do Rio Parnaíba, neste local não era permitido as “moças de família” frequentar.

pra dançar. Depois não. Com a música solta todos nós dançávamos. Aonde chegávamos dançávamos, não precisava mais de ter um par para a gente dançar, [...] tinha a musica até chamada iê, iê, iê, o twist, tudo isso era música solta. E, uma das mudanças foi esta, na forma como nós dançávamos, não precisava mais de par. [...] Aonde chegava tinha música, começava a dançar, tinha alguém para dançar com a gente tinha, se não tinha nós dançávamos porque era a dança solta, não era mais a dança de salão. Porque naquele tempo não tinha mais só o bolero, valsa. Com essas mudanças tinha também na musica o iê, iê, iê, a Bossa Nova e essa dança solta. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

Os estilos musicais provocaram mudanças comportamentais entre os jovens conforme ressaltou Graça Moita ao lembrar que tiveram mais liberdade de dançar com os novos ritmos, sem precisar aguardar o convite de um homem, pois ritmos como o iê, iê, iê e também o rock proporcionavam a dança solta, ou seja, sem um par. Sutilmente os estilos musicais inseriram mudanças de comportamentos contribuindo para a juventude libertar-se de algumas convenções sociais.

Enfim, uma diversidade musical esteve à disposição de uma geração que distinguia seus gostos influenciados também por suas concepções políticas, assim emergiu os jovens engajados politicamente que consumiam as músicas de protesto e aqueles não engajados preferiam o ritmo da Jovem Guarda. A geração jovem no Brasil da década de 1960 viveu a contradição entre os anos festivos de compulsão juvenil, contestação e uma configuração histórica em que o Estado brasileiro estava aparelhado pelos militares e pelas mais reacionárias formas de pensamento, que buscavam silenciar os movimentos sociais e estudantis através da repressão imposta pelo regime ditatorial pós-1964 e pós-1968 encaminhando parcela da juventude ao engajamento político.

Não estou querendo generalizar que todos os jovens tiveram acesso as inovações no campo cultural e se engajaram politicamente, certamente os jovens viveram de diferentes maneiras os anos de 1960, mas um vasto setor do mundo jovem, principalmente os que viviam nas cidades consumiram as novidades do mundo cultural. Isso teve como contrapartida econômica o crescimento e o impulso modernizador do “milagre econômico”, pois os governos civis-militares representando as classes dominantes e classes médias promoveram a modernização econômica, consolidou o processo de urbanização em curso sustentado por maciços empréstimos internacionais.

Conforme resalta Marcelo Ridenti “a modernização conservadora pós-1964 consolidou o processo de urbanização em curso dos mais acelerados da História mundial: de 1950 a 1970, a sociedade brasileira passou de majoritariamente rural para eminentemente

urbana” (2000, p. 40). Contudo, como sabemos que as “fatias do bolo” não foram distribuídas igualmente, Teresina teve tímidos impulsos econômicos que se fazem presentes de fato na década de 1970 com a inauguração da Hidrelétrica de Boa Esperança em 1970, que solucionou o problema de falta de energia elétrica, a urbanização com asfaltamentos de avenidas e ruas da cidade e com o programa habitacional desenvolvido pela COHAB (Companhia de Habitação Popular), o que proporcionou a expansão da cidade com a construção de vários conjuntos habitacionais dando a cidade ares de capital.

A censura imposta pela ditadura civil-militar de 1964 no Brasil dificultou, mas não impossibilitou que os artistas dessem seu recado por intermédio da arte, teatro, do cinema, da música e da televisão, pois os artistas e militantes encontraram formas de burlar a censura, situação que foi dificultada com o AI-5, com a instituição da rígida censura a todos os meios de comunicação, colocando um fim a agitação cultural do período. Teresina recebeu várias peças teatrais de protesto, os filmes que circularam pelo Brasil chegaram até Teresina, mesmo que com certo atraso. Então, podemos compartilhar da percepção de Heloisa Buarque que um misto de entretenimento envolveu o Brasil na década de 1960. A juventude teresinense consumiu essas expressões artísticas e culturais do período utilizando-se de táticas para burlar as barreiras impostas pelo subdesenvolvimento a que estava submetida a cidade de Teresina, visto as dificuldades que alguns jovens tinham para adquirir livros, as revistas de circulação nacional como O Cruzeiro e jornais como o Pasquim, seja pela falta de recursos ou pela insuficiência de exemplares que chegavam até Teresina, quase sempre comprados por encomenda.

Maria das Graças Moita relata que os jornais, livros e revistas eram comprados muitas vezes por encomenda na única banca de revista existente na cidade, e circulavam entre os colegas através de empréstimos ou eles se reuniam para ler e discutir o conteúdo destes. Assim expressa

Tínhamos acesso às revistas nacionais, não com a facilidade que nós temos hoje, é claro né! Até por que as revistas que vinham para cá não era número suficiente. Nós não tínhamos dinheiro para comprar revistas, a gente tinha acesso assim, um comprava e ficava passando para nós irmos nos informando do que estava ocorrendo nacionalmente. Não só na questão da revolução, mas na questão da música. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

Pelo relato supracitado dá para supor a teia de leitura que se forma entre os jovens pelas dificuldades impostas por falta de dinheiro e insuficiência de exemplares que chegavam

à cidade, tendo em vista que em Teresina no início da década de 1960 havia uma única banca de revista, sendo inaugurada uma livraria em 19 de Outubro de 1968 – Livraria Universitária. Mas nem em meio a essas dificuldades a juventude ficou à margem dos acontecimentos nacionais, encontrava táticas para burlar tais dificuldades, através das trocas dos exemplares entre estudantes, aquisição de revistas e jornais trazidos pelos estudantes que moravam em outras capitais. Isso os tornava veículos que integravam os estudantes de Teresina às novidades que circulavam no Brasil. E, dentro da Faculdade de Filosofia o Diretório Acadêmico Dom Avelar Brandão Vilela adquiria diariamente o jornal “Última Hora” e divulgava as notícias no mural, como forma de manter os estudantes informados sobre acontecimentos vigentes no país.

Entre os recursos midiáticos formadores de opinião, que divulgavam um novo estilo de vida e possibilitava a apropriação deste pelos jovens teresinenses, figuraram ao lado do rádio como divulgador das notícias nacionais, de novas ideias e de estética, os jornais escritos. Estes serviam para informar sobre os acontecimentos sociais, políticos e culturais tanto locais quanto nacionais. Existiram em Teresina no período analisado os jornais: O Dia, Jornal do Piauí, O Estado do Piauí, Cidade de Teresina, Folha da Manhã, O Comércio e o Dominical. Em alguns jornais constavam colunas específicas destinadas a notícias das faculdades, no jornal O Dia havia uma intitulada “Retalhos Universitários” e posteriormente a partir de 1968 circulou com o título “Coluna Universitária” onde divulgavam notícias do mundo acadêmico. Como podemos observar na coluna pelas palavras do editor na sua edição inaugural:

Sob a responsabilidade do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito iniciamos hoje nossa coluna despretensiosamente e modesta, em ‘O Dia’. Move-nos apenas o desejo de bem servir à classe universitária piauiense, pelo que o nosso trabalho ficará restrito a informar e criticar construtivamente aquilo que não nos parecer certo. Tentaremos preencher uma lacuna no meio universitário, pois no momento não existe nos jornais da terra uma coluna especificamente estudantil. Esperamos ver o nosso objetivo alcançado [...]. (O DIA, 1963, 09 set., p. 4).

O estudante responsável pela coluna “Retalhos Universitários” comenta os interesses dos colaboradores da coluna de servir a classe estudantil universitária, com a função de informar e criticar. Conforme citado, esta se torna a primeira coluna destinada ao público acadêmico. Dirigida por um estudante da Faculdade de Direito, visto ser esta faculdade a que tinha maior tempo de funcionamento e uma classe estudantil já articulada, além dos discentes serem membros da elite local o que dava oportunidade de ocupar esse espaço na mídia escrita local. A referida coluna circulou até 1971 e a partir de 1967 eles mudaram o nome para

“Coluna Universitária”, que permaneceu ainda sob a direção dos estudantes da Faculdade de Direito e ocupou espaço no jornal O Dia até 1971. Ela tornou-se o espaço de divulgação dos acontecimentos acadêmicos e de crítica, sobretudo, voltada para reflexões da organização e forma de funcionamento das faculdades, questões políticas e culturais e os acontecimentos cotidianos.

Dentre os jornais locais o mais diversificado em informações era O Dia. O Estado era voltado para acontecimentos políticos, O Dominical era mantido pela diocese, portanto mais religioso. O jornal O Dia dá destaque a moda em final de 1960, através das colunas que surgem a partir de 1967: “Elas”, “Página Feminina”, que passaram a circular em forma de suplemento nas edições de domingo, destinada ao público feminino. Comentava-se sobre moda, alta costura, culinária, dicas de boas maneiras, etiqueta, decoração, conselhos e reflexões acerca de valores morais e da condição feminina. Divulgavam-se opiniões acerca de temáticas específicas. Veja a seguir um trecho da reportagem:

MODA NOVA, ESTILO NOVO – Cintura fina e marcada realçando a silhueta. [...] O estilo vamp de 1930 volta para mudar a personalidade da mulher. O rosto à Greta Garbo, o penteado ondulado e o vestido vamp. [...] Os lábios são vermelhos e em forma de coração, os olhos misteriosos e profundos e as sobrancelhas finas. As unhas não mais serão pintadas de rosa e sim de vermelho e em forma de amêndoas. É esta a nova moda lançada por Paris, mas que antes de adotada deve ser analisada e adaptada à personalidade e aspecto físico de cada um. (PAGINA FEMININA, O Dia, 1968, 5 jul., p. 7).

A moda circulava pelo mundo através das revistas. No Brasil teve a Revista Cruzeiro, Fatos e Fotos que divulgavam a moda. Em Teresina somente o jornal O Dia destinava uma coluna com essa temática, aos domingos. A influência da moda ocorria desde o estilo das roupas, passando pelos acessórios, maquiagem, corte do cabelo inserindo um estilo comportamental mais ousado, onde as cores contribuía para expressar a personalidade da mulher; batom e unhas vermelhos e sobrancelhas finas; guiado geralmente pelo estilo de uma celebridade do cinema, nesta quem dita é Greta Garbo. A comentarista da coluna ressalta que a moda antes de ser consumida deve ser adaptada a cada tipo físico. Mas, além do tipo físico ela também é adaptada às condições climáticas e econômicas, esses dois aspectos direcionavam a adaptação dos jovens teresinenses da moda, principalmente à italiana e francesa, direcionada pelas altas temperaturas locais e as condições de acesso a ela.

Como já citado anteriormente, havia como espaço de divulgação dos jovens estudantes das faculdades de Teresina a “Coluna Universitária”, de circulação diária no Jornal O Dia, e,

apesar de ser mantida pelo Diretório Acadêmico de Direito servia para divulgação de eventos das outras faculdades, além de um espaço de socialização das notícias dos acontecimentos universitários e de opinião. Como podemos observar notícias de todas as faculdades na coluna



(Teresina, O Dia, 1969, 12 jun., p.5).

Na Coluna Universitária havia espaço reservado para todas as faculdades de Teresina. Ela era usada para divulgar eventos realizados pelos diretórios acadêmicos das faculdades, comentários sobre estes e, como espaço para crítica e elogios dos docentes e estudantes. Mas, não aparece nessa coluna divulgações ou comentários acerca da ação do Movimento Estudantil nas faculdades, o que supõe que os estudantes estavam disciplinados de acordo com os padrões e pela censura dos militares. Sobre este movimento eram raras as notícias que circulavam nos jornais oficiais em Teresina. Maria do Carmo Bomfim também comenta acerca dos noticiários sobre a atuação do Movimento Estudantil: “No O Dia saía alguma coisa, mas muito rara, sem muita expressão assim, era apenas noticiário. E o jornal Dominical que às vezes anunciava, informava a população, mas era de circulação restrita, era um jornal da arquidiocese”. A censura mantida sobre os jornais impedia a divulgação de pensamentos

contrários à política dos militares, quem ainda exercia esse papel de divulgar as posições esquerdistas, críticas e ações subversivas era a imprensa alternativa. O “Pasquim” e “A Última Hora” eram exemplos de imprensa alternativa nacional. Em Teresina as críticas ao regime ficaram por conta dos jornais mimeografados divulgados entre os estudantes, no âmbito das faculdades.

Em Teresina os diretórios acadêmicos criaram os jornais informativos, na FAFI houve o “PRESENÇA”, segundo informa a Coluna Universitária: “PRESENÇA é o nome do jornalzinho mural do 1º ano da FAFI. Presença está fabuloso em virtude de sua exclusividade. É bem diferente de todos os murais que já temos visto” (O DIA, 1969, 08 abr., p.5). Ainda em 1969 começou a circular outro jornal mantido pelo diretório acadêmico da FAFI denominado “O Coruja”.

As colunas sociais presentes em alguns jornais nos servem de informação para analisarmos como os jovens estudantes filhos de família abastada, que estudavam em outras cidades, como Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Brasília serviam muitas vezes como parâmetros de estética para os jovens que moravam em Teresina. Pois, eram feitas nestas colunas referências a presença desses jovens na cidade, sobretudo em períodos de férias, ao tempo em que se comentava sobre o estilo destes. Isso pode ser constatado na reportagem a seguir:

Solange Tajra, que estuda na Guanabara, e Haroldo Francisco Silva, estudante no Recife, e que, respectivamente, ostentam os títulos de garota férias e jovem férias de julho realizaram noite de ontem, com sucesso total, uma Festa POP, que foi batizada de ‘O LADO ESCURO DA LUA’, tendo lugar no salão de danças da Churrascaria Avenida. Foi um desbunde total a jovem guarda deu show de danças na base do embalo solto, com luzes negras, e pisca pisca. O som da pesada esteve a cargo do Cleonildo Barbosa (CDF). Numa pose da objetiva do fotógrafo Irineu Fernandes aparecem Cleonildo Barbosa (CDF) Carlos Estrela (Estrelinha) e Paulo Roberto Batista (jacaré) que foram as ‘molas’ principais da citada badalação. (JOVENS E BADALAÇÕES. O DIA, 1973, 23/24 dez. Suplemento, p.1).

O noticiário da coluna “Jovens e badalações” que registrava os acontecimentos sociais e as festividades da juventude em inícios de 1970 em Teresina serve de fonte para reforçar a informação de alguns depoentes sobre a influência dos jovens que estudavam em outras capitais, que serviam de parâmetros de moda. A festa “Pop” foi embalada pelo som da jovem guarda e as danças eram na base do “embalo solto”, estilo que envolvia a juventude brasileira. No período de férias os estudantes traziam para Teresina novos estilos musicais e

movimentavam a noite da juventude teresinense, integrando os jovens às expressões artístico-culturais que circulavam nas capitais do Brasil.

O cinema também foi um recurso de lazer e entretenimento bastante presente no período, continuou exercendo na década de sessenta um fascínio entre os teresinenses. Sobretudo, entre a juventude de classe média, por ser uma das poucas oportunidades de lazer disponíveis aos jovens no referido período. Ele contribuiu para mudanças de sociabilidades já que existiam poucos cinemas na cidade, o que propiciava encontros e colaborou para mudança de percepções da sociedade. Acerca disso Santiago Junior comenta:

Teresina como o Piauí, era provinciana e conservadora. Os filmes representavam novos hábitos e criavam novos modelos de comportamento (os astros e estrelas) e conduta a nível amoroso e até mesmo moral. Frente aos valores avançados do cinema chocavam-se os valores, hábitos e costumes da sociedade provinciana e conservadora. O cinema logo na bilheteria era local de flerte e a sala de exibição, o quarto escuro era privilegiado para fugir da censura e namorar. Um perigo para as moças de famílias e para os valores cristãos então convencionados. (SANTIAGO JUNIOR In: SANTANA, 2003, p. 198).

Antes da chegada da televisão em Teresina a mídia que reunia imagem em movimento e audição que encantava a juventude teresinense era o cinema. Ele contribuiu para moldar a estética e o comportamento da juventude. As moças ambicionavam os modelos das atrizes hollywoodianas bem como a vivência dos amores e da liberdade representada em seus personagens. Ao tempo em que os rapazes eram envolvidos pelo desejo do consumo de carros, cigarros, incentivados pelo cinema e pela indústria do consumo que financiava os filmes. Na concepção de Santiago (2003, p. 198) o cinema permitiu as moças e rapazes burlar códigos convencionais familiares e cristãos, pois o ambiente escuro das salas de projeções facilitava o namoro fora do alcance dos olhares dos pais ou irmãos que acompanhavam as moças, para vigiá-las como de costume.

O cotidiano da faculdade de Filosofia contribuiu para uma mudança na forma dos estudantes consumirem o cinema, pois as aulas aconteciam no turno da noite das 18:00 às 22:00 horas e a maioria das sessões de cinema eram realizadas das 14:15 até às 21:00 horas durante a semana, como se pode verificar na divulgação da programação dos cinemas:

Filmes em cartaz. Hoje 16 de abril de 1969.
CINE ROYAL [...] Filme: No paraíso do Hawaí. [...] Horário Segunda-feira – 17,00 – 19,00 e 21,00 horas.
CINE REX LTDA. Filme: O filho de DJANGO. [...] Horário Segunda-feira – 15,15 – 18,15 – 20,15 h.

CINE SÃO RAIMUNDO. Filme – Pecos vêm para matar. [...] Horário Segunda-feira –18,15 e 20,15 h. (O DIA, 1969, 16 abr., p. 5).

O horário de exibição dos filmes dificultava a frequência dos acadêmicos, principalmente para os que já trabalhavam, ficando, portanto, essa atividade para os finais de semana quando não tinha eventos na faculdade. A esse respeito Maria do Carmo Bomfim, questionada sobre a influência do cinema, seu consumo e a sua participação no lazer dos jovens estudantes da FAFI acentua que “o cinema não era muito forte assim. Por que, por exemplo, a Faculdade de Filosofia funcionava à noite e a grande maioria das pessoas trabalhava durante o dia, então não tinha tempo”.

A vida dos artistas também era de interesse da população, os jornais locais dispunham de colunas direcionadas para as notícias hollywoodianas, o jornal O Dia, por exemplo, além de divulgar a programação dos cinemas locais, fazia comentários sobre os últimos acontecimentos na vida dos artistas, onde constavam os casos amorosos, de divórcio, seus hábitos cotidianos e etc., um indicativo do interesse do público por esse tipo de informação.

Segundo a análise de um cronista, o cinema em Teresina em início da década de 1960 funcionava de forma precária, conforme podemos observar na descrição feita a seguir:

Enquanto tudo no mundo toma um ritmo novo e acelerado, e vai do bom para o melhor, nossa cidade-verde não toma nenhum impulso rumo ao progresso, a uma vida nova. Pelo contrário. Permanece cada vez mais atrasada. Estamos marchando para trás.

Para focalizar o atraso de Teresina, tomemos como exemplo os meios de entretenimento. Tudo quanto possuímos é de medíocre para baixo.[...] O Rádio sobressai-se um pouco. [...] Cinema temos só o apelido. E é, particularmente, sobre tal coisa que desejo falar.

Os que vivem neste ramo, em nossa cidade, parece não terem, ou não têm, concepção do que seja realmente um cinema. Para eles, é somente o negócio rendoso. A sensibilidade do público frequentador não conta.

Sabem que de modo geral, a única coisa que podemos recorrer num “weekend”, ou mesmo em quaisquer dias da semana, são seus, já não digo velhos, mas lúgubres e desconfortáveis casarões. Porisso, pouco lhes importa que haja cadeiras desmanteladas, ou algum cão dormindo num canto qualquer.

[...] Além de não serem luxuosos e não oferecerem conforto [sic] aos seus frequentadores, nossos cinemas não possuem ar condicionado, cuja inexistência provém da má vontade de seus proprietários.

E para completar esse mundo de ineficiências, que têm caracterizado vários setores de nossa cidade, inclusive as repartições públicas, uma bossa de cabelos brancos e faces enrugadas (bossa-velha) pegou como coqueluche, entre os donos dos cinemas locais.

Tal bossa é o lançamento em massa de filmes velhos, um por dia, que eles [sic] chamam de FESTIVAL [...] (WALTER. O DIA, 1960, 26 jun., p.6).

As críticas presentes na crônica informam sobre o atraso nos meios de entretenimento da capital, isentando críticas ao rádio. A descrição sobre a situação de atraso em que o cronista percebe Teresina é interessante para refletirmos como os signos de modernização são percebidos naquele momento. A cidade é vista como atrasada pela ausência de conforto nos espaços dos cinemas, instalados em casarões no centro da cidade, que não proporcionavam conforto aos frequentadores, sem ar condicionado, um ícone de modernidade, presente nas casas de espetáculos das grandes cidades. Tendo em vista que a modernidade, conforme Maria Izilda Matos (2005, p. 99), implicou em uma veiculação de um modo de vida calcado em referenciais como funcionalidade, conforto, eficiência e racionalidade. O cinema é apresentado pelo seu papel no lazer da cidade, como única atividade a que os cidadãos podiam recorrer nos finais de semana. A programação é marcada pelo Festival de filmes velhos, indicativo de que a cidade não acompanhava os últimos lançamentos de filmes. A situação precária de funcionamento do cinema é atribuída ao desinteresse dos proprietários dessa atividade na cidade. O que demonstra a falta de valorização cultural pelos responsáveis por essa atividade.

No decorrer da década houve por parte da imprensa local uma valorização dos cinemas locais. Os jornais escritos começam a dar destaque ao cinema com divulgação da programação semanal e reservaram uma coluna para comentários da sétima arte. Os jovens chegaram a organizar um cineclubes que funcionou em uma escola tradicional de Teresina, no colégio São Francisco de Sales – Diocesano. O cineclubes era formado por um grupo de estudantes que se reuniam pra assistir aos filmes e comentá-los. Observemos na reportagem seguinte:

Não resta dúvida de que o cinema é a mais popular das artes. Milhares são os indivíduos que o comparecem frequentemente. Devido os seus prêços módicos comparando-se com os outros meios de divertimento e cultura jogos teatro, jornais, livros, como também seu constante aperfeiçoamento que o torna mais agradável e atrativo.

Sua capacidade de influenciar é muito maior que a da literatura, porque o cinema possui a imagem e o som, pode mudar de ângulos e mostrar os movimentos naturais dos atores, o que irá facilmente ser gravado na mente do espectador. Outras condições, vêm também facilitar esta capacidade de maior influência, é o enrrêdo, os artifícios cinematográficos, o ambiente escuro e a música que deixam todos com os raciocínios relaxados, atenção diretamente voltada para a tela, esquecimento das preocupações e vivencia dos problemas levantados na película. (MATOS. CINE E JUVENTUDE. O DIA, 1965, p. 7).

É inegável que uma arte que une imagem e som influencia demasiadamente seus telespectadores, tem, portanto um amplo poder de divulgar mensagens. Se em meio à

diversidade de mídias e entretenimento à disposição das pessoas atualmente o cinema ainda desperta encantamento, imaginemos no período analisado que figurava como único meio capaz de trabalhar com a sensibilidade dos seguidores utilizando-se dos sentidos auditivo e visual, em que a Televisão ainda não era conhecida. Essa capacidade disseminadora de ideias guiou comportamentos entre a juventude teresinense, que, como já frisei anteriormente, tinha à sua disposição poucas opções de lazer. Contudo, o cinema envolvia em maior proporção os estudantes secundaristas. Para os estudantes da Faculdade de Filosofia, essa era uma atividade de final de semana, tendo em vista que a faculdade funcionava no turno da noite e a maioria dos estudantes trabalhava durante o dia, não tendo estes tempo para frequentar durante a semana.

Teresina tinha em meados dos anos 1960 quatro espaços para projeção de filmes: O cine Teatro 4 de Setembro, o Cine Royal, O Cine São Bernardo e o Cine Rex, fora o cine clube que funcionava no colégio Diocesano. Conforme percebemos na coluna citada houve uma valorização da arte e um reconhecimento da influência que o cinema exercia sobre os jovens, a ponto de alguns membros do cine clube desejar maior controle dos filmes apresentados nos cinemas por parte dos censores. O Teatro 4 de Setembro era além de local de projeção de filmes, também local de apresentação de peças teatrais e outros espetáculos.

Embalados pelas ideias do Cinema Novo em voga no Brasil alguns jovens teresinenses se aventuraram a produzir seus filmes, usando a técnica do super-8 e sob a influência do poeta e cineasta Torquato Neto³⁵. A então aluna da Faculdade de Filosofia do Piauí Claudete Dias contracenou um filme com Torquato, ela foi a Eva e Torquato o Adão, no filme “Adão e Eva do paraíso ao consumo”, um filme produzido por ele e filmado em Teresina. Numa das cenas do filme a Eva encenada por Claudete Dias beijou o Adão, situação que segundo a depoente gerou burburinho, falações entre colegas. Torquato Neto era casado, isso despertou na imaginação de alguns colegas da faculdade que os dois tiveram um caso, situação que a deixou mal falada. Num período em que circulava no Brasil as ideias sobre a revolução sexual, em Teresina um comportamento como de Claudete Dias, uma jovem que tinha o sonho de ser atriz era visto como libertino, ainda chocava e causava reações entre a sociedade apegada aos valores tradicionais como virgindade e casamento. E, Torquato Neto, ídolo de muitos jovens, incomodava as famílias por ser considerado “drogado” e “louco”, devido seu

³⁵ Torquato Pereira de Araújo Neto foi poeta, ensaísta, letrista e músico. Atuou como colunista no espaço Geleia Geral entre agosto de 1971 e março de 1972 no jornal Carioca Última Hora. Um dos articuladores do movimento tropicalista ao lado de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Nasceu em Teresina, mas viveu sua juventude entre Salvador e Rio de Janeiro. Suicidou-se em Teresina no dia 10 de novembro de 1972.

estilo despojado em que usava uma cabeleira, representação que para alguns foi confirmada pelo seu suicídio.

Em 1970 chegam as primeiras imagens da televisão no Piauí, e, com a inauguração da emissora de Televisão em 1972, de acordo com as fontes hemerográficas, o interesse do público pelo rádio diminui. No entanto, devido ser o aparelho de TV caro e acessível a um público seletivo, muitas famílias teresinenses não tinham acesso à mídia televisiva. E, portanto, esta não representou de imediato um impacto sobre a juventude. Mas, as famílias que não tinham acesso a essa novidade criavam estratégias de acesso a esse invento, “fosse pelo ‘televizinho’, ou seja, contava-se com a gentileza e humor de vizinhos para assistirem à programação, fosse dirigindo-se às praças públicas, onde era comum a presença do aparelho” (VERNIERI, 2005. p.35).

A chegada da TV provocou insegurança entre os que faziam o rádio, os jornais locais divulgavam sua opinião acerca da ameaça que esta representava a existência do Rádio. Observemos a charge a seguir:



TV: o desafio ao Rádio (O DIA, 1971, 11 jan., p. 5).

A charge acompanha uma reportagem acerca de uma campanha nacional visando tornar 1971 o ano do rádio, promovida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1971, veiculada nos jornais e revistas com objetivo de recuperar o espaço na mídia perdido com a emergência da televisão. Visto que, a nível nacional o rádio sucumbiu diante da televisão.

Mas, de acordo com a reportagem, devido à capacidade que a TV tinha de transmissão direta com imagens dos acontecimentos, o rádio dificilmente alcançaria seu objetivo. Na charge a televisão é representada como uma mulher sedutora capaz de envolver a todos com seus atrativos, ao passo que o rádio é simulado como cadáver, objeto em desuso, destinado ao desaparecimento. Em Teresina, em 1971 a primeira emissora de TV estava chegando e essa mesma preocupação estava presente nos jornais locais e muitos dos que emitiam sua opinião acerca do assunto acreditavam que a presença da televisão em Teresina iria representar o fim do rádio, o que não se concretizou, pois este continuou presente no cotidiano das famílias e representando o principal veículo de comunicação até meados de 1970. Mas, nos lares em que a televisão se fazia presente alterou significativamente o cotidiano das pessoas e da própria cidade, que fora articulado conforme a programação televisiva.

Maria do Carmo Bomfim relata que mesmo entre aqueles que não tinham o aparelho em casa usavam como tática a visita noturna a vizinhos que tinham televisão, ocorrendo novas formas de sociabilidades; pois os vizinhos não mais se reuniam nas calçadas para comentarem os últimos acontecimentos políticos ou sociais da cidade, reuniam-se em torno do aparelho, com as atenções voltadas para suas imagens veiculadas, principalmente, no horário das telenovelas. Veja no trecho de sua entrevista

[...] como era comum também, naquela época, as famílias sentarem na porta da casa no final da tarde, por conta do calor, também por conta de encontrar e recepcionar as pessoas da família ou vizinhos que voltavam do trabalho. Então, as pessoas se sentavam e começavam a conversar. Então, depois com o asfalto, que fez aumentar o calor, depois a televisão fez as famílias também mudarem, adentrarem o lar. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

Na década de 1970 as novidades trazidas pela televisão inseriram mudanças de hábitos entre os cidadãos que (re)significaram algumas práticas cotidianas. Segundo Vernieri (2005, p. 35), “a população deixava de lado as conversas nas calçadas e se reunia com a família para ver televisão. Notícias, divertimentos, entretenimento, a televisão significava muito em uma cidade que contava com pouco lazer”.

As novelas ao lado dos programas de auditórios, conforme informa Maria das Graças Moita em depoimento, foram reproduzidas dos rádios, e elas eram o que mais prendia a atenção dos jovens. As mudanças perpassavam os hábitos e interferiam nas sociabilidades também, ao passo que “as telenovelas começavam a fazer sucesso, a integrar o dia-a-dia da

população, a ditar moda, a modificar costumes e a linguagem, pois todos queriam identificar-se com os artistas. Os valores mudaram.” (VERNIERI. 2005. p. 35).

O sociólogo José Pereira Bezerra, personagem da cena cultural do Piauí da década de 1970, sobretudo na área literária, assim se referia à televisão:

Os anos 70 se iniciaram, sobretudo em Teresina e Parnaíba, sob o signo do silêncio e da desinformação, em que toda uma geração despertou diante da televisão, manietada pela censura e por interesses comerciais. É através dessa “caixa infernal” que o Piauí passa a integrar a “aldeia global”, via satélite, preconizada por Mac Luhan. Foi a televisão [...] que alterou costumes familiares e sociais. (BEZERRA, 1993, p.15).

A década de 1970 emerge como um período fortuito de mudanças, transformando as vivências, os hábitos e as sociabilidades dos cidadãos, sobretudo dos jovens que aos poucos incorporaram tais mudanças em seu dia-a-dia. A presença da televisão entre os teresinenses foi impactante, mudando significativamente a maneira de viver destes, que deixaram de lado velhos costumes como sentar a porta de casas no final da tarde para conversar com os vizinhos e esperar os familiares que retornavam do trabalho e passaram a consumir novos costumes, como seguir a moda dos artistas e consumir produtos divulgados nas novelas e comerciais fruto de uma cultura globalizada. Mas esse impacto acontece somente a partir da década de setenta. O poder de manipulação da televisão era bem maior que do cinema, manietada que era pela censura do regime militar através do SNI e por interesses comerciais, visto que sua presença nos lares era constante e diária. Sobre a influência da televisão no cotidiano, Esther Hamburger comenta:

A televisão oferece a difusão de informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe social ou região geográfica. Ao fazê-lo, ela torna disponíveis repertórios anteriormente da alçada privilegiada de certas instituições socializadoras tradicionais como a escola, a família, a Igreja, o partido político, a agência estatal. A televisão dissemina a propaganda e orienta o consumo que inspira a formação de identidades. (HAMBURGER, 1998, p. 442)

A televisão envolvia parcela da população da cidade, e entre estes os jovens, pelo poder de sedução da nova mídia, tanto pela novidade quanto pelos recursos audiovisuais presentes nela. Ao tempo em que disseminava informações acessíveis a todos, influenciava o consumo e a incorporação de outras identidades, ocupando espaços de informação e formação que antes cabia à escola, família, igreja. As imagens e discursos veiculados adentram diferentes espaços, mas na década de setenta em Teresina nem todos tinham acesso a elas pela

ausência do aparelho, do veículo de comunicação, que era objeto de luxo ao alcance de poucas famílias da capital.

No entanto parcela da juventude acadêmica da Faculdade de Filosofia, jovens que adotaram uma postura contestatória, afinada com o pensamento filosófico e humanista e composta por um público mais adulto, formado em sua maioria por estudantes e profissionais, consumiam as novidades receosamente, e a televisão se torna presente no seu cotidiano a partir da década de 1970, assim informa a depoente Maria das Graças Moita. Ela explica que eles tinham uma capacidade de reflexão acerca da atuação da TV naquela sociedade, e adotaram uma postura crítica, não consumiam passivamente as imagens e discursos que eram veiculados nos programas televisivos. Questionada sobre como é que ocorriam as recepções e o contato da juventude Teresinense com as manifestações artísticas culturais que chegavam do Rio de Janeiro, dos grandes centros urbanos, os jornais, revistas, como a moda era consumida numa época de censura, ela expõe:

Bom, já tinha televisão, ela estava presente. Como ela já estava presente, ela era para nós como veículo, muitas vezes contraditório. Mas um veículo que trazia novidade e que nós trabalhávamos as contradições, mas trabalhávamos para fazer discurso e ver o que estava sendo apresentado. O que era cada expressão que vinha. Por exemplo: nós fazíamos muito luau lá, nós cantávamos Bossa Nova, dentro mesmo do espaço da faculdade. Quando tinha alguns meios de faculdade, por que as pessoas que tinha uma ligação maior, mais ampla com o Brasil na sua totalidade era o elo de ligação de trazer essas novidades para cá. Tinha o rádio que era muito importante para nós e tinha também o jornal. Tinha um jornal chamado, que era até um jornal católico, que funcionava do lado da Faculdade de Filosofia que passou muito tempo lá, era um jornal importante para nós. (MOITA, Depoimento concedido a Lucélia Nárjera de Araújo, Abr., 2012).

De acordo com o relato de Maria das Graças Moita os jovens estudantes da FAFI adotaram uma postura crítica diante dos programas veiculados pela TV e da contradição desse veículo, devido a sua capacidade de influenciar comportamentos direcionados por interesses comerciais e com forte ideologia política, mas também admite a influência que a televisão enquanto veículo de comunicação exerce na sociedade, por exemplo a divulgação da Bossa Nova influenciou na realização de luaus na Faculdade. Segundo a depoente os estudantes da FAFI criticavam a programação televisiva nas conversas de grupo e expressavam suas críticas em artigos que circulavam no jornal mimeografado mantido pelo diretório acadêmico.

Então, os veículos de comunicação presentes na sociedade teresinense ao lado da conexão mantida entre estudantes de Teresina com os estudantes de universidades de outros Estados na década de 1960 propiciaram o acesso dos estudantes da FAFI às expressões

artístico-culturais que circulavam pelo Brasil. Serviam, portanto, como meio de acesso a emergência de um mundo repleto de novidades, integravam os universitários de Teresina aos do restante do Brasil. Um dos personagens que era, segundo a depoente, admirado pelos estudantes e inspirava os jovens era Torquato Neto, poeta e um dos articuladores do Tropicalismo, ele era teresinense, mas morava no Rio de Janeiro. Acerca da influência de Torquato Neto, a depoente comenta:

Ele [Torquato] era muito conhecido, muito discutido, ele influenciava demais no nosso comportamento. Ele, as poesias dele. Todo mundo lia, todo mundo comentava as poesias dele. Ele estava sempre presente nas nossas discussões, ele era uma notícia, ele era uma vanguarda para nós. Então ele, Caetano Veloso, eles eram um ícone pra nós. Todo mundo conhecia, todo mundo discutia, todo mundo queria se informar dele. A gente tinha orgulho, era um orgulho para nós, por que ele era piauiense. Um piauiense que tinha uma influencia intelectual muito grande entre os jovens; influência social e política. Eu acho que ele foi muito importante pra nós, na sua morte houve um clamor muito grande na cidade. (MOITA, Depoimento concedido a Lucélia Nárjera de Araújo, abr., 2012).

Maria das Graças lembra-se dos ícones daquela geração como Torquato Neto e Caetano Veloso. O primeiro exercia influencia direta por ser piauiense e uma referência nacional. E, como ela relata, os estudantes tinham admiração por ele. A morte prematura dele causou tristeza e sentimento de perda de referência para muitos estudantes. O adeus a Torquato é destacado no livro de Zózimo Tavares, jornalista piauiense, que reúne os 100 fatos que marcaram o Piauí no século XX:

O Piauí enlutou-se com a morte do poeta, letrista, cineasta e jornalista Torquato Neto, um dos fundadores do movimento Tropicália, ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Capinam. Ele suicidou-se no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1972, depois de festejar, na noite anterior, seus 28 anos. Com a morte dele o Piauí perdeu a sua principal referência nacional na área artística [...]. O seu corpo foi sepultado no cemitério São José, em Teresina, com grande acompanhamento. (TAVARES, 2003, p. 100)

A figura de Torquato Neto servia de inspiração aos jovens, mas sua influência e aproximação eram temidas pelas famílias conservadoras que o via como louco e drogado. A cabeleira que usou no período suscitou preconceitos e seus pensamentos e comportamentos foram considerados subversivos. Toda a efervescência cultural vivida na década de sessenta e início de setenta com as manifestações artísticas mais engajadas com os problemas políticos,

como o movimento Tropicalista³⁶, o Cinema Novo, migraram do sudeste e das capitais nordestinas mais desenvolvidas como Recife, Salvador e Fortaleza e chegou com mais intensidade a Teresina no final da década de 1960 possibilitando uma mudança nos padrões comportamentais e nas atitudes dos jovens que passaram a consumir tais novidades e se apropriarem de um novo estilo de vida. As informações trazidas pelos jornais, revistas alternativas, nas letras de músicas, na literatura, pelas mídias como rádio e posteriormente a televisão, pelos estudantes que viajavam para estudar fora e pelos viajantes que transitavam pela cidade. Tudo isso apresentava a uma parcela da juventude teresinense da época

[...] a emergência de um mundo cada vez mais mediado pelas maravilhas tecnológicas, um mundo marcado por novas experiências do tempo e do espaço, um tempo de corpos sensibilizados e acuados por novas e intensas experiências e experimentações, tempo da formação de novas sensibilidades, mundo novo onde os sentidos excitados por outras viagens e visagens requeriam a elaboração de novos códigos culturais, de novas linguagens para conseguir apreendê-las, dar a elas significados, dobrá-las com novas subjetividades. (ALBUQUERQUE JÚNIOR Apud. CASTELO BRANCO, 2005, p. 15).

Como expõe Durval Muniz, a década de 1960 possibilitou a emergência de novas sensibilidades a partir de intensas experimentações, onde os estudantes excitados por outras visagens oportunizadas pelas maravilhas tecnológicas requerem a elaboração de outros códigos culturais e novas linguagens que se manifestam com a adoção da moda hippie no vestir, falar e se movimentar pela cidade. Essas mudanças foram incorporadas no cotidiano de uma parcela de estudantes que passaram a consumir os símbolos da cultura jovem, seja ao estilo da Jovem Guarda, seja ao estilo rebelde, retratadas pelas roupas, com o uso da minissaia, calça jeans, pelo consumo das drogas, pelo uso de cabelos longos pelos homens, adoção da estética hippie etc. Analisando esse campo de transformações culturais é possível abordar o campo das artes e da estética como espaços de combates em que se desenvolvem táticas de lutas através das habilidades cotidianas contra a ditadura militar e o corpo social disciplinar.

³⁶ O Tropicalismo foi um movimento cultural que se manifestou no Brasil no final dos anos 1960, Castelo Branco (2005) em sua análise sobre o processo de nomeação do Tropicalismo o considera como um universo multifacetado, no interior do qual habitam inúmeras virtualidades. Ao analisar as diferentes versões sobre o tropicalismo ele destaca como um consenso entre os estudiosos da matéria, como sendo este movimento “a mais significativa ruptura na linguagem estética brasileira em todos os campos, com ênfase e destaque particular para a música”. (CASTELO BRANCO, 2005, p.101). Entre os personagens que figuram como articuladores do movimento aparecem como protagonistas Gilberto Gil e Caetano Veloso e Torquato Neto aparece como coadjuvante.

O espaço da Faculdade Católica de Filosofia era um ambiente que proporcionava aos estudantes o contato com essas novidades ao tempo que também permitia aos estudantes conhecer e refletir sobre a realidade política e cultural brasileira. A clientela da faculdade era variada, conforme se apreende da informação a seguir:

moda, assumiam e representaram novas identidades. Maria das Graças Moita nos informa sobre como os jovens tinham acesso à moda

[...] o pessoal ia muito pra Fortaleza, pro Rio comprar, eram as chamadas boutiques, que eram lojas especializadas, muito mais elegantes, mais bem construídas pra vender roupas da moda feminina. Então, essas boutiques começaram a surgir, não só se estabeleceram na cidade, como muita gente ia comprar, as que chamam hoje de sacoleiras, ia lá comprava e vendia, então a gente tinha sim acesso por meio dessas lojas que se estabeleciam e por meio das pessoas que iam, compravam e vendiam. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, Abr., 2012).

O depoimento de Maria das Graças acrescido da observação das propagandas de lojas e boutiques em Teresina que apareciam com maior frequência nos jornais locais, nos informa que na década de sessenta começam a surgir as primeiras boutiques em Teresina, para suprir o consumo da juventude que aumenta nesse período. Outra forma de consumo também ocorre por meio das compradoras ambulantes, conhecidas como “as sacoleiras”, que viajavam para cidades como; Fortaleza, capital mais próximo, e para Rio de Janeiro, para adquirir as novidades do mundo da moda e alimentar o consumo da juventude teresinense.

A década de 1960, portanto, foi o palco para inúmeras identidades e modelos de racionalidade juvenis, através das variadas formas de conexão com a realidade, a juventude do final dos anos 1960 assumiu um caráter múltiplo e fragmentário. Os jovens acadêmicos, frente a um mundo repleto de novidades e ao mesmo tempo de repressão exercida por uma ditadura civil-militar, assumiam identidades diferentes como táticas de burla para enfrentamento das estratégias desenvolvidas tanto pelos militares para reprimir a militância juvenil, quanto pela sociedade disciplinar e seus valores tradicionais. Identidade hippie, subversivo, politizado, moderno, conectado com as novidades.

Para pensar as novas identidades assumidas pela geração juvenil desse período tomo por base o pensamento de Pesavento onde ela assinala que a identidade no campo da História Cultural “é uma construção simbólica, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento” (2003, p. 89). E, ao mesmo tempo, a identidade produz uma coesão social e permite o reconhecimento do indivíduo diante do grupo, e em consequência disso estabelece a diferença em relação ao outro (aquele que não pertence ao grupo).

Sandra Pesavento (2003) compartilha de concepção semelhante à de Stuart Hall, de que as identidades “emergem no interior de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade

idêntica” (2000, p.109). Isso nos direciona a pensarmos algumas identidades que surgem num cenário da história política onde havia exigência por uma posição política, em que era difícil adotar a postura de neutralidade, pois a indefinição não era bem vista. Mesmo que os indivíduos não se posicionassem claramente em nenhum dos lados, esquerda ou direita, os participantes de determinada ala classificavam os indivíduos de acordo com o que eles acreditavam que eram atitudes próprias de cada grupo. Assim, ou se era diretista ou esquerdista. Pois quem não compartilhava das posições da direita eram considerados esquerdistas, comunistas e subversivos. E, aqueles que não se engajavam na luta política eram considerados alienados. Ou seja, identidades que se formam mais pela exclusão que pela identificação. Posições que ficaram mais difíceis de serem identificadas após a repressão do AI-5, onde as posturas tidas como subversivas foram sufocadas e os seguidores da esquerda camuflados.

A noção de pertencimento a um grupo na juventude é valorizado, e este se forma a partir de uma identificação, seja pelo comportamento e atitudes ou por opiniões. A década de 1960 foi o período da História em que setores da juventude protagonizaram uma série de mudanças comportamentais guiados pelas ideologias, consideradas por muitos como utópicas. Ela assistiu a proliferação de uma imensa diversidade de comportamentos, tendências culturais e estilos de vida, favorecida pela internacionalização advinda com a “Extensão do tempo de educação e, sobretudo, a criação de vastas populações de rapazes e moças vivendo juntas como um grupo etário em universidades” (HOBSBAWM, 1995, p.321). Pois, o agrupamento de jovens nas universidades convivendo mais tempo possibilitava as discussões, debates e disseminação de ideias.

O ambiente universitário foi um cenário favorável à elaboração de diferentes identidades, onde o corpo serviu como uma vitrine para exposição destas. Os jovens utilizaram-se do corpo para dar visibilidade a seus posicionamentos culturais e políticos, conforme Castelo Branco (2005, p. 70) o corpo torna-se um “instrumento de fala e de significação”. A estética foi uma das formas de expressão da identidade jovem das décadas de 1960 e 1970, cuja moda expressa nos corpos jovens representava uma identidade, assim a identidade subversiva era atribuída ao cabeludo, aos que usavam roupas despojadas ao estilo hippie em voga. A minissaia podia representar no grupo uma identidade de jovem “antenada” com a moda em voga nos grandes centros urbanos e de mulher moderna, da mesma forma que aos cabeludos podia ser atribuída uma identidade de jovem despojado. Já para a geração dos pais essa moda era vista como subversão aos valores morais.

Trazendo a noção de apropriação³⁷ de Chartier (1988) para pensar inicialmente as práticas de consumo entre os jovens no período aqui estudado, podemos perceber que os estilos e modas apropriados por eles representaram uma forma própria de estar no mundo e distintiva de uma geração, que em seu presente já tinham essa noção de estarem vivenciando um modo de vida diferente das gerações anteriores. Ao tempo em que desejavam através da apropriação de outras identidades significar uma posição na sociedade. Pois, de acordo com Stuart Hall a década de sessenta possibilitou a emergência de novas identidades “fragmentadas e multiplamente construídas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas sociais discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, In: SILVA, 2000, p. 109). A estética representada pelo uso da minissaia pelas mulheres e cabelos longos pelos homens, uso da moda hippie foram táticas usadas por muitos jovens para contestar a sociedade disciplinar e marcar o seu lugar na sociedade.

Os jovens acadêmicos da Faculdade de Filosofia e posteriormente na década de 1970 os universitários da UFPI, passaram a significar simbolicamente o estatuto de jovem urbano, conectado com as emergências culturais urbanas, através da apropriação e consumo muitas vezes de ícones de subversão e rebeldia, como o uso de cabelos longos pelos homens, e o uso da minissaia pelas mulheres. E, com a disseminação da moda hippie o seu uso tornava-se obrigatório entre aqueles jovens que desejavam se identificar como moderno e “antenado” com os últimos lançamentos do mercado, adaptando e consumindo essas novidades de acordo com sua realidade, não de forma passiva.

Portanto, considerando o diálogo com os jornais e as fontes orais, apreendemos que a juventude acadêmica de Teresina, no período aqui analisado 1965 a 1975, conviveu com um cenário sociocultural adverso e diferente do vivenciado por estudantes universitários dos centros culturais como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Recife, que usufruíam de um cenário urbano mais estruturado e uma universidade já estabelecida. Os estudantes da Faculdade de Filosofia do Piauí conseguiram burlar as dificuldades que direcionavam Teresina ao isolamento cultural através dos meios de comunicação em expansão no Brasil, como rádio, imprensa escrita, o cinema e em inícios de 1970 a televisão. Desta forma podemos compartilhar do pensamento citado de Heloísa Buarque de que um misto de entretenimento envolveu o Brasil, contribuindo para uma integração cultural.

³⁷ Os conceitos utilizados neste trabalho de “representação” e “apropriação” estão baseados em Roger Chartier, para o qual a noção de representação, considerada por ele como a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural, permite fazer uma articulação como o mundo social pelas “práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exhibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”. (CHARTIER, 1988. p.23).

Os meios de entretenimento exerceram um papel de integração cultural e puseram em contato estudantes de diferentes partes do país, disseminando entre eles um estilo de vida diferente das gerações que os antecederam, divulgando novos ritmos musicais, outras modas, novos comportamentos e posicionamentos políticos; enfim conectando-os com um mundo repleto de novidades. As revistas, televisão, cinema e jornais, estes em maior proporção influenciaram mudanças de costumes e valores entre os jovens estudantes. Ao lado desses meios de entretenimento a juventude estudantil de Teresina se integrou aos acontecimentos políticos e culturais do Brasil por meio de estudantes teresinenses que moravam em outras capitais e lhes serviam como veículo de integração às novidades da moda, da música e do cinema. Pois estas chegavam primeiramente nas grandes capitais. E as férias era um momento de trocas culturais.

3.2. Experimentações culturais e subversão de valores: vivências jovens em Teresina nos anos 1960 e 1970.

Os estudantes da FAFI na década de 1960 formavam um público diversificado quanto a idade e ocupação: pessoas casadas, profissionais liberais, professores secundaristas e jovens recém-saídos do ensino secundário que ainda não trabalhavam. Mas, independente da faixa etária destes, todos eles estavam expostos a mudanças de comportamento que estavam ocorrendo no referido período, alguns consumiram e se apropriaram destas mudanças de forma diferente. Certamente os jovens casados que tinham compromisso com filhos e esposas ou esposos se apropriaram de alguns valores que emergiam em menor proporção que os solteiros. Da mesma forma os solteiros tiveram mais tempo e disposição para se envolver em atividades consideradas subversivas e num engajamento na militância estudantil.

Uma nova estética na moda e no comportamento emergiu nos anos de 1960 e os estudantes da FAFI enquanto receptores dessas novidades se apropriaram e consumiram de diferentes formas com adaptações, o que gerou alteração no comportamento e na forma de ser desses estudantes. As apropriações imediatas são visíveis através da leitura das fontes sobre a moda: o uso da vestimenta hippie e de cabelos longos pelos homens, visto como ícone de subversão e irreverência; uso de minissaia, calça jeans, estilo hippie, cabelos curtos pelas mulheres. Antônio José Medeiros ao ser interrogado sobre as mudanças de costumes que ia se percebendo entre os estudantes comenta

[...] você tinha o movimento hippie, que influenciou muito na maneira das pessoas vestirem, as pessoas começaram a usar de maneira mais despojada,

com roupas compridas as mulheres, os homens usarem batas, a questão de você assimilar a vestimenta, embora não assimilasse o comportamento total. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, ago., 2012).

O movimento hippie que se espalhou pelo mundo tornou-se a principal expressão da contracultura e envolveu jovens do mundo inteiro, influenciou a adoção de um novo estilo de vida desligado das convenções sociais como a virgindade e o casamento. E, guiados pelas palavras de ordem “paz e amor” defenderam a busca do prazer e da liberdade, condenaram a guerra, a sociedade de consumo e os padrões familiares, fazendo emergir um novo estilo de vida baseado na filosofia do “

A década de 1960 é marcada pela emergência de ícones que aceleraram a revolução comportamental, entre estes, ressalta Hollanda (1999), a chegada do homem à lua, a pílula anticoncepcional, Mary Quant e sua minissaia e a liberação sexual. Desses ícones o que teve impacto sobre a subjetividade dos jovens acadêmicos da FAFI foi a minissaia e em menor proporção a liberdade sexual. A moda da minissaia que ganhou as páginas de moda dos jornais e revistas que circulavam pelo Brasil causava espanto entre as mães de família, e atraía o desejo das acadêmicas. Assim comenta Maria das Graças ao lembrar a reação da sua mãe quando saía de casa usando roupas curtas:

Por que os pais não conseguiam dominar isso na gente. Minha mãe, por exemplo, ficava indignada quando eu saía pra faculdade com minissaia, ou então quando a gente começou a usar biquíni também. Minha mãe dizia assim: “Meu deus do céu, meus netos vão andar nu”. Ela dizia isso: “como pode a menina sair daqui com os fundos das calças aparecendo”. Inclusive eu tenho uma amiga da minha mãe, [...] e essa amiga sempre que me vê se lembra da minha mãe reclamando de mim, das roupas curtas demais que usava, então ela não conseguiu controlar isso. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

A postura contestatória do jovem se configurava em casa e gerava choques entre gerações, os pais sentiam-se confrontados com o comportamento dos filhos. O gosto jovem por uma estética considerada subversiva e amoral causou repulsa e críticas por parte de familiares. A minissaia foi a peça chave da subversão que além de escandalizar as famílias, mereceu atenção por parte da Igreja Católica, que a condenou, sugerindo as mulheres que não usassem. Veja a seguir a nota divulgada no jornal da diocese de Teresina:

A Igreja condena as mini-saias
CIDADE DO VATICANO (UPI – O GLOBO) – O Semanário do Vaticano, “Osservatore della Domenica”, informou quarta-feira que a Igreja não pode apoiar a mini-saia e comparou as mulheres que seguem os excessos da moda a macacos.
Segundo o editorial a Igreja está a favor das roupas que respeitem a dignidade da mulher e contra a moda que tente degradá-la[...]. (O DOMINICAL, 14 mai. 1967, p.3).

A condenação da minissaia pela Igreja era justificada por ela causar a degradação da mulher, considerada excesso da moda. A minissaia despertou posturas preconceituosas por parte de membros da sociedade disciplinar, para estes a peça era uma afronta aos valores morais e bons costumes. Observemos o tom crítico com que o intelectual e presidente da

Academia Piauiense de Letras, Simplício de Sousa Mendes comenta em artigo sobre os novos valores que emergem:

A nudez ou o que nos parece pior, a semi-nudez da mini-biquini ou do saio, - está aí às vistas de todos [...] Mas hoje, com os films cinematográficos das indústrias americanas, que tiram lucros do despudor, - com as publicações em curso, destruindo a moral tradicional, - com a super-mini-saia, nada escandaliza, - tudo vai passando, como prenuncio de que os primitivos tempos dos aborígenes, - estão voltando e voltarão, - se já não voltaram, deveras.

Os rendez-vous são mais recatados, - mais decentes, - menos escandalosos, que as praças e logradouros de Teresina, em crescimento de tudo, - até do despudor e falta de respeito, - a título de moda, de inovação da **societi**. (O DIA, 14 març., 1968, p. 6).

O fragmento transcrito acima dá um testemunho de como algumas mudanças comportamentais que vão sendo configuradas entre os jovens na década de sessenta despertam sentimento de repúdio e preconceito por parte de muitas pessoas, inclusive entre os intelectuais. É o caso de Simplício de Sousa Mendes, autor do artigo supracitado, era Presidente da Academia Piauiense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura no período, e expressa claramente sua posição contrária diante de inovações dos costumes, no caso da moda, com uso de biquíni nos clubes e a minissaia nas praças, que segundo ele servem para o crescimento e naturalização do despudor ao propagar a semi-nudez entre os jovens, representando assim uma verdadeira afronta aos valores morais. Ele atribui à literatura comercial a responsabilidade pela veiculação da semi-nudez, do despudor e desrespeito veiculados a título de moda e inovação da sociedade, acusando-a de contribuir para remoção da camada de valores adquiridos com a educação e na convivência em sociedade.

Além da imprensa escrita o cinema também recebe sua parcela de culpa pela destruição dos comportamentos recatados. Comentários que sintetizam a posição de muitos pais diante a moda e costumes adotados pelos filhos. Sobre as vestimentas e a subversão ao mundo nomeado que estas representam na década de 1960, Edwar Castelo Branco comenta:

A descrição e nomeação das vestimentas jovens nos anos sessenta oferece, também, um interessante ponto para se perceber a tensão entre o velho e o novo no período. Um dos ingredientes deste confronto será justamente a questão da irrupção do corpo no cenário público. As minissaias – provavelmente a peça síntese da roupa jovem de então – promoveriam uma erotização dos corpos que teria reflexos em diferentes âmbitos do social. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 70).

A semi-nudez da moda, que é disseminada pela ideia de modernização e em decorrência da liberação em curso pela revolução sexual é visto como uma subversão dos valores. A mudança radical dos costumes se manifesta através dos corpos dos jovens no modo de vestir-se e de se comportar, “que em oposição ao decoro das vestimentas e da recatada moda dos anos anteriores, eles inscreverão em seus corpos a obscenidade” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 70).

As minissaias despertavam aversão à sociedade conservadora e admiração pelos jovens pela semi-nudez e pela exposição do corpo feminino, se comparada ao comprimento das saias que a geração anterior de 1950 usava. A geração de 1960 constitui uma categoria que se diferencia pela apropriação de uma nova linguagem, de uma estética marcada pela inversão de costumes, ao tempo em que o homem passa a usar cabelos compridos próprio das mulheres, essas encurtam seus cabelos. Ao refletir sobre as subjetividades que emergem no período, Castelo Branco discorre “O período assistirá a um cerco sem precedentes à juventude e ao gosto jovem, e este cerco se dará especialmente em torno dos cabeludos. Usar cabelos compridos, no período, não é apenas deselegante, é acima de tudo obsceno e imoral”. (2005, p. 89).

De certa forma o comportamento jovem afrontava a sociedade tradicional, os valores da família. O espaço da FAFI por ser um ambiente de divulgação de ideias, de convivência entre grupos tornava-se um espaço de disseminação e formação de comportamentos entre a juventude, portanto propiciador de trocas culturais. Na voz de alguns dos estudantes da década de 1960 a FAFI se consubstanciava como um ambiente de vivências democráticas e de intensas atividades culturais e políticas, produzindo nos seus frequentadores a sensação de construção de uma cultura universitária.

São significações como estas que emergem nas memórias de ex-alunos de FAFI, que o vêm como um espaço de experiência democrática, como ambiente de resistência à ditadura, lugar de sociabilidades masculina e feminina, pois a convivência cotidiana na faculdade proporcionava aos acadêmicos romper algumas barreiras entre os gêneros impostas pela sociedade disciplinar apegada a valores tradicionais como virgindade e mesmo propiciava a reflexão existencial. Ao tomarmos por referência as memórias de ex-alunos e ex-alunas outros significados vão emergindo. Nesse sentido, Maria das Graças Moita nos conta sobre sua vivência na FAFI:

[...] Foi um período do acesso à universidade de muitos jovens. Na época, a faculdade tinha mais pessoas maior de idade, já numa idade mais madura e nós estávamos saindo da adolescência. Foi uma quantidade muito grande de

peessoas nessa faixa etária que entrou na universidade, coincidiu né nisso, com essa abertura, com esse acesso e com a efervescência cultural. Eu lembro que começou a questão do vestuário, das mulheres usar calça comprida no cotidiano, e nós, do Curso de Filosofia, fomos quase pioneiras a usar calça comprida. [...] Então foi uma revolução cultural muito grande não só nesse período, demonstração da própria vestimenta: da forma como a gente se vestia, a questão da calça comprida, questão da minissaia, também que começou lá, e a gente introduziu isso. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

A FAFI é descrita pela ex-aluna Maria das Graças Moita que entrou na Faculdade em 1968, aos 19 anos, como um espaço de sociabilidades, de incentivo do conhecimento da realidade e de vivência das mutações culturais no campo da estética e dos costumes, no qual ela se considera como pertencente a uma geração de jovens estudantes recém-saídas da adolescência que vivencia a efervescência cultural do período e inova na questão do vestuário, como pioneiras no uso da calça comprida, da minissaia, esta considerada ícone de subversão. O público estudantil da FAFI era composto em sua maioria por profissionais liberais e professores que ensinavam na educação primária, e os que não eram profissionais eram em sua maioria membros de famílias da classe média, condição que os habilitava a usufruir dos espaços de lazer da cidade, construir o cotidiano de outras formas, participar de movimentos culturais e do movimento estudantil.

No comportamento algumas posturas consideradas subversivas atraíram esses estudantes, para as mulheres emergia um mundo livre das amarras e controle das famílias, essa geração começa a romper com determinados comportamentos existentes desde a década de quarenta, em que as mulheres só podiam sair de casa anoite acompanhadas pelo pai, irmão ou algum parente homem. A ida a faculdade todos os dias já rompeu com esse costume, além de que a convivência no mesmo espaço de homens e mulheres rompeu a distancia entre os gêneros, pois muitas estudantes eram originárias do Colégio Sagrado Coração de Jesus, uma escola destinada a mulheres, e os rapazes do Diocesano – São Francisco de Sales, destinada a educação dos homens. Essa aproximação possibilitou mudanças na forma de consumir os espaços de lazer da cidade, e na segunda metade da década de sessenta começa a desaparecer um código de postura de um dos espaços mais consumidos pelos jovens na década de 1950 que era o passeio a Praça Pedro II.

O lazer da capital piauiense até meados da década de 1960 girava em torno da Praça Pedro II, que era o espaço central de lazer da juventude. Faziam parte do entorno da praça o Cine Teatro 4 de Setembro, o Cine Rex, o Quartel de Polícia, o Clube dos Diários, o Bar Carnaúba e o Bar Americana; que formava um complexo Cultural. O Clube dos Diários era o

local de realização de festas, frequentados pela elite local, com programação semanal, tertúlias aos domingos.

A imagem a seguir de Teresina na década de sessenta mostra o cenário descrito do complexo cultural em torno da Praça Pedro II.



Foto: Guilherme Müller. Acervo: Aureliano Müller. In: Teresina, 2002, p. 17

A foto mostra o Teatro e ao lado o Cine-Rex, em frente a Praça Pedro II. O Cine-Teatro 4 de Setembro era um espaço cultural frequentado pela sociedade teresinense que servia de espaço para apresentações teatrais, espetáculos e projeção de filmes com programação diária. Ao lado o Cine-Rex, outro espaço de projeção de filmes. Para além desses espaços de lazer surgiu na década de 1960 em Teresina os clubes, entre eles o Jôquei Clube do Piauí, frequentado pela elite, o Clube do Marquês, a AABB, e expandia-se o número de bares e restaurantes na Avenida Frei Serafim. No início da década de 1970 o lazer para a juventude teresinense é diversificado, com a presença de boates e maior número de bares.

A seguir, a imagem da Praça vista sob outro ângulo, do lado esquerdo ao Teatro o Bar Carnaúba, também ponto de encontro da sociedade teresinense na década de 1960 e por trás deste o Clube dos diários.



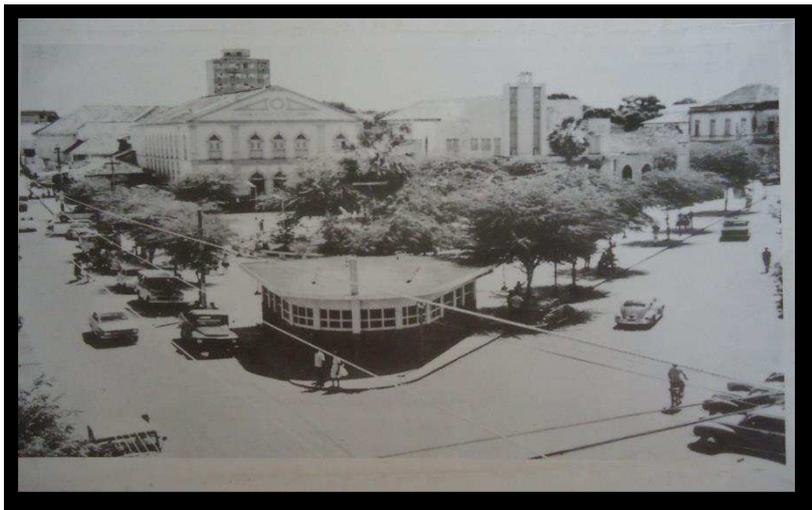


Foto: Guilherme Müller. Acervo: Aureliano Müller. (In: Teresina, 2002, p. 16).

Daniela Felix que analisa o espaço da Praça Pedro II como local de sociabilidades nas décadas de 1950 e 1960, em artigo comenta que:

[...] a relação entre os jovens frequentadores da Pedro II, possuía regras de conduta, posturas de comportamento em público, que obrigavam as moças e rapazes a agirem de acordo com a moral da sociedade. A liberdade feminina neste espaço, assim como na sociedade em geral, era mais controlada que a dos rapazes. Havia uma preocupação em relação as moças de família não se misturassem com as mulheres da rua, portanto após o toque de recolher às 21 horas, elas deveriam ir para casa; enquanto os rapazes se dirigiam para a área da Paissandu, onde existiam os cabarés que animavam as noites da cidade. Como nos afirmar Nascimento (1999), a Paissandu, não era apenas o local do prazer carnal, mas o ambiente de encontro e desencontro do sexo masculino. (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

De acordo com Daniela Felix (2009) havia regras de conduta e moral social entre os frequentadores da Praça Pedro II, que guiava o uso desse espaço de acordo com a condição social e o gênero. Assim as moças de condição social mais elevada frequentavam até as 21 horas e as moças de menor condição, as domésticas ou de rua não poderiam se misturar as “moças de família”, podendo frequentar após as 21 horas. Já para os rapazes era permitido todos os horários.

A Praça Pedro II atraía as jovens estudantes da FAFI que aproveitavam o intervalo das aulas para frequentar esse espaço, pois esta ficava a três quarteirões da Faculdade, e as aulas terminava às 22 horas, assim conforme as regras de conduta sociais vigentes até meados da década de 1960 as moças de família não podiam frequentar esse espaço depois das 21 horas. Antes das 21 horas era o momento em que as estudantes poderiam paquerar os rapazes que

não estudavam na faculdade, pois depois das 22 horas alguns desses jovens desciam para a Paissandú, a três ruas da praça, em direção ao Rio Parnaíba, zona de meretrício. Havia, portanto, um conjunto de normatizações que lentamente foram sendo alteradas pela ação cotidiana dos estudantes da FAFI, que passa a frequentar outros espaços e aos poucos a Praça Pedro II deixa de ser o centro de encontro da juventude. No final da década de 1960 o lazer em Teresina é diversificado a partir do surgimento de restaurantes, boates, clubes localizados em diferentes regiões da cidade, retirando a centralidade da Praça Pedro II. Com a inauguração do Campus Universitário esta praça perde sua referência para a juventude universitária, enquanto espaço de lazer.

A função da praça muda e é definida pelo modo como cada sociedade expressa sua vida coletiva, variando em consequência das mudanças sociais e históricas vivenciadas ao longo do tempo. Dona Genu Moraes (apud OLIVEIRA, 2003, p.3) ao rememorar sua juventude na década de 50 e início de 1960 afirma: “na minha época a gente quando davam sete horas ia pra praça, aí ficava na Praça Pedro II rodando na direção dos rapazes, que ficavam em pé olhando a gente passar. Era uma vida discreta”. Conforme esse relato de Genu Moraes o código referido por Daniela Felix de Oliveira remete ao modo como a juventude consumia o espaço da Praça, em final dos anos 1950 até meados da década de 1960. Havia dois espaços a chamada Praça de cima, próximo ao quartel, que era frequentada pelas pessoas mais simples, as domésticas, chamadas de “curicas”, e a praça de baixo frequentada pelas pessoas mais abastadas. As moças de família só podiam ficar até às 21 horas, havia o toque de recolher e estas tinham que se dirigirem a suas casas. Após esse horário ficavam nesse espaço as moças de famílias mais simples e domésticas que namoravam os soldados de polícia.

As quintas-feiras e domingos havia a banda de música da polícia que se apresentava e que era uma atração a mais para a sociedade. “Onde a banda de música da polícia, cada quinta-feira e domingo, que são os dias melhores, toca os seus dobrados, valsas de Viena, músicas de carnaval” (DOBAL, 1992). O toque de recolher às 21 horas está ligado ao fato de que este horário as luzes eram desligadas, e quando a banda terminava de tocar era o momento em que os soldados estavam livres para o namoro com as “curicas”³⁸.

Conciliando os depoimentos dos estudantes da FAFI com fontes hemerográficas percebe-se que com o surgimento de outras opções de convivência e lazer a Praça Pedro II perde a sua centralidade, o que ocorre a partir da segunda metade da década de sessenta. Pois

³⁸Termo utilizado para denominar as jovens que trabalhavam como domésticas nas casas de família.

nas memórias de Maria do Carmo Bomfim que vivenciou a FAFI entre 1965 e 1968, esse espaço é lembrado como importante e de uso dos estudantes.

A FAFI propiciou aos seus alunos vivências que se ampliaram para além das suas fronteiras físicas, pois para alguns jovens acadêmicos a Faculdade Católica de Filosofia possibilitou além da expansão dos horizontes do conhecimento, o uso dos espaços de lazer da cidade, onde podiam vivenciar práticas não oficializadas e assim burlar as normas instituídas. O prédio da FAFI ficava localizado no Centro da cidade, numa esquina da Praça Saraiva e as aulas eram ministradas no turno da noite o que permitia às mulheres vivenciarem programas alternativos de lazer, como ir ao teatro, cinema ou passear na Praça Pedro II desacompanhados dos irmãos ou pais, uma prática ainda não bem vista pela sociedade conservadora de Teresina nessa época, mas que já começava a se praticar.

A Faculdade propiciava burlas às convenções e hábitos familiares, pois no final da década de 1960 ainda figurava como regra de boa conduta moral as mulheres andarem acompanhadas seja pelo pai ou irmão. Desta forma, para frequentar o teatro e cinema somente acompanhado de um deles, era uma das estratégias usadas pelas famílias para o controle disciplinar das filhas. Segundo descreve Claudete Dias, algumas jovens costumavam fugir da Faculdade de Filosofia para assistir filmes ou peças no Teatro 4 de Setembro. Ela relata sua experiência de burlar os códigos disciplinares:

[...] eu andava mais com os meninos e com pessoas mais velhas. Tinha um primo de São João do Piauí, Ubirajara Dias, que se tornou um gay famoso em Teresina, conhecido como Biroca. Foi Biroca quem me levou pela primeira vez ao teatro para ver uma peça do Ari Sherlock. Da FAFI para o Teatro 4 de Setembro era um pulo. A FAFI era à noite, de 6h às 10h da noite, só que 10:30h, se eu não chegasse em casa, era um horror! Meu tio foi me buscar em São Raimundo Nonato, mas ele se tornou meu repressor, mais do que meu pai, por que meu pai era meu pai, e meu tio era meu tio e meu pai, então era assim, eu tinha hora para sair e para chegar. Neste dia ia ter uma peça do Ari Sherlock sobre a paixão de Cristo, aí o Biroca disse: Clau você hoje não vai para aula, a gente vai ao teatro na hora da aula, quando acabar a aula, acabou a peça, você chega em casa às 10:30h. Mas pra variar a peça não começou na hora! Acabou tarde, eu nem me toquei que a hora tinha passado e, então, quando eu cheguei em casa estava meu tio, meu irmão, minha tia me esperando; já tinha colocado a polícia atrás de mim! Por que era 10:30h da noite, eu não tinha chegado ainda, só não apanhei por que era mocinha de 18 anos, não ia apanhar! [...] meu tio então disse: _ entre! E você está confundindo liberdade com libertinagem! Nunca esqueci! _ E você está proibida de sair com este rapaz! Isso foi um drama tão grande [...] eu fui reprimida por meu tio, meu irmão. [...] (DIAS, apud: CARDOSO, 2002, p.143).

O depoimento de Claudete Dias traz algumas informações sobre os costumes que moldavam o comportamento dos jovens na década de 1960 e ainda inícios de 1970. A tentativa de burla empreendida por ela e frustrada pelo atraso da peça despertou a raiva do tio por ela tentar transgredir as regras disciplinares impostas pela família, além de representar um desacato à autoridade do tio e “pai”, pois este representava os dois papéis, já que ele era o responsável pela moral da sobrinha por ela morar em sua casa. O fato das moças que moravam em casas de parentes distantes da vista dos pais não significava maior liberdade para estas, pois recaíam sobre elas as disciplinas dos pais e também dos parentes responsáveis. No caso de Claudete Dias ela ainda colocou em risco sua reputação de ‘moça de família’ chegando tarde da noite, mesmo na companhia de um primo, uma vez que este gozava de má reputação por ser gay.

Já Antônio José Medeiros que vivenciou a FAFI nos anos finais da década de 1960 e inícios de 1970 cita outros espaços que os estudantes frequentavam, ele comenta que após as aulas os estudantes costumavam ir para os bares que ficavam localizados na Avenida José dos Santos e Silva, a dois quarteirões atrás da faculdade. Questionado sobre a vida noturna dos discentes, se a Praça Pedro II ainda era referência de lazer para juventude, ele explica.

Era. Embora já tivesse em decadência, não digo em decadência, mas de desmonte da coisa. Eu não me lembro, mas eu acho que nessa época não tinham mais as retretas da banda da música de ir lá para o coreto etc. Mas havia muito isso, às vezes a gente, tinha uns barzinhos ali no centro, a gente saía às vezes não era nem no intervalo, mas depois das aulas, sobretudo, como tinha muita gente já trabalhando, eram mais senhores, era a turma mais nova de solteiros, de desimpedidos como dizíamos. Eu me lembro bem que aqui na José dos Santos e Silva era só você descer ali onde hoje é a Cohab, ali tinha um barzinho que a gente frequentava muito. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

São outros espaços que vão se configurando na cidade, a Praça continua ainda frequentada até por que em seu entorno se concentrava o cinema e o Teatro, e esses continuam sendo referências de lazer, mas o “desmonte” dos códigos de uso modificou, ou seja, a banda de música as quintas e domingo já não aconteciam mais. A frequência aos bares referidos por Antônio José Medeiros era feita tanto por estudantes homens como pelas mulheres; “homens e mulheres. Tinha vezes que eram só homens, mas tinham algumas colegas que iam”. As quintas-feiras com bandas de música na Praça foram substituídas pelos discentes da FAFI por atividades culturais realizadas na faculdade, as denominadas “quintas em debate”.

Lentamente as alterações de comportamento da juventude acadêmica e universitária modificou o cotidiano da cidade. Aquela barreira que distanciava mulheres e homens, pela convivência no espaço da faculdade supera essa distância. O próprio espaço da faculdade era utilizado também para festividades dos estudantes, conforme relata Maria do Carmo Bomfim.

Outro espaço de lazer que tinha aquela época – havia muita competição esportiva, sobretudo de voleibol, basquetebol e futebol de salão - era o espaço da quadra do quartel de polícia [...] e havia competição entre as faculdades. E tinha a faculdade de Direito que também tinha uma quadra e além dessa quadra da Faculdade de Direito, tinha no espaço embaixo da Faculdade de Filosofia um pátio [...] Só tinha as colunas. Então havia festas lá na faculdade de Filosofia e na quadra de esporte da faculdade de Direito. Tinha jogos e também debates, tanto numa quanto na outra e dança. Um outro espaço de encontro e de lazer tinha a escolha da miss universitária, tinha as misses de cada faculdade e tinha a miss universitária, geralmente era a festa de escolha da miss universitária era na quadra de esporte da Faculdade de Direito. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

Esse relato mostra outras atividades de lazer para a juventude universitária que surgem em decorrência da configuração do ensino superior, aqueles comportamentos que existiam nas escolas secundaristas permanecem, mas de forma modificada, como a escolha da miss universitária, que movimentava a juventude. As festas de escolha das misses e as competições esportivas proporcionavam a sociabilidade entre os estudantes das diversas faculdades de Teresina. Além de favorecer maior liberdade aos jovens, uma vez que este espaço estava livre da vista controladora dos pais. A prática de organização dos jogos universitários continuou na Universidade Federal do Piauí, em que as equipes representavam não mais as faculdades, mas os respectivos centros em que estas haviam se tornado.

No período em estudo as distâncias entre homens e mulheres iam diminuindo, conforme Elizângela Barbosa Cardoso (2002, p.212) “mediante a intensificação da urbanização as distancias entre rapazes e moças iam diminuindo e esses passavam a se encontrar nas escolas, nos espaços de lazer e na Igreja”. Os encontros tornavam-se constantes pelo cotidiano da faculdade, na sala de aula, nos corredores durante os intervalos, nos encontros após o horário das aulas para discussões, em finais de semana e no trabalho nas escolas, dificultando assim um maior controle das famílias conservadoras. Acerca desse período Frederico Ozanan (2003) numa reflexão sobre a arte e a produção cultural na virada da década de sessenta para setenta em Teresina comenta

[...] a ‘vigilância’ da sociedade disciplinar, já não conseguiam mais absorver a totalidade da sociedade, de tal forma que no seio da disciplina, nas fissuras do ‘sistema’, essa juventude alterava os mecanismos disciplinadores, inventava e consumia o espaço de uma forma diferente e, quando possível, contestatória, quebrando normas e veiculando um novo modelo de vida. (LIMA, 2003, p. 33).

A juventude acadêmica de Teresina, nas décadas de 1960 e início de 1970, começa a romper as regras disciplinares: no meio familiar, na faculdade, alterando os mecanismos disciplinadores e adotando um estilo de vida que afrontava a geração dos seus pais. “Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores, compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina” (CERTEAU, 1994, p. 41- 42). Podemos então perceber pelos relatos orais de ex-discentes o comportamento juvenil como formador de *táticas* para combater a ditadura militar, a cultura dominante e os valores disciplinadores, que a juventude acadêmica da Faculdade Católica de Filosofia foi protagonista e consumidora das mudanças dos anos 1960 em Teresina, por ter sido esta agente responsável por parte das rupturas comportamentais ocorridas no período e defensores da revolução nos costumes, graças ao seu engajamento político e adaptação da cultural nacional.

Além das mudanças no consumo dos espaços da cidade e na estética, outros comportamentos emergentes no Brasil influenciaram os jovens, como o uso das drogas e da pílula anticoncepcional. As drogas segundo as fontes orais não teve um impacto tão grande entre os estudantes da FAFI. Veja como Antônio José Medeiros expõe em seu depoimento acerca da presença das drogas na faculdade

[...] aqui na Faculdade de Filosofia era muito pequena, mais tinha um grupo mais de pessoas que estudavam fora que eram amigos da gente, que vinham e todo mundo fumava sua maconhazinha. Não era nada [...] eu conheci muita gente que durante anos fumava maconha e não ficaram dependentes, que, eu andei experimentando, [...] mais por curiosidade, [...] mas era mais para curtir. Isso não era na faculdade, era na casa das pessoas. Então aqui também tinha o pessoal que se identificava mais pela música, era no meio artístico também onde tinha mais, do que eu conheço de experiência não tinha as bocas de fumo, as “cracolândias”, e nem muita gente que tomava outro, tinha o LSD, mas eu não cheguei a conhecer. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

Pelo depoimento de José Medeiros a droga não chega a ser um problema e algo recorrente dentro da FAFI, mas fora desta. Ao tempo em que a referência a “maconhazinha” dá ideia de que era uma droga leve, que não gerou dependência a ponto de alimentar o tráfico, e nem incitar violência e algumas experimentações eram movidas pela curiosidade, isentando

assim, os que utilizaram, a alcunha de “maconheiro”. A fala deste depoente compartilha da posição dos demais depoentes sobre a influência dos estudantes que moravam fora de Teresina exerciam sobre os jovens que permaneceram em Teresina, e a sua função como instrumento de integração a nova ordem comunicacional. Quanto a esta temática das drogas os depoentes tiveram a preocupação de não citar nomes, ou de explicar que se tratou de experiências insignificantes; indício do receio do comprometimento que poderia causar aos sujeitos ainda vivos. Uma vez que a relação presente-passado interfere no curso da narrativa no tempo presente, pois a memória é a ressignificação do passado pelas experiências e “representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1999). Alguns dos sujeitos que experimentaram a droga no passado são hoje pais de família, profissionais respeitados e uma informação que o classifique como usuário de drogas pode respingar e manchar a reputação que estes gozam no presente.

Na análise dos depoimentos dos personagens que vivenciaram a cena cultural dos anos 1960 em Teresina e pelas pesquisas nos jornais da época percebe-se que o uso das drogas não causou grande impacto no comportamento dos estudantes universitários. As notícias sobre drogas veiculadas nos jornais da época envolviam mais adolescentes, estudantes secundaristas. Da mesma forma o uso da pílula anticoncepcional também não teve grande repercussão entre as estudantes universitárias a ponto de ter alterado o comportamento e representado uma ruptura, uma revolução sexual, é o que nos relata Maria das Graças Moita: “a disseminação da pílula também veio posteriormente, um pouco mais tarde, ela não ocorreu imediatamente não. Ela foi posterior”. As alterações nesse aspecto foram acontecendo lentamente.

Elizângela Barbosa (2003) na obra em que analisa História e memória de estudantes universitárias em Teresina entre 1930-1970 ressalta como uma dimensão que singulariza as mulheres e ajuda a compreender suas trajetórias de vida é o enfoque dos valores morais que prevaleciam em Teresina, entre os anos de 1950 e inícios dos anos 1970, com a manutenção dos valores relativos ao corpo e à sexualidade. A autora expressa:

Em Teresina, nesse período, a virgindade feminina era tida como um valor fundamental. Por ser considerada um selo de garantia da honra e da pureza das mulheres, esperava-se a pureza virginal, tanto das moças casadouras, quanto das que ficassem solteiras, uma vez que a sexualidade feminina deveria ser vivenciada somente no âmbito conjugal. Enquanto que os rapazes poderiam ter experiências sexuais, sendo estas, inclusive, incentivadas. (BARBOSA, 2003, p. 211).

Às mulheres recaíam cobranças das famílias e no caso das depoentes não podemos deixar de lado o fato de que estudavam numa faculdade católica, em que seus valores eram cerceados pela Igreja Católica, que estimulada a virgindade e condenava o uso da pílula. Antônio José Medeiros, que teve uma experiência de vivência no Rio de Janeiro nos anos de 1970, considera que a liberalização da mulher no aspecto sexual foi lenta em Teresina. Ao ser perguntado sobre o comportamento feminino diante a liberação sexual ele relata:

[...] sim, eu percebi isso mais quando eu cheguei no Rio de Janeiro em 1972. Aqui no Piauí, mas é o mesmo processo que depois aqui foi se expandindo. O que eu acho interessante é que foi um processo muito demorado, mais de superação do machismo, mas essa atitude das mulheres fez com que pouco a pouco muitos jovens homens mudassem sua atitude. Na minha geração a iniciação sexual ainda era no cabaré, com as prostitutas. Quando começou essa liberalização foi um processo meio demorado, por que as mulheres que transavam muitas vezes ainda eram consideradas se não putas, pelo menos malucas, ‘maluquetes’. Mas pouco a pouco isso foi mudando. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Antônio José Castelo Branco Medeiros, Ago., 2012).

A liberalização sexual das mulheres em Teresina no período estudado não aconteceu no mesmo ritmo que o dos centros urbanos, esses comportamentos vão se modificando lentamente. A vivência de uma maior liberdade sexual entre as jovens estudantes da FAFI não se fez sentir fortemente no seu meio, havia ainda um grande controle sobre a sexualidade, devido a existência do preconceito em torno da jovem que praticava sexo antes do casamento, pois a sociedade ainda preservava valores como casamento, a família e a virgindade. O sexo entre as estudantes solteiras era visto por muitas famílias e pela sociedade como afrontamento aos valores morais e quem se aventura era considerada, como Antônio José Medeiros comenta: “maluquetes”, não sendo por isso comum os homens iniciarem sua vida sexual com as namoradas.

Na concepção de Antônio José Medeiros as repercussões da liberdade sexual trouxeram alterações comportamentais para os homens, pois apesar destes não terem sentido a mesma opressão em torno da virgindade que as mulheres sofriam, algumas posturas na relação homem/mulher alteraram-se. O depoente ressalta que as discussões sobre a liberdade sexual modificou o comportamento machista dos homens, mudando a maneira de tratar as mulheres. A respeito da liberação sexual da mulher Maria das Graças Moita expressa:

[...] ela não aconteceu, não veio imediatamente como as outras mudanças, ela não chegou junto, ela veio paulatinamente, e eu acho que posteriormente,

nós já começamos a liberar, por exemplo, para ter o fica, mas era muito tímido, era só mesmo os beijos, os abraços, e nada mais. Depois acabou, então a gente começou assim, mas a liberação mesmo sexual da mulher ter a mesma vida sexual ativa, ela veio posteriormente, ela não chegou junto com as transformações de imediato, como a moda de usar calça comprida, os homens usarem cabelos compridos. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria das Graças Raposo Moita, abr., 2012).

A depoente observa que algumas mudanças aconteceram concomitantes ao restante do Brasil, a exemplo das vestimentas, mas algumas mudanças comportamentais ocorrem depois. É o caso da disseminação da pílula, que considera que foi contida em Teresina, pelo menos entre as estudantes da FAFI, ocorrendo só posteriormente. Mas, para Maria do Carmo Bomfim alguns comportamentos mais liberais da mulher já começam a se sentir ainda em meados de 1960, ela relata que nessa época começa a:

[...] experiência de uniões não tradicionais, uniões amorosas [...] por que na época fora do casamento, foi um momento em que começou essa experiência. [...] dormir fora de casa, passar final de semana fora, sem voltar em casa, sem nada de muito diferente assim. (Entrevista concedida a Lucélia Nárjera de Araújo por Maria do Carmo Alves do Bomfim, mai., 2012).

Essa fala de Maria do Carmo Bomfim comparada a de outros relatos sobre um período posterior se contradiz com relação à experiência do sexo antes do casamento, o que direciona a pensar em duas possibilidades: uma - que a memória de Bomfim pode estar influenciada pela leitura do período no tempo presente, visto ser essa a leitura que se faz daquele passado, pois ao ser questionada sobre quais casais experimentaram estas mudanças disse não lembrar. Outra interpretação possível é pensar que esta foi uma prática comum entre o grupo que ela participou do Movimento Estudantil entre os anos de 1965 a 1968. Possivelmente os jovens politicamente engajados tinham posturas mais liberais e desprovidas de preconceitos e tentavam fugir das normas disciplinares da sociedade. Mas o curioso é que discentes que frequentaram as reuniões do movimento estudantil em anos posteriores não registraram essa prática descrita por ela. Esse comportamento não aparece nos demais depoimentos, e certamente a adoção da prática de dormir fora com o namorado ainda chocava aqui em Teresina, o que nos leva a imaginar que esta era uma conduta ocasional entre os jovens, não chegou a ser uma prática corriqueira.

Conforme o relato de Antônio José Medeiros as garotas que praticavam sexo antes do casamento eram consideradas no mínimo “maluquetes”, não eram bem vistas, mesmo no meio universitário. Nas memórias de Claudete Dias ela afirma que era “mal falada” por não seguir

padrões convencionais de moças de família, gostar de andar com homens, e diz que mesmo adotando comportamentos subversivos, ela era “pura”, virgem. O tabu da virgindade ainda direcionava o comportamento daquela juventude. O que nos leva a pensar que a “revolução sexual” não tenha ocorrido em Teresina na década de 1960, sobretudo como uma ruptura, ela ocorre lentamente, num longo processo, com pequenas experiências inovadoras, que não chegaram a representar rupturas, desde o fica na praça até o namoro no motel. E a pílula difundida pelo mundo na década de 1960, não foi disseminada entre a juventude teresinense, seu uso ainda representava um tabu entre jovens da classe média e “moças de família”, pelo menos entre as estudantes da FAFI.

Os jovens estudantes da FAFI, conectados com as novidades que emergiram no Brasil no período consumiram e adaptaram um estilo novo de vida. Guiados pelos anseios próprios da juventude, influenciados pela efervescência cultural e transformação de comportamentos que foi disseminado pelo mundo. Ícones como minissaia entre as mulheres, o jeans, a moda hippie, a cabeleira comprida entre os homens transformaram-se em símbolos de subversão e seus usos serviram como táticas de burla a ordem disciplinar por agredir valores tradicionais. Novos comportamentos foram articulados entre a juventude universitária a partir do consumo dos meios de entretenimento e da produção cultural que contribuiu para uma integração dos estudantes de Teresina com as expressões culturais que circulavam pelas grandes capitais do país. A juventude teresinense consumiu em proporções diferentes os filmes produzidos pelo cinema novo, as músicas, os ritmos e a moda que foram disseminados no período. Configuraram a partir desse consumo valores e comportamentos que certamente os diferenciaram das gerações anteriores.

Considerações Finais

Chegado o momento de encerrarmos uma etapa de pesquisa é hora de refletirmos sobre a contribuição que ela traz para o meio acadêmico e para formação pessoal. No decorrer da construção desta dissertação fomos guiados pelo objetivo de estudar as múltiplas experiências da juventude universitária em Teresina, buscando analisar as vivências, práticas e valores de parcela da juventude que experimentou os anos entre 1964 e 1975. Um período marcado pela contradição entre o controle exercido pela Ditadura Militar no Brasil e pela emergência de novos costumes, num cenário sociocultural distante do eixo Rio-São Paulo, onde estavam os centros das agitações culturais e políticas do período. Essas experiências tornam-se significativas porque possibilitaram dar visibilidade a práticas de socialização de indivíduos que vivenciaram outra realidade, cujas especificidades do local apontam para pensarmos a pluralidade da juventude brasileira nos anos de 1960 e 1970, cujos anseios, costumes e práticas eram diversas, tais como os cenários socioculturais que estas vivenciaram e que contribuíram para moldá-las.

Para alcançarmos os propósitos supracitados nos utilizamos da historiografia local, de fontes escritas, iconográficas e orais, esta favoreceu o diálogo com a memória de indivíduos que vivenciaram uma época e através dela representaram a sociedade tal qual pensam. As fontes orais permitiram compreender a (re)construção das inserções de parcela dos jovens teresinenses perante a sociedade e a reelaboração de suas experiências nos permitiu dar voz aos sujeitos locais, as suas falas, dramas, sentimentos e inserção no cenário universitário. Balizado em torno desses suportes estruturamos essa pesquisa em três momentos.

No primeiro momento desenvolvemos a discussão em torno da configuração do ensino superior em Teresina nos anos 1960, suas instituições educacionais, ideias e espaços de socialização. Bem como analisamos as vivências oportunizadas pela faculdade de Filosofia do Piauí, para tal utilizamos jornais e as fontes orais para adentrarmos a memória dos ex-discentes, com vistas a problematizarmos como estes sujeitos representam esse período em Teresina e, assim, compreendermos como um ambiente acadêmico composto de faculdades isoladas e sem a presença de uma universidade pública, com uma quantidade pequena de estudantes, possibilitou aos estudantes vivenciarem novos comportamentos, em um período repleto de novidades e ao mesmo tempo marcado pela repressão imposta por uma ditadura civil-militar que limitava e moldava a ação dos jovens.

Ao problematizarmos a configuração do ensino superior e as experiências dos jovens que vivenciaram a FAFI na década de 1960, observamos que os estudantes universitários de

Teresina tinham à sua disposição um cenário acadêmico diferente do que existia nas grandes capitais do país, formado por faculdades isoladas e com pequeno número de estudantes, mas estes compartilhavam do mesmo ideal dos demais estudantes universitários: uma universidade pública e de qualidade. As discussões relacionadas às instituições de ensino superior em Teresina mostraram a lentidão com que esse ensino foi efetivado no Estado, sendo esta capital a última a receber uma Universidade Federal. Situação que só começa a ser alterada a partir de 1971, com a fundação da Universidade Federal do Piauí.

No caso da Faculdade de Filosofia, foco da pesquisa, esta era composta em sua maioria por uma juventude plural e não coesa, uma vez que seus estudantes eram de idades, profissões e classes sociais diversas. Mas tal diversidade não impossibilitou a organização de grupos em torno de lutas comuns que guiaram as práticas estudantis de muitos desses jovens, como o envolvimento nas lutas antiditatoriais, contestação ao regime militar e na luta pela criação da Universidade Federal do Piauí.

Ao darmos voz aos sentimentos e percepções dos fafianos isso nos possibilitou perceber um espaço físico repleto de significações e, sobretudo, valorizado por parcela da geração jovem de 1960 que vivenciou aquele espaço. A FAFI é representada na memória dos ex-discentes entrevistados como um ambiente de vivências culturais e de trocas de conhecimento. A instituição é valorizada como um espaço que promovia reflexões sociais e que abrigava um corpo estudantil ativo, essa imagem é recorrente na fala dos depoentes. Isso deixa transparecer a formação de uma memória coletiva que significa esse espaço, sobretudo, como foco irradiador de cultura e conscientização política na época, que serviu como local de integração e de liberdade, e propiciou a subversão de valores e transformações nos costumes entre seus discentes.

Num segundo momento, analisamos a constituição do movimento estudantil e a militância de alguns estudantes na Faculdade de Filosofia do Piauí entre os anos de 1965 a 1970 e na UFPI a partir de 1971 a 1975. Problematizamos como os estudantes de uma faculdade isolada, distante dos centros culturais do país, se integraram ao movimento estudantil nacional e quais as táticas de burlas empreendidas por eles para enfrentarem as estratégias de controle exercidas pelo estado militar. Nessa perspectiva, foi possível constatar que mesmo com as dificuldades decorrentes da distância cultural entre Teresina e os demais centros culturais do Brasil, como Rio e São Paulo, algumas pautas de reivindicações que guiaram o movimento estudantil nacional também guiaram as lutas estudantis em Teresina. Os estudantes da FAFI não ficaram isolados nem inertes ao que acontecia no país, eles se integraram ao movimento nacional, empreenderam táticas de subversão ao regime militar e

tiveram uma ligação direta com o movimento estudantil de Recife, Fortaleza, São Luís e Salvador.

Os estudantes da FAFI tiveram pautas específicas como a melhoria na qualidade do ensino na faculdade e a criação da Universidade Federal do Piauí. A FAFI agregou um maior número de estudantes envolvidos na militância estudantil, serviu muitas vezes como espaço de reunião dos militantes, foi a única faculdade de Teresina que teve representante no XXX Congresso da UNE em Ibiúna, o que representa motivo de orgulho para os fafianos. Isso contribuiu para a percepção por parte dos discentes da FAFI de que esta faculdade foi o lócus da luta contra a ditadura civil militar no Piauí. Formou-se uma militância tímida, mas expressiva entre os estudantes do Piauí, suficiente para os sujeitos envolvidos se sentirem partícipes no processo de lutas contra ditadura militar, guiadas pelo movimento estudantil a nível nacional.

Já na UFPI a partir de 1973 as pautas que guiaram as lutas estudantis giraram em torno de reivindicações específicas ligadas às questões internas da instituição, como a ampliação de ofertas de disciplinas, construção do Restaurante Universitário. A luta política antiditatorial foi sufocada pelo clima de medo que reinou no Brasil após o AI-5. Os estudantes que vivenciaram os primeiros anos de UFPI encontraram um ambiente acadêmico, cultural e político diferente daqueles que viveram a FAFI. Uma vez que esse período foi marcado pela repressão imposta pela ditadura militar aos movimentos estudantis, sufocando as possibilidades de atuação dos estudantes. Assim, o movimento estudantil na UFPI nasce com o restabelecimento das entidades estudantis livres do controle do Estado no final da década de 1970. De forma que entre 1971 a 1975 os estudantes da UFPI mostraram-se mais disciplinados que os da FAFI, estes encontraram um ambiente mais propício às táticas subversivas e contestatórias. Dessa forma, na percepção dos depoentes, os anos vividos na FAFI foram mais significativos culturalmente que os vividos na UFPI.

No último capítulo tivemos a preocupação de configurarmos o universo sociocultural da juventude universitária da FAFI e UFPI em Teresina, nas décadas de 1960 e inícios de 1970. Visamos compreender como essa juventude vivenciou as mudanças culturais que se configurou no período, como se deu as práticas de apropriação e o envolvimento da juventude acadêmica no consumo dos meios de entretenimento, e como a mídia e as novas tecnologias da informação repercutiram e contribuíram para a disciplinarização das emoções, comportamentos e valores da juventude universitária.

O provérbio árabe apresentado no prólogo do livro de Marc Bloch “Os homens se parecem mais com seu tempo que com seus pais” (BLOCH, Marc, 2001. p. 60) cabe bem

neste momento de reflexão sobre as percepções alcançadas ao longo desta pesquisa. Na medida em que esta possibilitou observar, mesmo não sendo este o foco, como uma geração de jovens se moldou pelos cenários socioculturais aos quais estavam inseridos. As influências do contexto sob essa geração jovem, não em sua totalidade, mas em parcela significativa da juventude, gerou choques entre eles e seus pais, pela inserção de novos comportamentos pelos jovens que contestavam os valores da geração anterior.

Falo de cenários no sentido plural porque tal como os jovens foram compreendidos como uma categoria plural pela diversidade de interesses, valores e comportamentos no período analisado, o contexto social e cultural também se apresentou sob diferentes matizes. Os jovens teresinenses, especificamente os estudantes da Faculdade de Filosofia e posteriormente os estudantes da UFPI, vivenciaram as experiências da década de 1960 de forma diversa, tanto em relação aos das grandes capitais brasileiras, quanto entre si. Nem todos os jovens universitários viveram as mesmas revoluções comportamentais, mesmo num universo pequeno de estudantes havia alunos conservadores, religiosos, tradicionais.

A militância estudantil, o consumo dos meios de entretenimento, a liberdade sexual, a pílula anticoncepcional, os discursos feministas, as drogas, enfim alguns comportamentos considerados subversivos são lentamente configurados em Teresina e não foram disseminadas entre os jovens universitários teresinenses na mesma proporção que o foram entre os jovens cariocas e paulistas. Por exemplo, o uso da minissaia em Teresina na década de 1960 ainda era considerado uma subversão aos valores morais, enquanto no Rio o uso desta já não era novidade, nem subversão. Na FAFI, de acordo com as depoentes, a vivência da liberdade sexual não foi sentida fortemente, havia ainda um grande controle sobre a sexualidade, sendo a virgindade um bem a ser preservado. Um mundo novo se apresentou em Teresina, entre a juventude universitária, com outros tons; eram outros cenários, outras subjetividades, outras transgressões. O que ainda era considerado transgressão em Teresina, em outros espaços urbanos já havia sido superado.

Além da repressão estudantil, os anos 1960 foram marcados também pela revolução nos costumes dos jovens. As mídias e tecnologias de informação foram responsáveis pela integração cultural dos jovens teresinenses aos costumes e comportamentos que emergiam no Brasil. O rádio ao lado de jornais e revistas de circulação nacional conectou os estudantes teresinenses a moda nacional, aos estilos musicais, ao divulgar novos comportamentos. Servindo, desta forma, para disciplinarem sonhos e valores que emergiam entre os jovens.

O rádio possibilitou o acesso dos jovens a novos padrões de comportamento, que passaram a ser idealizados a partir da audição das radionovelas, dos programas musicais que

divulgavam os ritmos diversificados ao longo dos anos 1960: iê, iê, iê, a Jovem Guarda, o twist, a música pop internacional e a Bossa Nova, cujos ídolos serviam como referência. Sutilmente os estilos musicais provocaram pequenas alterações comportamentais, ajudaram a configurar maior liberdade às mulheres, como dançar solta, sem a obrigação de uma companhia masculina.

Além do rádio, o cinema e os editoriais de moda que circulavam nos jornais também contribuíram para moldar a estética e o comportamento da juventude. Os filmes representavam novos hábitos e criavam novos modelos de comportamento, de conduta a nível amoroso e até mesmo moral. Os jovens ambicionavam a estética dos astros e estrelas. Em 1972 a televisão adentra os lares de Teresina e provoca alterações no cotidiano dos cidadãos. Para os jovens, a televisão possibilitou a disciplinarização de novos costumes, como seguir a moda dos artistas e consumir produtos divulgados nas novelas e comerciais; uma vez que as notícias e entretenimento veiculados pela TV significavam muito para uma cidade que tinha poucas opções de lazer. Os estudantes que moravam em outras capitais também serviram de instrumentos de acesso às novidades que circulavam nas grandes capitais, eles traziam para Teresina no período de férias os novos estilos musicais e movimentavam a noite da juventude teresinense.

Portanto, a efervescência cultural vivida na década de 1960 e início de 1970 como as manifestações artísticas engajadas, os problemas políticos, os ritmos musicais migraram das capitais mais desenvolvidas e chegaram a Teresina no final da década de 1960, possibilitando uma mudança nos padrões comportamentais e nas atitudes dos jovens que passaram a consumir tais novidades. De forma que a indústria de entretenimento e as mídias de comunicação contribuíram para integrar a juventude universitária de Teresina aos acontecimentos nacionais, não no mesmo ritmo.

O receio inicial de elaborar um trabalho acerca da juventude estudantil da década de 1960 devido o medo de vir a repetir versões já cristalizadas sobre o movimento estudantil no Brasil foi esvaecendo à medida que entrava em contato com as fontes. Os depoimentos colhidos foram delineando as diferenças existentes entre o Movimento estudantil local e os movimentos mais conhecidos como os difundidos do Rio de Janeiro e São Paulo. Da mesma forma que foi sendo delineada uma juventude universitária plural, que se diferenciava em muitos aspectos dos jovens estudantes retratados como rebeldes e revolucionários que protagonizaram as lutas estudantis nas grandes capitais do Brasil.

Ao tomarmos como referência as memórias individuais sobre a Faculdade de Filosofia percebemos que ela marcou distintamente os sujeitos que compartilharam experiências

naquele cenário político cultural dos anos de 1960. Mais uma vez retomando o pensamento de Halbwachs (1990) para quem as lembranças são representações que repousam em parte em depoimentos, e que são (re) significadas pela leitura do presente, entendemos que os depoentes construíram representações diversas sobre a FAFI e sobre os anos 1960, para alguns sobressaem a percepção daquele espaço como ambiente de amizades, trocas culturais e construção crítica da realidade brasileira; para outros prevalecem as lembranças de acontecimentos ligados ao movimento estudantil, táticas de lutas e organizações daquele movimento. Alguns depoentes priorizam com maior relevância para a sua experiência do período as conquistas de liberdade, rupturas de valores tradicionais. São significações que não aparecem em relação ao espaço da Universidade Federal do Piauí.

Compreendemos ainda como esse passado recente está presente na memória de uma geração e como os sujeitos que o vivenciaram representam esse passado. Conforme Halbwachs (1990) a memória coletiva produzida no interior de um grupo se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquele grupo. Assim, entendemos que predomina na memória coletiva dos ex-discentes da FAFI imagens e sentimentos comuns elaboradas acerca daquela instituição, que nos leva a afirmar que há uma intenção de construir uma identidade comum para aquele grupo de jovens que vivenciou os anos de 1960. Pois, em suas representações significam a FAFI como um local de agregação de valores, de vivências amigáveis e intelectualmente enriquecedoras. São representações de um tempo elaboradas pelas vivências juvenis, mas também marcado pelas intenções do presente. As experiências vivenciadas pelos discentes da FAFI são valorizadas e lembradas com orgulho.

Ao esboçarmos uma discussão a respeito dos espaços de socialização dos universitários teresinenses, registramos os locais frequentados pela juventude teresinense, como exemplo a Praça Pedro II, o Clube dos Diários, Cine Rex o bar Carnaúba. Todos esses espaços, como outros não mencionados, são marcas de um tempo que a cidade de Teresina nem sempre consegue preservar materialmente, mas está cristalizado na memória daquela geração de 1960, eternizados em suas representações sentimentais. Desta forma, é que as questões discutidas nesta pesquisa comportam e transcendem os anos de 1960, uma vez que as memórias aqui estudadas e registradas revelam sonhos, sentimentos, representações, projetos realizados e não realizados de atores sociais que viveram a configuração de outras experiências culturais nesse período; transcendem, porque estas memórias são elaboradas a partir do presente, e como nos fala Halbwachs ela é seletiva, e se alimenta de ideias e sonhos que dão identidade a um grupo, assim valoriza ações, lugares e objetos e depura emoções.

Enfim, este trabalho permitiu esboçarmos a experiência de sujeitos que vivenciaram uma época da história do Brasil marcada por um contexto sociocultural diversificado e por rupturas, que favoreceu a configuração de novos comportamentos. Ao voltarmos o olhar sobre a vivência local procuramos a adequação a um perfil de escrita da história que valorizasse e contemplasse variadas experiências de uma época. Acreditamos que o estudo de parcela da juventude estudantil de Teresina ajuda a elucidar não somente uma fase da História do Piauí, mas da História do Brasil. Certamente este trabalho não abrange a experiência de toda a geração de 1960 em Teresina, tão pouco analisa todos os perfis juvenis, nem tinha tal pretensão. Mas a pluralidade de escrita da História nos dar possibilidade de revisitar as temáticas, a partir de novos olhares e sob outras perspectivas, e o olhar que se lançou neste trabalho foi o de revisitar a juventude estudantil e a cultura jovem numa perspectiva local, em meio a um espaço marginalizado pela historiografia nacional.

No presente trabalho procurei, por meio dos apontamentos sinalizados, não discutir de modo exaustivo e conclusivo o tema proposto, mas antes lançar luz sobre algumas questões e apresentar uma modesta contribuição para o debate desse tema. Desta forma, acredita-se que esta pesquisa venha a contribuir com outras que se juntarão a este neste caminho e que possam preencher as muitas lacunas deixadas, não intencionalmente, por esta dissertação. Pois a natureza lacunar da pesquisa história exige continuidade numa busca de preencher tais lacunas e sempre há possibilidades de outras tessituras, recomposições do passado a partir do olhar atento do historiador.

REFERÊNCIAS

FONTES

JORNAIS:

CERTO E ERRADIO. O DIA. Teresina, 09 mai., 1964. p.6.

COLUNA UNIVERSITÁRIA. O DIA, Teresina, 14 abr., 1960. p. 4.

COLUNA UNIVERSITÁRIA. O DIA, Teresina, 12 jun., 1968. p. 5.

COLUNA UNIVERSITÁRIA. O DIA, Teresina, 08 abr., 1969. p. 5.

COLUNA UNIVERSITÁRIA. O DIA, Teresina, 13 març., 1971. p. 5.

COELHO, José Newton. Universidade e Reitoria. O DIA, 25 abr.,1971. p.6.

DE TUDO UM POUCO. Teresina, O DIA, nº 2.468, 1968, p. 4.

ESTATUTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. O DIA, Teresina, 09 set., 1969. p. 3.

FERREIRA, Renato Azevedo. Como nasceu a FAFI. O DIA. Teresina, 25 març. 1969.

FILMES EM CARTAZ. O DIA, Teresina, 16 abr., 1969. p. 5.

GOVERNADOR E REITOR MOSTRAM PROJETO DO CAMPUS. O ESTADO, Teresina, 28 jul., 1971, p. 2.

JOVENS E BADALAÇÕES. O DIA, Teresina, 23/24 dez. 1973. Suplemento, p.1.

MARTINS, José Luís. RETALHOS UNIVERSITÁRIOS. O DIA. Teresina, 9 set.,1963. p. 4.

_____. RETALHOS UNIVERSITÁRIOS. O DIA, Teresina, 1964, p. 5.

_____. COLUNA UNIVERSITÁRIA. O DIA. Teresina, 16 jan. 1968, p. 4.

MAIS DE MIL ESTUDANTES CONCENTRADOS NA FAFI. O DIA, Teresina, 11 ago., 1968. p. 7.

MATOS, Matias. Comentando Cinema. , O Dia, Teresina, nº 1.434, 1965. p.7.

MENDES, Simplício de Sousa. Faculdade de Medicina: Caminho aberto para a Universidade do Piauí. Teresina, O Dia, 1968, 17 jan., p.3.

_____. O Sentimento de Pudor. Teresina, O Dia, 1968, 14 març., p. 6.

MÚSICA POPULAR REVELA VALORES. O Dia, Teresina, 23 fev., 1968. p. 5.

PÁGINA FEMININA. O DIA, Teresina, nº 2. 468, 05 jul., 1968. p. 7.

PAGINA FEMININA. O DIA, Teresina, nº 2.510 , 1968. p.8.

PETRÔNIO: VOLTO MUITO FELIZ: enfim universidade criada. O Dia, Teresina, , 18 out.,1968. p. 1.

PRONTO O PROJETO DO CAMPUS. Teresina, O DIA, 23 jul., 1971. p.1-2.

RESUMO DOS ACONTECIMENTOS, NA GUARNIÇÃO FEDERAL DE TERESINA, com início 31 de Março de 1964. O Estado, Teresina. 25 de Jun., 1964. p.3.

SOBRE A UNIVERSIDADE. O DIA, Teresina, 18 nov., 1968. p.1, 4.

TV, O DESAFIO AO RÁDIO. O DIA, Teresina. Edição de Domingo. 2º Caderno, 17 jan., 1971. p. 1.

WALTER, José. A crônica – Bossa Velha. O Dia, Teresina, 26 jun.,1960. p. 6.

UNIVERSIDADE NO PIAUÍ. O DIA, Teresina, ano XIV, n. 1174, 21 fev. 1964. p. 2.)

DEPOIMENTOS ORAIS

BATISTA, Tony. Entrevista concedida à Lucélia Nárjera de Araújo. Teresina. 15 set. 2012.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. Entrevista concedida à Lucélia Nárjera de Araújo, Teresina, 30 mai. 2012.

CLAUDETE MARIA MIRANDA DIAS. Entrevista concedida a Elizângela Barbosa Cardoso. Apud CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltiplas e Singulares: História e Memória de estudantes universitários em Teresina – 1930-1970.** Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

MEDEIROS, Antônio José Castelo Branco. Entrevista concedida à Lucélia Nárjera de Araújo. Teresina, 08 ago. 2012.

MOITA, Maria das Graças R. Entrevista concedida à Lucélia Nárjera de Araújo. Teresina, 03 abr. 2012.

SOBRINHO, Antônio Ferreira de Sousa. Entrevista concedida à Lucélia Nárjera de Araújo. Teresina, fev. 2013.

REVISTAS

FISIONOMIA DO PAÍS. **VEJA**, São Paulo, nº 1, p.64-66, set. 1968. (Acervo Digital). <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em junho de 2012.

A INCRÍVEL BATALHA DOS ESTUDANTES. **VEJA**, São Paulo, nº 5, p. 14-17, out. 1969. (Acervo Digital). Acesso em junho de 2012.

SITES:

Série Estatística e séries históricas. IBGE, Censo Demográfico 1940/2010. Tabela extraída de: IBGE, Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil 1994. vol.54, 1994. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series>.

LDB lei nº 4.024

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb.htm. Acesso em 22 jan. 2013.

LIVROS

ALBERTI, Verena. **FONTES ORAIS**- Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010. P.155-202.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis, 1973-2007**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História** – especialidades e abordagens. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 8ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. “Cultura e História: uma aproximação possível”. In: PAIVA, Márcia de e MOREIRA, Maria Ester. **Culturas. Substantivo plural**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; São Paulo: Editora 34, 1996.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **As revoluções utópicas dos anos 60**: a revolução estudantil e a revolução política na igreja. 3ª ed. São Paulo: ed. 34, 2006.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltiplas e Singulares**: História e Memória de estudantes universitários em Teresina – 1930-1970. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da Rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CARVALHO, Alexandre. **Os Brasinhas**: o sonho não acabou. Teresina: EDUFPI, 2002.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. Teresina: Annablume, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. V.1. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio De Janeiro, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

DOBAL, H. **Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos “Annales” à “Nova Historia”. São Paulo: Ensaio, 1992.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **A UNE em tempos de autoritarismo**. Rio de Janeiro: Editora, UFRJ, 1994.

FILHO, Arimathéa Tito. **A augusta casa do Piauí**: síntese histórica. Teresina, 1978.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.v. 4. pp. 440-487.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos**: o breve século XX. Traduzido por Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEAL, Ana Regina Barros Rego. **Mídia e Cultura no Piauí**: Impressões Aparentes. In: SANTANA, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Sensibilidades e subjetividades: cantando dores e amores. In: Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

MUDROVICIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a uma Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília (Org.). **Cultura política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

NORA, Pierre. NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**. A problemática dos lugares. In: Projeto História: São Paulo, SP, 1981. Tradução Yara Aun Houry.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUEIROZ, Teresinha De Jesus Mesquita. **Do Singular ao Plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

ROSSOTO, Ricardo. **Universidade**: nove séculos de História. Passo Fundo: EDIUP, 1998.

RÊGO, Maria do P. Socorro Neiva Nunes do MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **O Curso de Letras da UFPI**: um fio da FAFI. Teresina: EDUFPI, 1991.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2004.

REIS, Daniel Aarão e ROLLAND, Denis (Orgs.). **Intelectuais e modernidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIDENTI, Marcelo. A época de 1968: cultura e política. In: FICO, Carlos, ARAÚJO, Maria Paula (org.) **1968: 40 anos depois**: história e memória. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na Sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura, tradução: Carlos Eduardo Lins da Silva, Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários**. São Paulo: Círculo do livro. 1999.

SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves; PEREIRA, Maria das Graças Moita R. **Presente do Passado**: A Faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2000.

TAVARES, Zózimo. **O Piauí no Século 20**: 100 fatos que marcaram o Estado de 1900 a 2000. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2003. 122p. ilustr.

TERESINA 1852 – 2002. Teresina: Editora Halley, janeiro de 2002. (edição comemorativa dos 150 anos de Teresina, realizada por iniciativa do grupo Claudino).

VERNIERI, Sâmia de Brito Cardoso. **História da propaganda e da publicidade no Piauí**. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.

ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988.

ARTIGOS

BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. **Carta Cepro**. Teresina, v.15, n.1, jan.-jun, 1994, p.75-98.

CARVALHO, Cristiana Portela. **Televisão no Piauí**. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (org). Apontamentos para a história Cultural do Piauí. FUNDAPI, Teresina, 2003.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. **Cidade e Cultura**. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). Apontamentos para a História Cultural do Piauí. FUNDAPI, Teresina, 2003.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. **A presença norte-americana na educação superior brasileira: uma abordagem histórica da articulação entre a fundação Rockefeller e estruturas acadêmicas de São Paulo**. THESIS, São Paulo, ano I, v. 3, p. 54-77, 2º semestre, 2005. Disponível em: <http://www.cantareira.br/thesis2/v2n3/gabriela.pdf>. Acesso em setembro de 2012.

MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. **A história do Ensino Superior no Piauí (1930 – 1960): elementos para sua compreensão e avaliação**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT15/GT1.PDF>. Acesso em maio de 2012.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **História e Cultura: o Rádio como instrumento de formação cultural**. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. Apontamentos para a História Cultural do Piauí. FUNDAPI, Teresina, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: Edusc, 2004, p. 203-216.

SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos. **A Invenção da UFPI: elementos estruturantes e interfaces do poder**. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). História de vários feitios e circunstâncias. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. pp. 9-52.

_____. **Movimento estudantil no Piauí anos 70**. In: *Cadernos de Teresina*, Teresina: FCMC, nº 18, p. 50-56, 1994.

OLIVEIRA, Daniela Felix. **A Praça Pedro II: história e memória dos seus anos dourados (50 e 60 do século XX)**. Anais do I Simpósio em História “História um Convite ao Pensar”: Teresina - PI, 2008. Realização Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. p.1-7.

DISSERTAÇÕES

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, 2006. 229p.

CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento:** um estudo sobre a constituição do *Movimento Estudantil* como uma categoria histórica. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, 2006.

CRUZ, José Vieira da. Juventude e identificação social: experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (1960/1964). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003. 157p. (disponível em www.dominiopublico.com.br acesso em abril de 2013).

LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Curto-circuitos na sociedade disciplinar:** Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, 2006.